

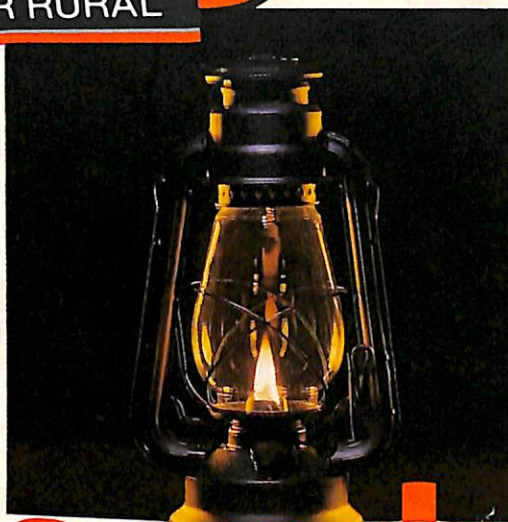
Jan/Fev - 89 - Nº 491 - Ano 45 - NCz\$ 1,80



EDIÇÃO DE
ANIVERSÁRIO

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

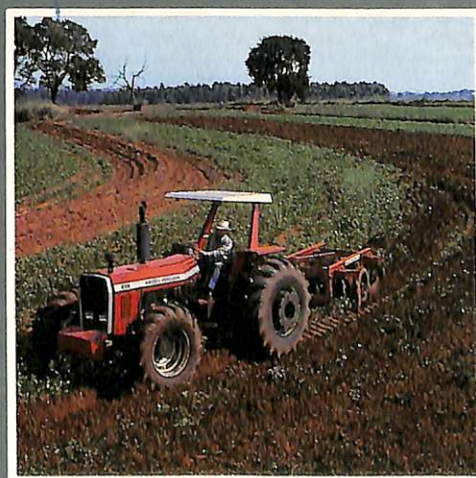
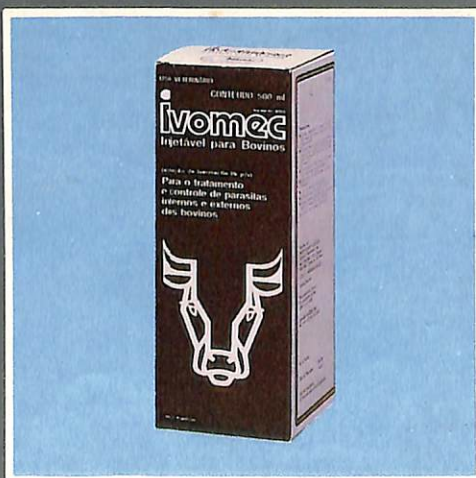
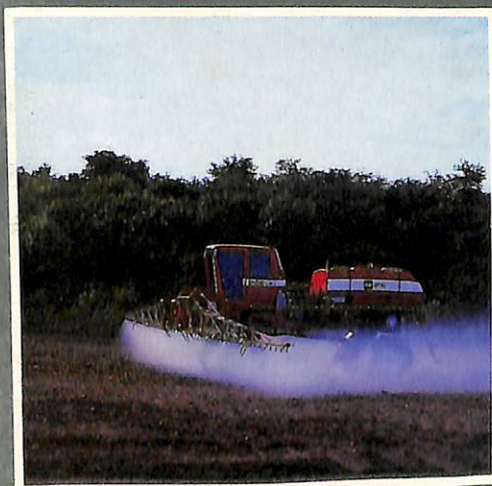


a granja

45 anos

DE PERMANENTE RENOVAÇÃO

O QUE MUDOU E O QUE VAI MUDAR NA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA



Produtos Agropecuários Gerdau.

Seus amigos do campo.



Quem usa arames Gerdau pode confiar que tem cercas sempre fortes, resistentes, duráveis. Tem facilidade no manuseio, tem economia. E tem uma linha completa para escolher o arame certo para a cerca certa. Cerque-se de amigos. Confie nos arames e nos outros produtos para agropecuária do Gerdau. Arames farpados Elefante, Urso e Zebu. Arames lisos Tenaz e Coapa. Além das correntes, cordoalha para curral, arames galvanizados, distanciadores Cercafix, pregos e grampos para cerca.

SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.
Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS.
CEP: 93200 - Tel.: (0512) 73-1288.

COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA
Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ.
CEP: 23568 - Tel.: (021) 305-1515.

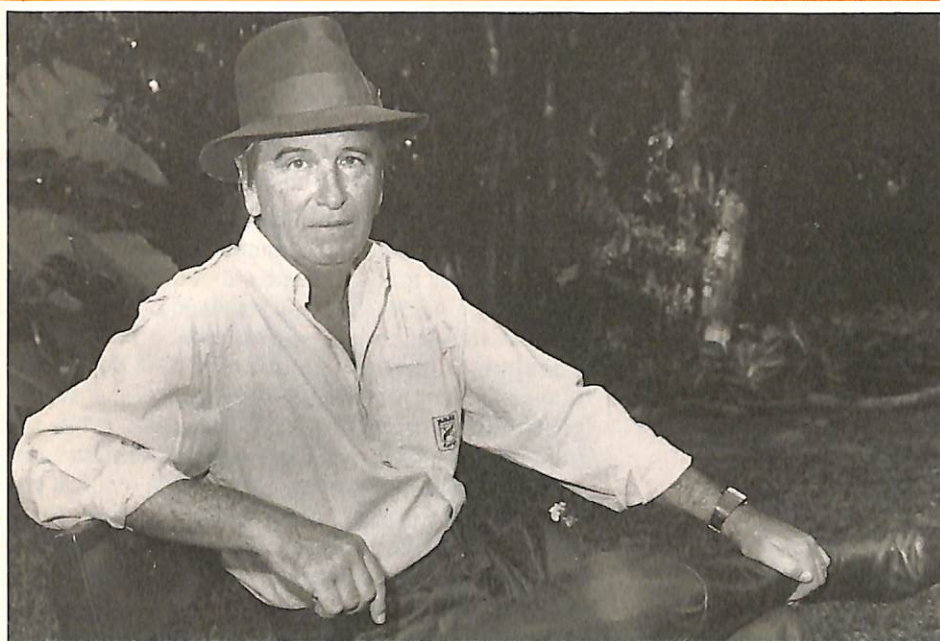
SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.
BR 232, Km 12,7 - Recife - PE.
CEP: 50791 - Tel.: (081) 251-3488

QUALIDADE



Standard

Uma receita de sucesso: pisar na bosta e comer a poeira das lavouras



Hoffmann: "O Brasil é um país cheio de contrastes, que se dá ao luxo do desperdício"

Hugo Hoffmann, diretor-presidente da Editora Centaurus, responsável pelo produto **A Granja**, começou no ramo das comunicações aos dezessete anos de idade. Antes disso, foi faturista numa grande empresa industrial.

É contabilista e economista. Mas, na adolescência, seu grande sonho era ser escritor. O máximo que conseguiu foi jogar tênis aos sábados e domingos com Erico Verissimo, no Petrópole Tênis Clube, e passar pelas redações do Correio do Povo, Diário de Notícias e Jornal do Comércio, de Porto Alegre. Através da vivência jornalística e da teoria econômica, descobriu a publicidade. E assim, aos 23 anos de idade, fundou a Mercur Publicidade. Aos 35 anos, adquiriu a revista **A Granja**. Achou imprescindível que a empresa, Editora Centaurus, adquirisse uma propriedade rural para servir de respaldo prático à atividade jornalística. Foi assim que aprendeu a ser pecuarista e agricultor, dirigindo o Rancho Centaurus.

A Granja — Qual a receita do sucesso d'A Granja que fez ela ser a revista mais antiga do Brasil?

Hugo Hoffmann — Acho que o sucesso se mede pelo resultado. Está aí. A revista **A Granja** é o veículo de informação mais antigo do Brasil. É preciso dizer algo mais? Existem jornais mais antigos. Revistas, não. A vida é como uma grande partida de futebol. Tem defesa. Tem ataque. Tem drible. Tem catimba. Tem sobretudo tática, organização e amor à camiseta. Quando a receita tiver esses ingredientes, a consequência natural e lógica é bola na rede. O que vale é isso: bola na rede. Se cada edição de **A Granja** não tivesse sempre acrescentado algo mais para o leitor, teríamos perdido os leitores e, como consequência, a revista. Como nada disso aconteceu, acho que todos nós que trabalhamos para **A Granja**, e principalmente nossos leitores, que são os nossos acionistas (eles compram o produto antes de ler), devemos estar imensamente satisfeitos por comemorar 45 anos de vivência ininterrupta da revista.

A Granja atinge principalmente o vizinho líder. O que distingue nosso leitor é a determinação de aprender, melhorar, lutar

P — Mas, afinal, onde está a grande força d'A Granja?

R — Acho que não existe uma grande e exclusiva força motivadora. O sucesso da revista é, sem dúvida, um *mix* de *marketing*, anteriormente intuitivo e hoje perfeitamente identificado, e, como tal, planejado e direcionado ao segmento a quem nos dirigimos. Quem é o nosso segmento? Embora não tenhamos a expressão “rural” no título, somos, sem dúvida, a mais rural das publicações brasileiras. No segmento, nossa identificação, nossa linguagem, nossa informação é dirigida ao produtor rural que quer e precisa estar bem informado. Ao homem que precisa da técnica, pois a tecnologia deverá ajudá-lo em termos de maior produção, mais produtividade, sem esquecer o binômio custo/benefício. Assim sendo, o produtor rural (agricultor e pecuarista), o técnico agrícola, o estudante, o agrônomo, o veterinário, o zootecnista, formam o grupo de maior peso que assina religiosamente a nossa revista.

A Granja, desde a sua primeira edição, sempre fez um jornalismo com cheiro de estábulo. Dormir mal, agüentar o frio e o orvalho da noite, pisar na bosta e comer o pó das lavouras recém-lavadas, isso faz parte do dia-a-dia. Nós somos do ramo. Essa profunda identificação com os anseios do meio faz parte de nossas forças como veículo de formação de opinião. Aliás, **A Granja** atinge

principalmente o vizinho líder. Aquele que primeiro inova. Aquele que, não sendo poeta, sonha com lucros. Este homem sonhador, empreendedor, que está aberto para o assessoramento dos técnicos, é o nosso leitor. Ele pode ser pequeno, grande ou médio produtor rural. O que distingue o nosso leitor é a determinação de aprender, melhorar, lutar.

Não há nada mais estimulante do que a vitamina do lucro

P — Nos discursos, é comum ouvir-se dizer que o futuro do Brasil está na agricultura. Dá para acreditar nisso?

R — No papo-furado dos políticos não dá. É mera retórica. Mesmo porque o governo e especialmente a ação dos políticos sempre frearam a agricultura. O negócio é deixar a carreta andar. As melancias já vão se acertar. Veja: desde o tempo de Juscelino candidato — e isto já faz mais de trinta anos — a meta governamental, dita e repetitiva, foi sempre de auto-suficiência do trigo. Governos de matizes as mais diferentes meteram aí a sua colher torta e até hoje não se resolveu o problema. O inverso deu-se com a soja e com a laranja, por exemplo. O lucro é a grande vitamina do sucesso. Havendo perspectiva de bons preços, o resto a gente faz. O agricultor, por exemplo, é um tipo humano fantástico. É um herói por temperamento. Um jogador nato. Ele luta contra o sol, a chuva, a seca, as pragas, a burocracia, os Funaros da vida, os especuladores, as más notícias da imprensa e televisão, e continua a plantar! Planta tanto que hoje não temos problemas de abastecimento e o setor primário contribui com 35 por cento do nosso *superavit* de exportação. Teoricamente, hoje, o campo não precisa de ninguém, além do preço. O produtor rural com dinheiro na guaiaca dispensa até crédito subsidiado. Fora da computação, que é um problema mais urbano que rural, a nível de campo o Brasil já tem um aporte tecnológico para desenvolver sua área agrícola.

P — Mas, se produzirmos muito, não vai haver problema de armazenamento?

R — Ah, vai. Aliás, o Brasil tem capacidade de, em boas condições, armazenar apenas 25 por cento daquilo que produz. Os Estados Unidos, em contrapartida, podem armazenar quatro safras consecutivas. O negócio é criar o caso. É só o governo, com seus indefectíveis burocratas, não se meter, que tudo se resolve com criatividade e rapidez. Neste setor, aporte tecnológico a gente tem de sobra. Novamente, é só não atrapalhar.

O Brasil consegue
armazenar apenas
25 por cento
de sua safra,
em boas condições

P — O que precisa ser mudado na agricultura brasileira?

R — A agricultura, a indústria e o comércio não são ramos independentes da atividade humana. Ao contrário. São absolutamente interdependentes. Assim, solicitar capital de giro subsidiado para a agricultura, indústria ou comércio é apenas reivindicar a migalha do banquete da prosperidade mundial. Nossa preocupação deverá ser permanentemente a inflação, a explosão demográfica e a falta de informação atualizada do que está acontecendo de desenvolvimento tecnológico. Nenhum país, até hoje, conseguiu prosperar com inflação. Produzir um Uruguai por ano também não é suportável. E fechar-se ao aporte tecnológico é simples suicídio. Se a sociedade como um todo não tiver sensibilidade, vontade e coragem para atacar estes 'três mosqueteiros' do mal, a vaca vai pro brejo.

*Inflação, explosão
demográfica, empreguismo,
excessiva carga de impostos.
Não dá para conviver com
essas pragas*

P — E o empreguismo do governo federal, estadual e municipal?

R — O empreguismo é como o carrapato. A vaca não morre do carrapato, mas fica tão debilitada pelo seu ataque voraz que acaba dando todas as condições para uma morte prematura. Aliás uma boa idéia seria *tacar* carrapaticida em cada traseiro que não encontre assento nestes depósitos humanos que levam o nome de repartição. Lamentavelmente, acabamos de, mais uma vez, assistir ao deprimimento e safado jogo-de-empurra do governo sobre a famosa dispensa dos absolutamente dispensáveis. Outra praga que corrói o homem do campo, como também o da cidade, são os impostos. Brasil, campeão mundial da sobrecarga fiscal, onde os impostos diretos, indiretos, compulsórios e taxas servem principalmente para alimentar o segmento improdutivo da sociedade. Até quando a sociedade produtiva — aquela que pro-

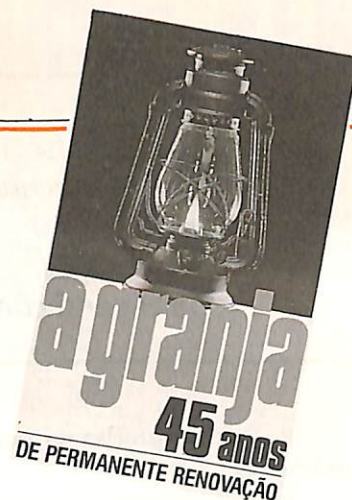
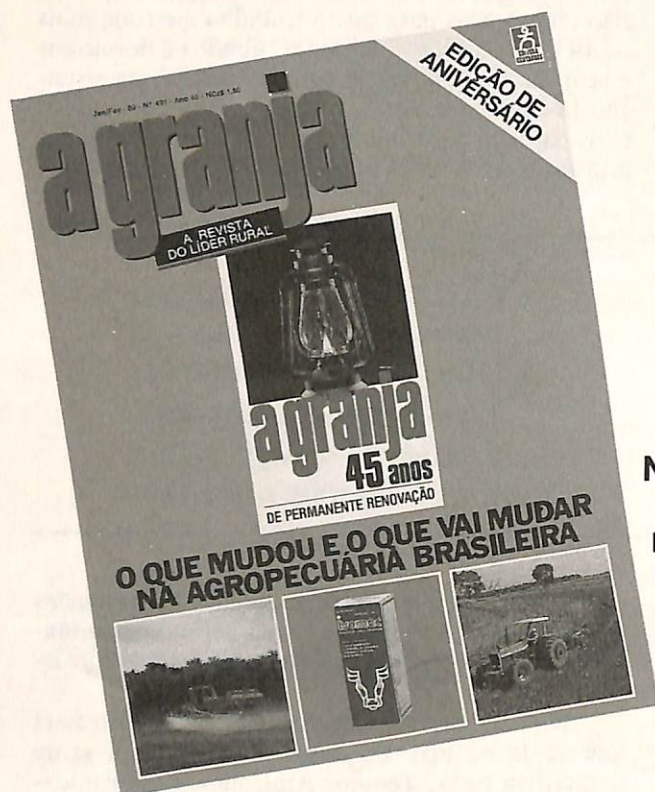
duz carne, arroz, feijão, algodão, lã, soja, etc. — vai carregar nas costas o bando dos que nada fazem e tudo reivindicam, é uma resposta que eu não tenho. Mas para quem trabalha e estuda mais de 14 horas diárias, incluindo sábados e domingos e sem direito a férias, a permanência desta situação já começa a me impacientar. Afinal, é muito carrapato no meu lombo. E o diabo é que quem está fazendo as leis é aquele grupo não produtivo.

*Não podemos dar-nos ao
luxo de perder tempo.
O Brasil é um país viável.
Desde que se dêem ao
brasileiro condições de
produzir e novos horizontes*

P — Além de botar carrapaticida naqueles que nada produzem, o que mais seria recomendável para que a gente se torne um país viável e próspero?

R — O Brasil é um país cheio de contrastes que se dá ao luxo do desperdício. Aqui a gente desperdiça tudo. Tempo. Amizades. Oportunidades. Dinheiro. Comida. Você já reparou no que vai fora de comida? Na casa do abastado, do pobre e do classe média. Eu só queria ficar com o que vai fora de comida dos restaurantes e principalmente churrascarias, num fim de semana. Certamente ficaria rico.

Na medida em que o país tiver a coragem de se livrar do paternalismo, do protecionismo exagerado, do estatismo imobilista que cada vez mais nos deixa e deixará na condição de nação terceiro-mundista, seremos um país viável. Desde que lhe dêem condições e horizontes, o brasileiro fará de seu país uma nação viável. Nós não podemos dar-nos ao luxo de perder tempo, que é o mais terrível dos desperdícios. No entanto, desde 1980 estamos perdendo tempo. Uma década perdida, nossos bois continuam indo para o abate aos quatro anos, quando deveriam ir aos 30 meses, e nossas vacas nem de longe produzem no mínimo 12 litros diários. Depois de 30 anos de atraso, a China deixou de perder tempo. Os Estados Unidos ainda estão a mil em todos os setores. O Japão é uma comunidade rica e ascendente, viável, mesmo não tendo um pinga de petróleo e nem de minério de ferro. Hong-Kong, Formosa, Cingapura e Coréia são quatro tigres que mordem os nossos calcanhares. Em 1992 nascerá uma nova nação com 270 milhões de consumidores de primeira classe, composta de 12 nações, sem fronteiras. Precisamos com urgência voltar nossos olhos para o que acontece ao redor. Temos gente, temos clima, temos solo. Somos inteligentes e criativos. Resolvida nossa imaturidade de país adolescente, poderemos voar alto. E muito alto. 



Nossa Capa:

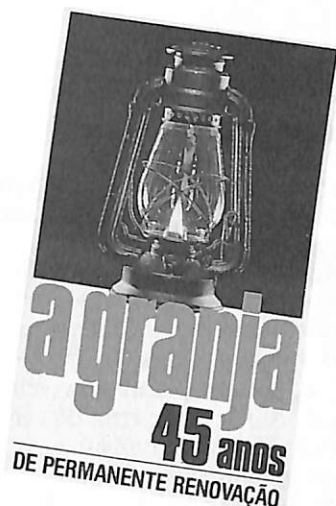
Nesta edição de aniversário, ilustram a nossa capa o pulverizador autopropulsionado Macspray, da Damac Agro-Tecnologia; o antiparasitário Ivomec injetável para bovinos, da Merck Sharp e Dohme; e o trator MF 275, da Massey Perkins.

Seções

Caixa Postal.....	8
Porteira Aberta	9
Eduardo Almeida Reis.....	10
Aqui Está a Solução.....	12
Mundo da Lavoura	13
Flash	69
A Granja Leilões	70
Novidades do Mercado.....	72
Ponto de Vista.....	74

Reportagem de Aniversário

A saga do Progresso no Campo	15
• Arroz: A lavoura industrial	18
• Algodão: A luta contra o bicudo	20
• Trigo: Rumo à auto-suficiência	24
• Milho: Genética & Produtividade	26
• Leite: A busca do lucro	28
• Suínos: Saindo da crise	32
• Aves: A garantia do mercado externo	34
• Café: Soluções a caminho	38
• Cana-de-açúcar: Crescimento com o Pro-álcool	40
• Citros: Uma cultura milionária	44
• Soja: Em 89 tudo OK	47
• Ovinos: A história de um crescimento	52
• Eqüinos: O hobby que virou business	56
• Pecuária bovina: Mercado Indefinido	58
• Horticultura: A vitória da horta cooperativada	60
• Máquinas: O lucro comanda o espetáculo	62
• Agroquímica: Independência aos 20 anos	64
Tributação: A parte do boi que o Leão come	67



O desafio da renovação permanente

Editar a primeira revista rural especializada do Rio Grande do Sul, em 1944, em plena II Guerra Mundial, não foi uma tarefa fácil. Como também não tem sido fácil manter acesa a chama do ideal de seu fundador nestes 45 anos de ininterrupta vivência.

Mas **A Granja** aqui está, neste pós-Carnaval de 1989, como sempre esteve: informando o leitor do que aconteceu, acontece e provavelmente vai acontecer.

A lei da independência

Apesar de ser uma revista eminentemente técnica, **A Granja** vive, sofre e vibra com o dia a dia. Informa e dialoga com o homem, a quem se destina. Sua fonte de receita são as assinaturas, a venda em bancas e os anúncios. Nunca, em tempo algum, **A Granja** recebeu auxílios de qualquer espécie de entidades, associações, segmentos de interesse ou qualquer tipo de favorecimento governamental que não tenha sido a compra de espaço, aberta e com assinatura.

A independência tem sido uma lei rigorosamente cumprida pela casa. Talvez essa seja uma das razões por que estejamos comemorando 45 anos de existência.

O compromisso da qualidade

Quando uma publicação nasce, ela assume um compromisso. O compromisso de levar a informação certa. Compromisso que se amplia na medida em que os horizontes se ampliam. A proposta inicial, que se propunha ao incentivo e desenvolvimento da pecuária bovina leiteira, suinocultura e avicultura, hoje extrapolou para atividades mais amplas e complexas do setor primário. Igualmente, as fronteiras gaúchas há muito que foram vencidas. **A Granja** tem leitores em todo o Brasil. Nos Estados Unidos, Europa, América Latina, Angola e Moçambique, por incrível que pareça. Custa-nos caro remeter a revista para fora do país. E nós não cobramos nenhum adicional. O nosso compromisso é com o leitor. Esteja ele onde estiver.

O nosso compromisso é levar mensalmente a informação que o leitor não encontra em outros veículos de informação. Seguramente, essa seriedade em levar a efeito até o fim o compromisso assumido faz com que **A Granja** esteja festejando seus 45 anos bem vividos.

A confiança conquistada, número após número

Sem credibilidade, nenhuma publicação vai longe. Essa a matéria-prima d'**A Granja**. Mas confiança não se impõe. Adquire-se. Dia a dia. Ano a ano. Seguramente, sem este patrimônio, não atingiríamos os 45 anos de idade.

Nossa busca constante: fabricar um produto de qualidade, independente e confiável

O leitor sabe que acreditamos nos velhos e permanentes princípios acima registrados. E sabe, também, que são exatamente esses velhos e permanentes princípios que levarão cada mês a informação inovadora para o aperfeiçoamento da atividade rural.

45 anos de permanente renovação não é um simples *slogan*. É todo um posicionamento jornalístico. É um conceito editorial. É uma filosofia de ação.



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska
Diretor-executivo:
Léo I. Stürmer

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Paulo Alberto de Moraes (editor), Hamilton Beyer de Carvalho, Jomar de Freitas Martins (repórteres), J.M. Alvarenga (fotografia), César Antenor de Marchi (revisão).

COMPOSIÇÃO E ARTE

Luiz Alberto O. da Fonseca (supervisor), Jair Marmet, Lecilda Alves Caliendo (composição), Júlio Costa Jardim (arte-finalista).

CIRCULAÇÃO

João Manoel M. Prates (gerente de vendas de assinaturas), Antônio João Carazo (gerente de venda avulsa), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

PUBLICIDADE (RS)

Maria Cristina Pereira dos Santos (contato).

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Jânio de Oliveira (gerente), Iara Lombardi, Luis Carlos Faloppa (contatos), Edson Tito Teixeira (repórter).
Praça da República, 473, 10.º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, CEP 01045, São Paulo.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - International Press Publicidade e Assessoria Ltda., avenida W/3 Sul, Q. 505, bl. "A", n.º 51, 2.º andar, CEP 70350, fones (061) 244-3838 e 244-3822, Brasília; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, rua Alcides Munhoz, 69, conj. 31, fone (041) 225-1972, CEP 80000, Curitiba; PERNAMBUCO - Elenco Representações e Empreendimentos Ltda., rua da Aurora, 295, conj. 505, fone (081) 221-1955, CEP 50050, Recife; RIO DE JANEIRO - Intermedia Representações Ltda., avenida Gomes Freire, 315, sala 605, fone (021) 224-7931, CEP 20231, Rio de Janeiro.

Custo da assinatura

Ligue a cobrar (90512) 33-1822

a granja

é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob n.º 088. p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. Exemplar avulso, NCz\$ 1,80; exemplar atrasado, NCz\$ 2,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.

CAIXA POSTAL Nº 2890

Pesquisa contestada

"A revista A Granja, em seu número 488, página 64, publica nota sobre a azeitona mineira. Na verdade, a pesquisa feita pela Epamig está paralisada há cinco anos. Se é certo que a enxertia no ligustrum representou um notável avanço, também é certo (e isso foi omitido) que, no transplante do viveiro para o campo, há uma perda de cerca de 75 por cento das mudas no espaço de um ano. Atualmente, partindo dos resultados da Epamig, a Fazenda Santa Maria, localizada em Delfim Moreira, no sul de Minas Gerais, prosseguiu nas pesquisas e, graças à tecnologia desenvolvida em seu próprio campo experimental e à troca de know-how com olivocultores da Europa e do Peru, vem alcançando resultados positivos em mais de 90 por cento dos casos. E mais: as oliveiras cultivadas com essa nova técnica estão produzindo seus primeiros frutos com dois a três anos de vida, enquanto que, seguindo apenas a técnica da Epamig, as plantas levam de cinco a seis anos e não três ou quatro, como foi noticiado, para começar a produzir."

H. P. Galvão
São Paulo/SP



Porco solto

"Li com muito interesse o artigo sobre porcos de pasto e venho recomendando a edição número 485 aos suinocultores. Quero acrescentar que os nossos trabalhos com a criação de porcos antecederam a 1970 e já foram publicados em livros, não se constituindo em novidade; porém, sem dúvida, é a solução para a suinocultura brasileira."

José Ferraz Godinho
Sorocaba/SP

Chinchila

"Sou assinante da revista e tive a oportunidade de ler no anuário 88/89 a excelente reportagem sobre 'a pequena notável' chinchila. Sou um fã incondicional da revista."

Sérgio Souza Ferreira
Cambé/PR

Aniversário I

"Pelo aniversário deste veículo de comunicação, enviamos cumprimentos e votos de êxito permanente na tarefa de bem informar a comunidade."

Roger Ian Wright
Adubos Trevos S/A
Porto Alegre/RS

Aniversário II

"Parabéns pelos 45 anos de A Granja. Tudo de bom para o ano novo."

Peter Burnke
Bayer do Brasil S/A
São Paulo/SP

Annoni repercute

"Sinceros cumprimentos pela entrevista de Bolívar Annoni na revista A Granja de dezembro. Foi uma lição de economia e patriotismo."

Geraldo Tollens Linck
Rosário do Sul/RS

Emprego

"Sou técnico em agropecuária, formado pelo Colégio Agrícola Nilo Peçanha, do Rio de Janeiro. Tenho experiência profissional na área de confinamento de gado, armazenagem de grãos e demais setores agrícolas. Posso curso de inseminação artificial e me coloco à disposição de qualquer interessado em todo o país."

Paulo Pantel
Fazenda Campo Verde
Camanducaia/MG - CEP 37650

Negócio de pesos-pesados

Carlos Fillola, gerente para a América do Sul da Pitman-Moore, cujo anabolizante Ralgro está proibido no Brasil, agora começa novamente a sorrir, porque sua empresa acaba de assinar carta de intenção de compra do mundialmente conhecido Grupo Coopers, que pertence à ICI e Wellcome. No Brasil, a Coopers tem forte posição, principalmente, no setor de parasitocidas, possuindo em todo o mundo 3.400 colaboradores, sendo seus principais mercados a Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Brasil, Austrália e Nova Zelândia. A Pitman-Moore, uma subsidiária da IMC, é representada no Brasil pela M. Cassab.



Velhos amigos

Quando se aniversária, uma das coisas que a gente faz é recordar as boas lembranças. Como esta, que a Adubos Trevo, com sede em Porto Alegre, do Grupo Luxma, preparou. Essa organização fez incluir em seu prospecto, que

conta a história da empresa, o primeiro anúncio veiculado na revista **A Granja**. Isto é, desde o primeiro número, os velhos amigos se encontram e confraternizam o seu pioneirismo. **A Granja**, desde 1944, e a Adubos Trevo, desde 1930.



Marketing de fertilizantes

O chefe da Gerência de Vendas (Given) da Petrofertil, Cláudio Barrozo, participou, recentemente, do Programa de Treinamento Gerencial em Marketing de Fertilizantes, promovido pelo International Fertilizer Development Center (IFDC), na cidade de Muscle Shoals, do estado do Alabama. No encontro, Barrozo adquiriu amplo conhecimento sobre o mercado de fertilizantes de 14 países e, conseqüentemente, trouxe para o Brasil importantes informações que poderão beneficiar o mercado interno.

Na ocasião, ele constatou que, com exceção dos Estados Unidos, o governo de cada país participa ativamente na produção de matérias-primas para fertilizantes, uma atividade que exige altos investimentos e por serem esses insumos dos mais importantes à produção agrícola. Barrozo pôde notar também que a maioria dos países subsidiava a sua agricultura através da indústria de fertilizantes e que, nos Estados Unidos, há grande integração entre universidades, agricultores e cooperativas de extensão rural.

Maçã brasileira na Holanda

Os produtores de maçã dos estados do sul estão rindo à toa por causa de um contrato de exportação dessa fruta que foi concertado com os europeus. São os holandeses, que vão pagar três milhões de dólares pela importação de duas mil e 500 toneladas de maçã. Com isso os pomicultores se livram de dois problemas: a queda dos preços no pico das safras e a ineficiência na armazenagem da fruta. Isso mostra que o velho refrão de que a união faz a força ainda está bem vivo, pois o sucesso da empreitada se deveu ao "pool" formado por oito empresas, duas gaúchas e seis de Santa Catarina.

Uma jovem senhora revista

Sou do tempo das Odetes, coisa que muito me preocupa. Fosse do tempo das Priscillas e teria dez anos menos. Melhor que isso: fosse do tempo das Renatas, ou das Patrícias, e andaria hoje na flor dos meus vinte e poucos aninhos.

Não sei se o meu bom leitor já reparou que a cronologia também se escreve com as preferências onomásticas, e que os nomes vêm por safras, aos borbotões, caracterizando perfeitamente a idade das pessoas. Odetes e Marias das Dores saíram de moda há mais de 50 anos, daí minha preocupação com o fato de ser do tempo das Odetes. As Priscillas, quase todas, têm hoje 40 anos, enquanto as Renatas e as Patrícias nasceram de 1960 para cá.

Neste contexto, **A Granja**, na flor dos seus 45 aninhos, está muito mais para as Priscillas do que para as Odetes. Enquanto revista agropecuária, não se aflige com os problemas que podem preocupar as jovens senhoras de sua idade. Até pelo contrário, sabe aliar a uma inegável experiência o entusiasmo resultante do fato de renovar-se constantemente.

Vim parar nesta página em março de 79. Naqueles idos, eu habitava uma fazendinha nas serras do Rio de Janeiro, que contava com as comodidades de um telefone DDD. Um dia, estando no escritório, recebi telefonema do pessoal d'**A Granja**, perguntando se eu não gostaria de escrever uma crônica permanente. Assim comecei e aqui estou até hoje.

Gosto muito de ter inteira liberdade para escrever sobre aquilo que bem entender, mas compreendo que as publicações tenham seus critérios editoriais. Portanto, escrevo com total liberdade e o editor publica o que acha que deva ser publicado.

É verdade que me submeto voluntariamente a uma espécie de censura particular. Aqui na Editora Centaurus, por exemplo, alguns dos diretores são gaúchos de origem alemã. Por isso, é compreensível que eu evite falar mal dos sulinos de etnia germânica, no que faço muito bem, porque não desgosto dos meus diretores, nem minha família, que também é do Sul e de origem alemã (Müller).

Nas muitas vezes em que julguei necessário desancar indivíduos ou instituições, contei sempre com o respaldo de **A Granja**. Pode ser, até, que em muitas destas briguinhas eu não fosse o dono da verdade, nem estivesse com a razão. Mas sempre tive liberdade para espernear, às vezes usando cinco laudas, para desespero do editor e da diagramação, obrigados a acomodar 1.500 palavras nos limites de uma página impressa.

Têm eles carradas de razão. Qualquer coisa além de três laudas datilografadas em espaço dois fica de difícil digestão. Devo uma palavra de louvor, também, ao Jomar de Freitas Martins, que deve ser o melhor revisor do mundo. Ou, pelo menos, o melhor com o qual já trabalhei, apesar da mania, herdada do Luft, de grafar os nomes das raças de animais com iniciais minúsculas — nelore, guzerá, gir —, quando eu gostaria tanto de escrever Nelore, Guzerá e Gir...

Não raras vezes, atraso a remessa das matérias, de caso pensado para ser cobrado pela revista, em sucessivos telefonemas de Porto Alegre. Explico: sou literalmente tarado pelo sotaque das gaúchas, pelo seu *tutear sexy*. Na próxima encarnação, não abro mão de me casar com uma gaúcha. Por que na próxima? Ora, porque, sendo do tempo das Odetes, já dei esta encarnação por perdida. E o leitor cinquentão há de concordar comigo.

Só depois de três ou quatro telefonemas, embevecido ainda pela musicalidade verbal das funcionárias da revista, cuido de remeter a matéria pelo correio.

No caso de hoje, para festejar os 45 anos desta jovem senhora revista. Seu compromisso tem sido, ao longo de todos estes anos, com o produtor rural e com os técnicos nos diversos ramos da agropecuária. É bem cuidada, bem impressa e tem credibilidade — coisa rara nos dias que correm.

Por via desta página, fiz uma porção de amigos. E meia dúzia de inimigos, que servem para dar sabor à vida. Encontro **A Granja** em minhas andanças por aí, do Acre ao Nordeste, do Amapá ao Rio Grande do Sul. E sei que é muito lida lá fora, porque tenho recebido inúmeras cartas de leitores que moram no estrangeiro. Um deles, que é hoje grande amigo meu, tomou conhecimento deste modesto cronista rural quando dirigia gigantesco grupo multinacional na Venezuela. E me fez o favor de trazer, em sua primeira viagem ao Brasil, enorme caixa de charutos de Havana.

Portanto, ainda quando não fique milionário, o cronista corre o risco de ganhar os melhores charutos do mundo. E se diverte à beça.

É DA FAMÍLIA, É DE CONFIANÇA.



A colheita é a hora da verdade. Onde a utilização de máquinas com tecnologia mais avançada pode fazer muita diferença. É a hora de ficar com Massey Ferguson.

As colheitadeiras Massey Ferguson 1630, 3640 e 5650 possuem o exclusivo cilindro de alta inércia, que evita embuchamentos, elimina a sobrecarga do motor e garante a produtividade.

Sua maior área de separação e

melhor sistema de limpeza garantem perda mínima, sem quebra de grãos.

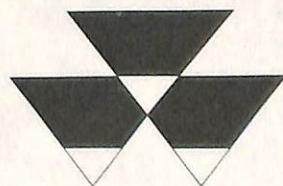
A localização da plataforma do operador permite perfeita visão do corte da lavoura e melhor controle de descarga do graneleiro.

E a Rede de Assistência Técnica Massey Ferguson – a maior do país – está sempre a postos, para superar dificuldades e orientar a operação para maior eficiência e rendimento.

Venha até um Concessionário

Autorizado buscar a sua colheitadeira Massey Ferguson.

E fique com quem é de confiança.



MASSEY FERGUSON
A FORÇA DA FAMÍLIA.

Espantando o morcego

“Moro numa chácara e queria saber como espantar os morcegos que sujam tudo na garagem durante a noite. A garagem não é fechada na parte da frente e é toda revestida de madeira. Já passei todo o tipo de repelente nas vigas onde eles se penduram, mas de nada adiantou.”

Karla Janz Torres
Curitiba/PR

As soluções neste caso específico são escassas, segundo explica o coordenador do Programa de Combate à Raiva da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Rio Grande do Sul, Nilton Antônio Rossato, lembrando que a alternativa mais prática é colocar uma porta na garagem. Outra saída seria construir um forro, impedindo o acesso dos morcegos às vigas. Num terceiro momento, ele também aconselha ventilar o ambiente, pois os morcegos têm predileção pelo seu cheiro e pela umidade. O uso de repelentes, como o enxofre e a naftalina — que em tese alterariam as condições consideradas ideais pelos morcegos, forçando-os a buscar outro refúgio —, no caso de ambientes abertos funcionariam com pouca eficácia, tendo em vista que o forte cheiro destes produtos logo se dilui. Esta solução é utilizada com êxito no caso de ambientes fechados, como, por exemplo, o sótão de uma casa.

Calendário de hortaliças

“Necessito de um calendário de todas as hortaliças com épocas certas de plantio, bem como os principais cuidados quanto ao controle de pragas e invasoras.”

Cyro Callovy Filho
Pelotas/RS

O referido calendário, com as épocas corretas da semeadura de hortaliça, consta de duas publicações da Editora Centaurus: A Granja do Ano números um e dois, publicadas respectivamente nos anos de 1986 e 1987, que podem ser obtidas junto ao Departamento de Circulação da editora.

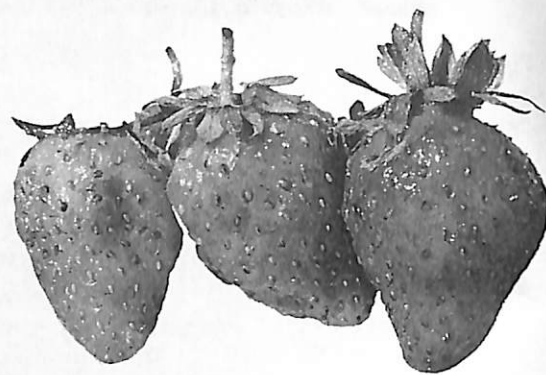


Endereço ecológico

“Somos da Escola Agrotécnica e precisamos do endereço da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), fundada pelo professor José Lutzenberger.”

Oswaldo Silva
Santa Bárbara do Oeste/SP

O endereço é General J. Telles, 522, CEP 90210, fone (0512) 28-7352, Porto Alegre/RS.



Morangos

“Solicito informações sobre o cultivo de morangos. Sou técnico em agropecuária e desejo iniciar uma plantação comercial. Necessito de normas literárias sobre o assunto para saber a época de plantio para o sul de Santa Catarina, adubação e colheita, entre outros itens.”

Evandro Niehues
Treze de Maio/SC

A época de plantio se estende de março a maio no sul de Santa Catarina e a safra é colhida a partir do mês de agosto. O Centro de Pesquisa da Pequena Propriedade, da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (Empasc), de Chapecó, editou um livreto sobre o cultivo de morangos, de autoria dos pesquisadores Elói Scherer e Luis Carlos Verona. A publicação é distribuída gratuitamente. Basta escrever para o CPPP, da Empasc, caixa postal 791, CEP 89800.

Produção de cogumelos

“Sou leitor desta conceituada revista e necessito saber como entrar em contato com produtores de cogumelos, conforme matéria veiculada na edição de julho de A Granja.”

Niwtion Castro Moraes
Pedra Azul/MG

Um dos maiores produtores de cogumelos comestíveis do país é a Fazenda Petim, localizada na Estrada RS-5 s/nº, em Guaíba/RS, CEP 92500, fone (0512) 80-1029, com sr. Paulo Roberto Pêgas. Outras informações poderão ser obtidas também junto ao Departamento de Botânica da Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, com a bióloga Vera Lúcia Bononi, fone (011) 275-3322.



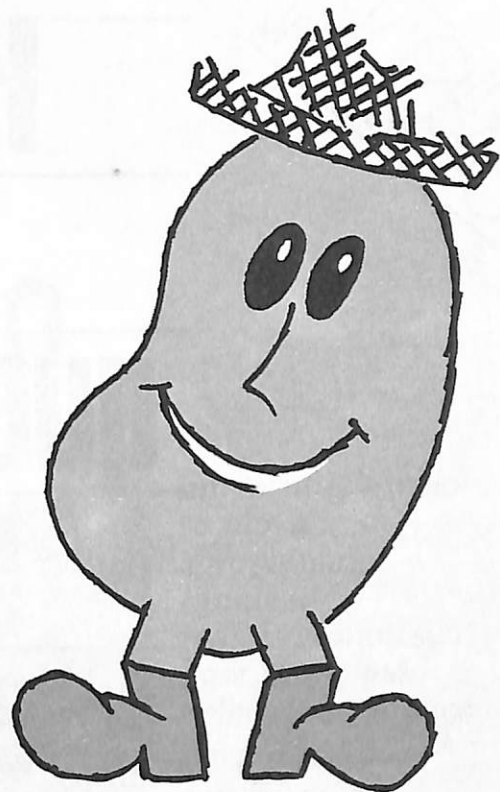
Está chegando o mineiro precoce

Já está no mercado mais uma variedade de sementes de feijão mulatinho. É o "mineiro precoce 1913", com capacidade para produzir 2.500 quilos por hectare, tendo como característica principal a sua precocidade — 63 a 81 dias, enquanto nas variedades comuns o ciclo se estende até 105 dias.

O mineiro precoce 1913 foi desenvolvido na Estação Experimental de Gorutuba e servirá para plantio específico no período das secas, conforme explica Geraldo Andrade Araújo, coordenador do Programa de Feijão da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas

Gerais (Epamig). Ele observa, também, que essa nova semente tem boa resistência ao ataque da doença "murcha do fusarium", cuja vítima principal é a variedade carioca, hoje a mais plantada do Brasil.

Os experimentos com mineiro precoce 1913 foram feitos em regiões diferentes do Estado mineiro, e atualmente a Epamig dispõe de cinco toneladas de sementes para multiplicação, com o objetivo de fazer o estoque de sementes básicas. Após a multiplicação, essas sementes serão distribuídas aos produtores de sementes certificadas.



Depois da chuva e da seca, a ordem é cuidar bem do solo

O preparo adequado do solo é uma das condições essenciais para alcançar boa rentabilidade nas lavouras. Por isso, o pesquisador Luiz Carlos Hernani, da área de solos da unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Dourados, lembra alguns cuidados importantes no trato com a terra, para a safra 88/89 da lavoura de verão no Brasil Central.

• **Eliminação das queimadas** que expõem o solo à ação dos raios solares e das gotas de chuva. Os raios provocam variação da temperatura, diminuição da matéria orgânica, elevam os níveis de evaporação, aumentam a desagregação do solo e diminuem a umidade.

• **Resíduos sobre o solo** preservam as qualidades químico-físicas da terra, controlam a umidade, a temperatura e evitam os efeitos nocivos dos raios solares e da chuva. Por isso, sua maior permanência do solo é um eficiente meio de reduzir a erosão hídrica.

• **Descompactação** do solo nas áreas do plantio, identificando a camada de profundidade compactada, utilizando para isso trincheiras ou penetrômetro de impacto. O trabalho pode ser feito com implementos de hastes quando o solo estiver mais ou menos seco, passando-se a ponta das hastes logo abaixo da camada compactada. Solos compactados de pouca profundidade podem ser reestruturados com arados de aiveca ou de discos, desde que sua profundidade de trabalho esteja abaixo da camada endurecida.

• **Plantio direto** é outro recurso que o produtor pode utilizar. Porém, o sistema deve ser introduzido em pequenas áreas, previamente escolhidas, que ofereçam características apropriadas, tais como baixa infestação de plantas daninhas e solos de boa fertilidade (ou bem corrigidos), e utilizando-se culturas que permitam a permanência de grande volume e durável sobre a terra.

Definidos os cultivares de feijão para o MS

A Comissão de Recomendação de Cultivares de Feijão, que reúne instituições de pesquisa como a Embrapa, Empaer, IAC, Empa, Engopa, FT, Cotia, Cotrijui e Epamig, já definiu as recomendações para a próxima safra de feijão para o Mato Grosso do Sul. A época adequada para plantio de feijão no estado são os meses de março, abril e maio e estão recomendados os cultivares carioca, carioca 80, rio tibagi, ouro, FT 120, carioca 80-SH e jalo EEP-558, segundo informa o pesquisador responsável por esta área na Uepae de Dourados, André Melhorança. De acordo com o pesquisador, entre os cultivares destacam-se o ouro e FT 120, materiais novos, bastante produtivos, cuja média de rendimento gira em torno dos 1.500 quilos por hectare, superior ao cultivar carioca, o mais plantado atualmente no estado. Além disso, ambos são resistentes às principais doenças que atacam o feijão nessa região, a antracnose e a mancha-angular. Informações com a Embrapa/Uepae de Dourados, rodovia Dourados-Caapó, km 5, fone (067) 421-0411, caixa postal 661, CEP 79800, Dourados/MS.

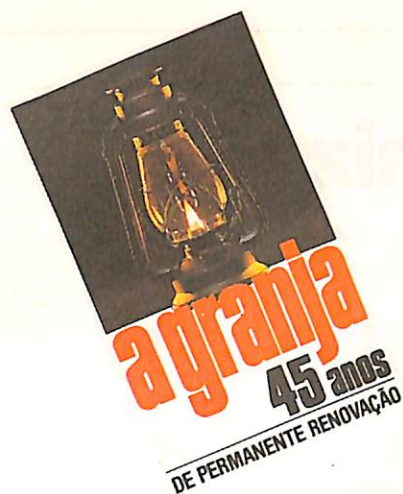


**Revista a granja.
Há 45 anos
o veículo
que mais colhe,
seleciona
e distribui
as informações
que o homem
do campo
precisa saber.**

Uma homenagem da

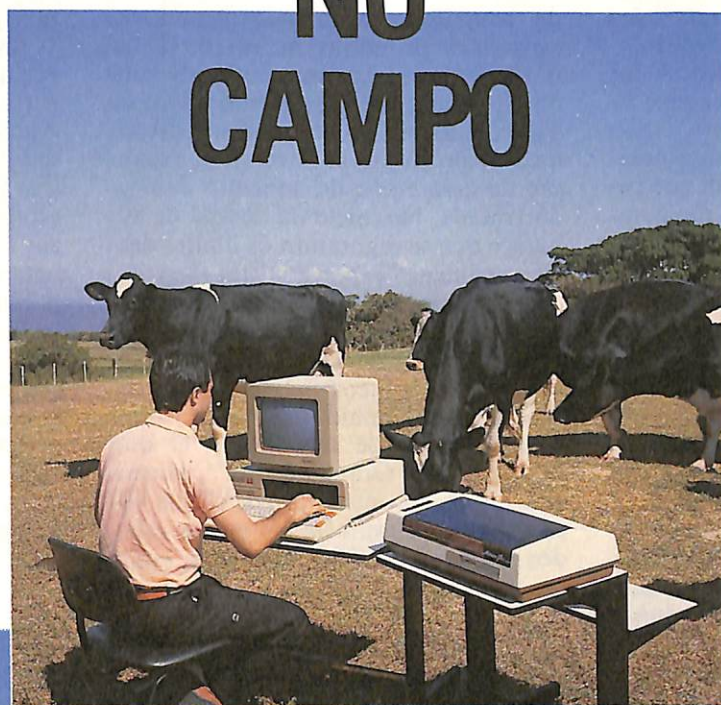
KEPLERWEBER



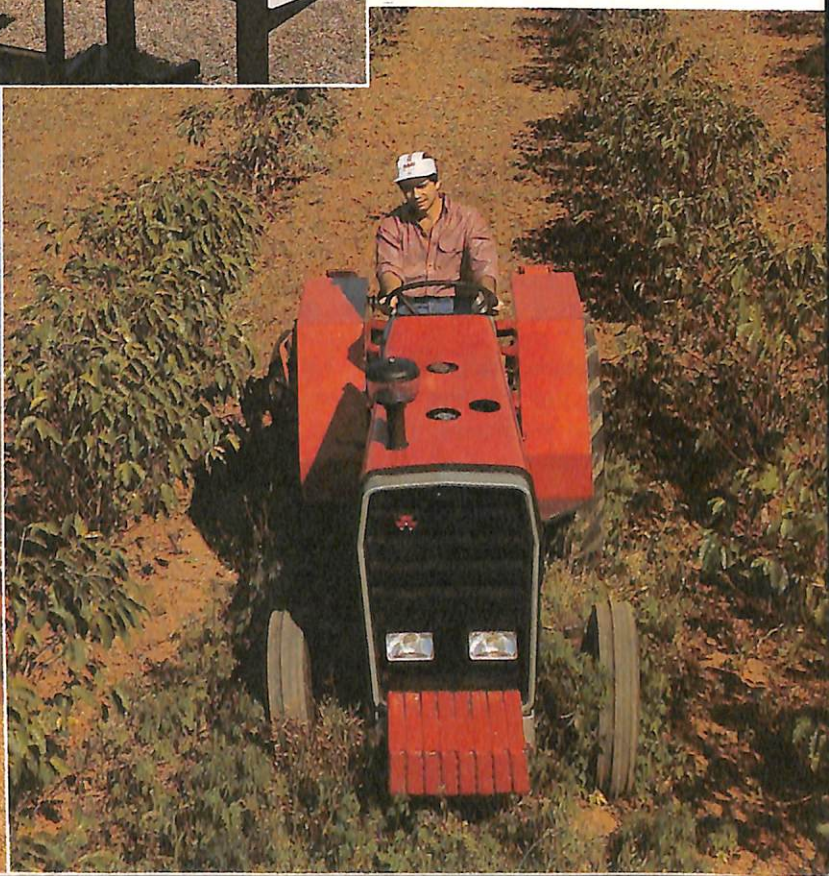
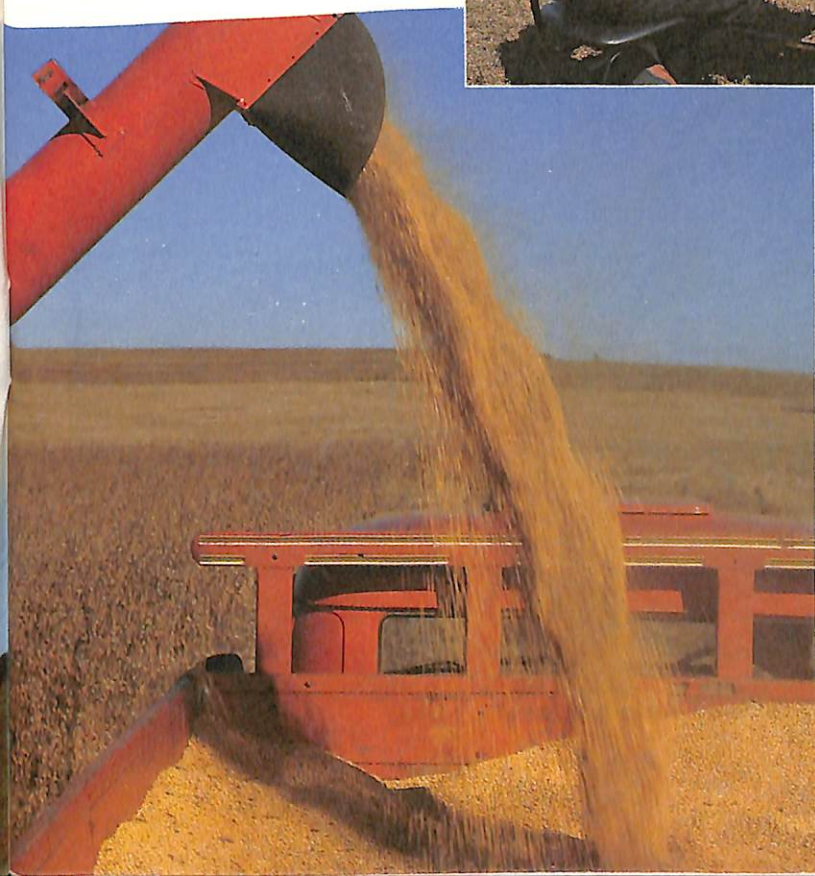


A SAGA DO PROGRESSO NO CAMPO

REPORTAGEM
DE ANIVERSÁRIO



Em menos de meio século, a agropecuária brasileira redimensionou sua base, demolindo velhos preconceitos para dar luz a conceitos de tecnologia moderna, onde a busca do lucro empurra as produtividades para patamares cada vez mais altos.



A modernização avança na agricultura

O Brasil apresenta uma agricultura em fase de modernização, mas no conjunto ainda precisamos andar muito mais.

A agropecuária brasileira sempre se caracterizou por sua extensa pauta de exportações. Ainda no período colonial isso já era uma realidade. Hoje, mais do que nunca, as atividades primárias, no país, contribuem para o equilíbrio do balanço de pagamentos — registrando mais de 50 por cento do total das exportações. Café, açúcar, soja e carne bovina, sem contar as contínuas e maciças remessas de carcaça de aves para os mercados árabes, são alguns desses exemplos.

O tempo marcou com pinceladas fortes os últimos 45 anos que se sucederam à primeira guerra mundial. São mais de quatro décadas de muita prosperidade no agro brasileiro, em que pesem as distorções ecológicas malcompreendidas e pior resolvidas, não esquecendo o mais sério: os graves problemas de distribuição de terras no país.

A população rural dominava o cenário demográfico, enquanto as cidades amargavam atraso na industrialização. O processo de modernização do país se acelera na década de 60. No campo, as máquinas produzem alimentos em maior quantidade para alimentar o nascente batalhão de metalúrgicos na emergente indústria automobilística e da construção civil. O parque nacional de máquinas e implementos agrícolas foi parte importante do desenvolvimento da metalurgia. Assim, a população dominante transferiu 70 por cento de seu contingente para as cidades.

Nos primeiros anos da década de 70, o aparecimento da soja na serra gaúcha veio a dar o empurrão que faltava para que o setor primário no país ensaiasse os primeiros passos de uma longa caminhada neste finalzinho de década: atingir 70 milhões de toneladas de grãos nas suas colheitas anuais. Muito antes disso, em meados dos anos 70, surgia uma poderosa indústria de transformação.

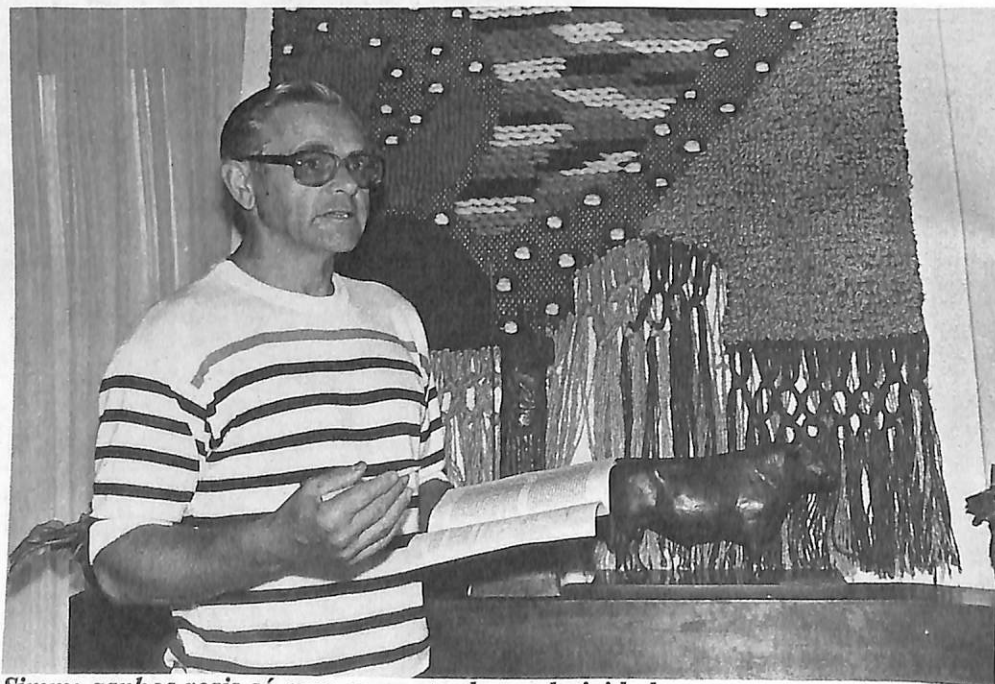
Há estados, entretanto, que não se mostram tão beneficiados, como é o caso do Rio Grande do Sul, que não tem avançado em suas produtividades. O gaúcho Edgar Írio Simm, ex-secretário da Agricultura e Abastecimento e professor de Economia Rural e Política Agrária, da UFRGS, vem acompanhando

de bem de perto o desempenho das atividades primárias no estado e faz um alerta que interessa a todos. Segundo ele, numa análise cobrindo mais de 40 produtos, se observa que os acréscimos de produção se deveram à expansão da área e não do aumento da produtividade. No início da década de 80, parece que se esgotaram os limites desse crescimento expansionista.

Os sintomas de estagnação começaram a se evidenciar quando a aparente abundância de terras começou a escassear e tornou incompatível a exploração extensiva, sinalizando no horizonte a necessidade de mudança. “O que ocorre no Rio Grande do Sul”, afirma Írio Simm, “é muito provável que venha a ocorrer também em outros estados cujas fronteiras agrícolas estão

prestes a se esgotar”.

Amazônia — O professor ainda lembra que a situação do Brasil é muito diversa em alguns estados ou regiões. A Amazônia, por exemplo, independente das potencialidades que oferece em outras áreas, na sua vocação natural será sempre florestal. “Há como materializar todas essas potencialidades em benefício do país e do povo. Não será, porém, pela utilização produtiva e destrutiva, mas sim pela perenização de sua capacidade geradora de riqueza que isto será conseguido”, garante ele. A não ser em alguns casos, não será a pecuária, e sim a exploração racional da floresta na sua infinita homogeneidade. Ao nível nacional, o modelo, expansionista, ainda tem um potencial de área fantástico. “Porém, as novas



Simm: ganhos reais só com aumento de produtividade

fronteiras se mostram cada vez mais distantes e carentes de adequada infraestrutura, ao lado de problemas ecológicos que ocorrerão fatalmente”, pondera ele.

Na opinião de Simm, o que deverá direcionar a forma de exploração da agropecuária é a efetiva vocação e potencialidade do recurso terra. Será necessário reduzir os ciclos de produção e maximizar os seus resultados. “A produtividade monetária da terra, que é o valor bruto da transformação por unidade de superfície utilizável, deve constituir o parâmetro determinante”, diz.

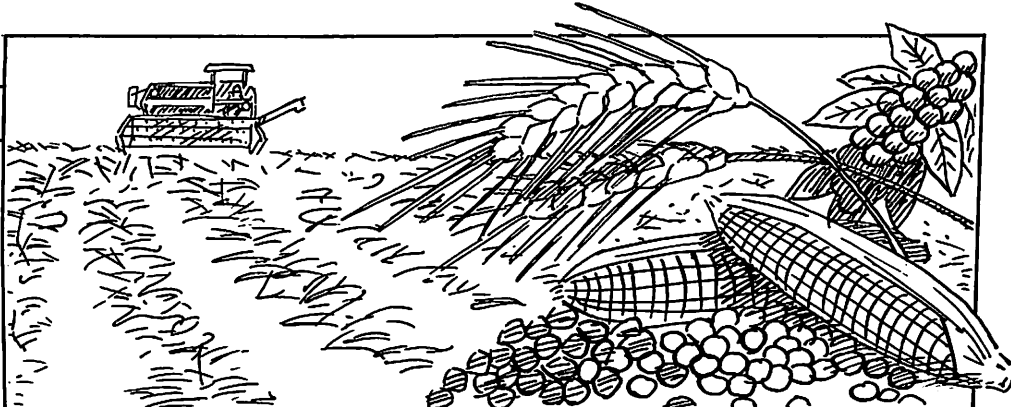
Pecuária — Na pecuária extensiva, a rentabilidade tende a ser baixa, mesmo com boa prática tecnológica. “Se tal valor for compatível com a potencialidade da terra, que pode ser baixa ou limitada, não há qualquer problema de convivência com a moderna agricultura capitalista. Irracional seria utilizar boas terras lavráveis para pecuária extensiva, como seria igualmente irracio-

Mercado externo dá cobertura aos custos de produção

nal lavrar campos nativos cuja única vocação, em razão da estrutura do solo, é a pastagem perene”, analisa o especialista.

Exportação — A área agrícola nacional continuará crescendo se tiver um mercado interno comprador, a não ser que o produto seja dirigido à exportação.

O ex-secretário da Agricultura é forçado a reconhecer que, infelizmente, não há no país uma política de abastecimento alimentar. “Produzir para exportar não é política contraditória nem incoerente”. Vai para o mercado externo o excedente, onde a viabilidade da produção agrícola encontra cobertura para seus custos e garante uma margem de capitalização. E, muitas vezes, essas condições são oferecidas no mercado externo. “O problema reside”, segundo Simm, “no destino dado ao produto da exportação. Se utilizado para financiar o desenvolvimento ou pagar tecnologia será altamente benéfico. Se, porém, for utilizado para pagar o superfluo ou dívidas impagáveis, em nada ajudará o país”, conclui o especialista. □



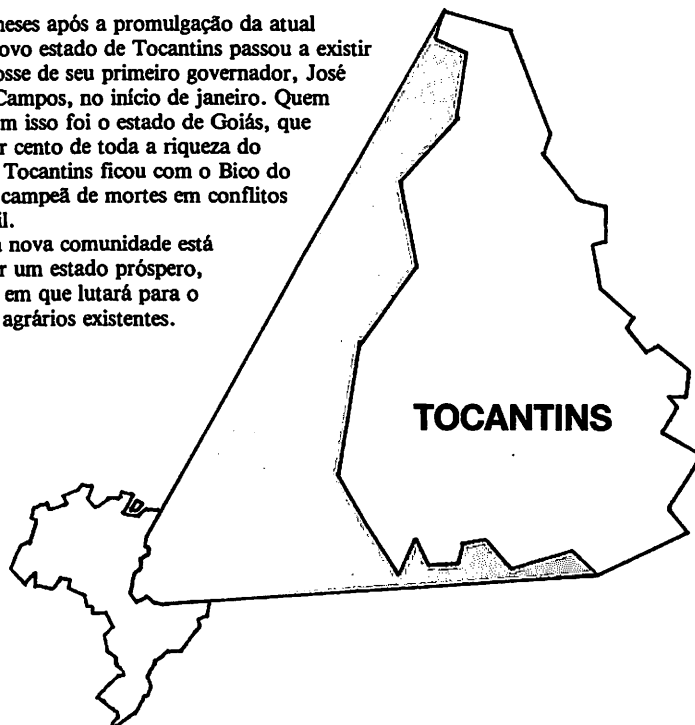
Produção brasileira de grãos

Produtos	Safras			Em 1.000t
	86/87 (1)	87/88 Junho	Agosto(2)	Variação (%) (2/1)
Cereais/Leguminosas				
Arroz	10.578,1	11.770,7	11.709,6	11
Aveia	157,1	157,1	168,1	7
Centelo	5,2	5,2	2,9	-44
Cevada	184,8	184,8	190,4	3
Feijão total	2.108,0	2.804,6	2.699,0	28
1ª safra	947,1	1.180,3	1.180,3	25
2ª safra	985,0	1.428,1	1.362,8	38
3ª safra	175,9	196,2	155,9	-11
Milho	26.758,3	25.031,2	25.216,5	-6
Sorgo	468,1	344,6	346,2	-26
Trigo	6.126,8	5.768,5	5.608,1	-8
Subtotal	46.386,4	46.066,7	45.940,8	-1
Oleaginosas				
Amendoim total	202,2	190,9	167,9	-17
1ª safra	156,0	137,6	126,1	-19
2ª safra	46,2	53,3	41,8	-10
Caroço de algodão	1.194,9	1.445,6	1.467,2	23
Mamona	114,9	169,6	184,0	60
Soja	17.071,5	18.038,4	18.127,0	6
Subtotal	18.583,5	19.844,5	19.946,1	7
Total	64.969,9	65.911,2	65.886,9	1

Fonte: CFP/DAEP/SUTEC/Divisão de Avaliação de Safras-DISAF. Agosto/88.

Cerca de três meses após a promulgação da atual Constituição, o novo estado de Tocantins passou a existir de fato, com a posse de seu primeiro governador, José Wilson Siqueira Campos, no início de janeiro. Quem saiu ganhando com isso foi o estado de Goiás, que concentrou 95 por cento de toda a riqueza do antigo estado. Já Tocantins ficou com o Bico do Papagaio, região campeã de mortes em conflitos de terras no Brasil.

Apesar disso, a nova comunidade está disposta a edificar um estado próspero, ao mesmo tempo em que lutará para o fim dos conflitos agrários existentes.



A LAVOURA QUE VIROU INDÚSTRIA

Arrozeiro verticalizou a produção para aumentar seus ganhos

Há pouco mais de 20 anos, a lavoura do arroz era feita a mão e a pata de boi. Depois vieram os tratores e as variedades americanas, a drenagem, os cortes e a eletricidade. Com isso, o orizicultor se obrigou a mudar junto. E mudou radicalmente, pois a atividade, que já pertenceu à pequena propriedade, hoje é cultivada pelo segmento capitalista da agricultura brasileira, onde os investimentos exigidos atingem somas vultosas.

Em contrapartida, o arroz de irrigação tem recompensado os rizicultores com invejáveis receitas, difíceis de encontrar comparativo entre as demais culturas. A colheita nacional atingiu 12 milhões de toneladas no ano passado, deixando excedentes exportáveis.

No intuito de agregar maiores valores aos seus ganhos, o produtor de arroz foi aos poucos incorporando outras funções, como a de secagem e armazenamento na fazenda. Daí para a industrialização não demorou muito. Hoje, cerca de 35 a 40 por cento dos agricultores que plantam arroz possuem estrutura própria de beneficiamento e industrialização, numa nítida escalada de verticalização da produ-

Pegas: o começo no Brasil Colônia



Milos:
orizicultura é
um excelente
negócio



ção. Quem conta isso é Milos Schneider, presidente do Sindicato da Indústria do Arroz no Estado do Rio Grande do Sul, cuja sede é em Cachoeira do Sul/RS. Ele lembra que nos dias de hoje é mais difícil montar estrutura própria, pois a relação custo/benefício dos investimentos leva o produtor ao mercado como comprador para completar a cota mínima necessária para tocar um engenho.

O comportamento do mercado, nos últimos anos, também se modificou. Uma das manifestações mais recentes pôde ser observada no ano que passou, quando houve um abrupto aumento de 40 por cento no consumo do arroz agulhinha, em mercados cativos do arroz-de-sequeiro. Milos prevê a volta ao arroz-de-sequeiro nessas regiões, inclusive com uma observação positiva: se-

gundo ele, a diminuição de área para o arroz do seco vai dar melhores condições de plantio, colheita e armazenagem, resultando, evidentemente, numa melhor comercialização.

Importação — Quanto à possibilidade de falta do produto no mercado, essa em consequência de estiagem no Rio Grande do Sul, Milos alerta os produtores e indústrias para um fato que tem escapado das estatísticas: uma parte da lavoura é cultivada sem financiamentos. Ele teme que se repita o fato lamentado pela orizicultura nacional, quando houve importações desnecessárias em 1986, tendo em vista a longa seca que atingiu o sul do país. Pelos seus cálculos, teremos uma safra de quatro milhões e 400 mil toneladas, ou 400 mil toneladas a mais do que a expectativa divulgada pela oficialidade. □

Expansão crescente

O dirigente cooperativista Homero Pegas Guimarães, ligado à orizicultura nacional, tanto ao nível da comercialização quanto da produção, lembra alguns fatos que marcaram a história da cultura do arroz. Segundo ele, a lavoura arrozeira iniciou nos estados de Pernambuco, Bahia e Maranhão, ainda no tempo do Brasil Colonial. No Rio Grande do Sul, a primeira lavoura irrigada foi implantada em 1904, em Pelotas. No ano seguinte, chegava em Cachoeira do Sul, se alastrando na Depressão Central.

Já transformada em riqueza agrícola gaúcha, em 1926, às custas da quebra de muitos fazendeiros e ascensão de novos produtores, era fundado o primeiro Sindicato Arrozeiro, 10 anos depois transformado no atual

Instituto Rio-Grandense do Arroz — Irga —, que foi responsável pelo aumento de produtividade, passando nos primeiros anos dos 80 sacos por quadra (17.424 metros quadrados) para 90 a 100 sacos.

Nos últimos 21 anos, sua área passou dos 357 mil para 780 mil hectares; sua produção foi de 1.026.000 para 3.840.000 toneladas; e sua produtividade passou de 100 para 168 sacos por quadra. A lavoura irrigada, que é a quinta de maior produtividade do mundo, tornou-se, pela sua tecnologia, cada vez menos dependente das condições naturais e mais do homem, sendo hoje, ao invés de uma atividade agrícola, uma indústria de produzir arroz.

ISSO É COISA DE CAPIRA.



É mesmo diferente, esse interior do Brasil.
Tem coisas que ninguém imagina.
Cidades que nada devem aos grandes centros em matéria de
serviços e profissionais.

Uma gente pioneira que, vencendo desafios, vai
concretizando seus sonhos.

E gerando riquezas, com talento e competência.

Ali, todos os dias, a vida se apresenta ao vivo
e em cores.

Coisas da natureza.

Para este país, que o homem do interior está fazendo
acontecer, o Bamerindus tira o chapéu.

 **BAMERINDUS**
O banco da nossa terra.



O surgimento do bicudo obriga os produtores a adotarem novos procedimentos. E a lavoura ganha em tecnologia

LUTA FERROZ CONTRA O BICUDO

A concorrência da cana-de-açúcar e da soja e a falta de políticas adequadas para a cotonicultura no estado de São Paulo estão acarretando, para a cultura do algodão, sensível perda de terreno. Segundo o produtor Nicanor Carvalho, presidente da Comissão Técnica do Algodão da Faesp — Federação da Agricultura do Estado de São Paulo —, a área de plantio está abaixo dos 300 mil hectares. Além disso, a cultura padece com os problemas sanitários, como o ataque de pragas. Mais recentemente, a partir de 1983, vem sofrendo com a incidência do bicudo, que já atinge todas as regiões produtoras expandindo-se, inclusive, para os estados do Paraná e Minas Gerais.

Atualmente, os pesquisadores brasileiros estão à procura de uma forma mais apropriada ao controle do bicudo. Entretanto, técnicos da Secretaria da Agricultura paulista estão orientando os produtores no sentido de que realizem o plantio no período mais curto possível.

Independente do efeito causado pelas pragas já conhecidas, que se constituem num dos maiores problemas da cotonicultura, o setor enfrenta ainda

sérios problemas na comercialização do produto. “Os baixos preços pagos estão desestimulando os produtores”, ressalta Carvalho. Segundo ele, atualmente há uma grande distorção no mercado, favorecendo a predominância dos tipos inferiores, de seis para nove, que respondem por 70 por cento da produção. Um dos fatores que contribuem para a baixa qualidade do produto, explica Nicanor, é a colheita, realizada com mão-de-obra desqualificada, usando “pica-de-rapara”, não permitindo maiores preocupações quanto à limpeza do produto, que é colhido com palha e casca, entre outras impurezas.

Mas a falta de cuidados na hora da colheita não é recente. Já em 1942 o engenheiro-agrônomo Cruz Martins, da Secretaria da Agricultura, recomendava aos lavradores para que na hora de vender o produto aos proprietários de máquinas de beneficiamento, ou aos compradores ambulantes de algodão, exigissem preços melhores do que os pagos pelo algodão sujo, uma vez que é sabido que o comprador tem lucros bem maiores, já que não participa dos custos de produção e nem corre riscos com a cultura. Ressaltava ainda que era necessário haver uma repartição dos

prêmios resultantes de uma boa colheita, entre o lavrador e o comprador.

Hoje, os maquinistas pagam um preço médio pelo algodão, não importando se o produto seja colhido como se deve ou não. Isso vem em prejuízo dos bons produtores. O produto colhido pelo sistema de “pica-corrida”, sem nenhum cuidado especial, tem apenas 37 por cento de aproveitamento de fibras e um teor de umidade superior ao recomendado.

De acordo com Nicanor Carvalho, atualmente o algodão é a mais importante das fibras têxteis, sejam naturais ou sintéticas. Por isso, sofre com a acirrada concorrência dos fabricantes de fibras, que tentam imitar suas qualidades. O algodão constitui 50,4 por cento da produção mundial de fibras têxteis e o Brasil é o maior produtor do hemisfério sul — ocupa o sexto lugar e representa 67 por cento da produção deste tipo de fibra. Dentro da produção brasileira, na região centro-sul, o primeiro lugar é do Paraná, seguido por São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Já na região nordeste, a Bahia é o maior produtor; depois vem Alagoas, Ceará, Paraíba e Pernambuco. ▽



O HOMEM DA TERRA NÃO VIVE NO MUNDO DA LUA.

Falando com franqueza, se tem alguém que conhece o nosso mundo, esse é o homem da terra.

Caipira moderno, para ele a enxada é coisa do passado.

Agora seus instrumentos são colheitadeiras e computadores de última geração. E muita informação, apesar do seu jeitão distraído do interior.

Administrador rural por excelência, ele está mudando a face da agropecuária brasileira: o caminho é a produtividade.

Para ele, que não vive no mundo da lua, o Bamerindus tira o chapéu.



BAMERINDUS
O banco da nossa terra.

A nova chance da cotonicultura

No Brasil, o algodão era cultivado, até a década de 20, sem a utilização de variedades selecionadas. Em São Paulo, a cultura foi introduzida na década de 1860, após a guerra de secessão dos Estados Unidos. Os imigrantes norte-americanos foram os responsáveis, 10 anos depois, pela expansão da cultura em Campinas. Em 1918, quando grandes geadas sacrificaram os cafezais paulistas, o governo criou a Seção de Algodão do Estado. Entretanto, foi a partir de 1924 que começaram os trabalhos de seleção de variedades e de experimentação sobre técnicas de cultivo do algodoeiro.

Segundo o pesquisador científico Popilio Cavaleri, da área de melhoramento genético do Instituto Agrônomo de Campinas — IAC —, as variedades plantadas na década de 20 eram misturadas e, conseqüentemente, o al-

godão era desuniforme e de má qualidade. Em 1929, com a crise provocada pela queda da Bolsa de Nova Iorque, a cafeicultura foi fortemente atingida, abalando profundamente a economia brasileira. Os efeitos desta crise só não causaram maiores danos, ressalta Cavaleri, graças aos trabalhos realizados pela Seção do Algodão do IAC, que colocou à disposição dos cafeicultores sementes selecionadas do produto.

Foi nesta época que o algodão sofreu um grande impulso, tornando-se a principal cultura do estado e derrubando a já tradicional monocultura do café. "O algodão foi a salvação da agricultura paulista, possibilitando ao estado vencer a crise gerada com o café", enfatiza o pesquisador do IAC. Segundo ele, o algodão foi o detonador da diversificação de culturas no país, através de melhoramento e seleção de va-

riedades das principais culturas que têm importância econômica para o estado de São Paulo nos dias atuais. Cavaleri cita, como exemplo, o caso das variedades de frutas cítricas e de clima temperado que são produzidas em São Paulo, todas resultantes desse trabalho de melhoramento genético e de seleção realizado pelo IAC.

Síntese das realizações do IAC na cultura do algodoeiro

1924 — Iniciam os trabalhos de seleção de variedades e de experimentação sobre as técnicas de cultivo.

1930 — São postas à disposição dos agricultores as sementes das primeiras variedades obtidas, bem como algumas recomendações técnicas de cultivo.

1934 — É consolidado o esquema de produção de sementes da Secretaria da Agricultura, permitindo a utilização de 100 por cento de sementes selecionadas nas lavouras.

1945 — Lançada a variedade IAC Campinas 817, mais produtiva e precoce, que contribuiu para solucionar a crise de produtividade na cultura.

1956 — O lançamento de novas variedades afasta a ameaça de recusa do algodão paulista nos mercados interno e externo, devido a exigências quanto ao comprimento da fibra.

1960 — A distribuição de variedades RM (resistentes à "murcha") garantem a sobrevivência da cultura no oeste do estado, então responsável por quase 80 por cento da produção do país.

1975 — A entrega da variedade IAC 17 e, posteriormente, da IAC 18 — ambas 30 por cento mais produtivas do que as anteriores — possibilita a recuperação da cultura em São Paulo e nos estados do Paraná, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

1980 — As variedades IAC 19 e IAC 20 permitiram enfrentar o problema de nematóides, um parasita que se disseminou em todas as regiões produtivas de São Paulo.

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA? NÃO ESPERE MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde, para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



SERVIMED

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS



CAIPIRA DE ÚLTIMA GERAÇÃO.

Médicos, agrônomos, dentistas, engenheiros, veterinários e farmacêuticos, estes pioneiros estão gerando qualidade de vida no interior brasileiro.

E fazendo, das pequenas e médias cidades, uma fonte geradora de riquezas.

Em cada um, competência e profissionalismo de última geração.

Para esse doutor caipira, que ama a terra e não abre mão de suas raízes, o Bamerindus tira o chapéu.

 **BAMERINDUS**
O banco da nossa terra.

AUTO-SUFICIÊNCIA À VISTA

*A safra nacional anda perto de cobrir as necessidades internas.
O problema é a manutenção dos acordos de importações*

A história do trigo no Brasil é uma trama cheia de percalços, onde várias situações se justapõem e confundem o leitor desavisado. O Brasil sempre esteve longe de produzir o suficiente para as suas necessidades. Havia, por causa disso, desorganização na produção, recebimento e comercialização do cereal. Por volta de 1958, a situação esteve difícil, levando o governo brasileiro, através do Banco do Brasil, a intervir no setor. E passou a ser o único comprador armazenando a sacaria nas cooperativas, recém-inauguradas para essa finalidade. Como resultado os triticultores passaram a se organizar em torno da sua recém-fundada Federação das Cooperativas de Trigo e Soja, Fecotrig, no Rio Grande do Sul. A entidade atualmente é portavoza de milhares de produtores, dos quais recebe cerca de 90 por cento dos grãos colhidos no estado. Além disso, foi responsável pela melhoria das variedades, pesquisadas e testadas no Centro de Experimentação e Pesquisa, com sede em Cruz Alta.

Em que pesem as adversidades produzidas pela instabilidade nas determinações da política agrícola, a teimosia dos triticultores passou por cima das barreiras tecnológicas, que se habilitam a sustentar a demanda nacional, conforme observa o presidente da Fecotrig, Terciso Redin. E, se a safra ainda não é igual ao consumo, se tudo

correr bem, em 89 será colhida em tempo de completar a oferta, no momento em que esta começa a esvaziar seus estoques.

É que a produção brasileira se mostrou favorável, especialmente depois de 1985, momento em que se alcançou o recorde de quatro milhões e 400 mil toneladas. Nos anos que se seguiram, o volume continuou aumentando. Em 1986, atingiu cinco milhões e 600 mil toneladas, pulando no seguinte para seis milhões e 500 mil toneladas. O presidente da Fecotrig acredita que os estoques poderão suprir o mercado até 1990 ou 1991, mesmo retirando 500 ou 600 mil toneladas, destinadas a sementes.

O presidente da Fecotrig lembra que o trigo é a principal cultura de inverno. Junto com a soja, compõe a base econômica sobre a qual está assentada a economia de quase todos de produtores médios, pequenos e grandes. Por isso, Redin é enfático ao afirmar que, se o produtor não tiver uma rentabilidade mínima, a situação pode ficar

difícil, pois no momento o triticultor trabalha para cobrir custos.

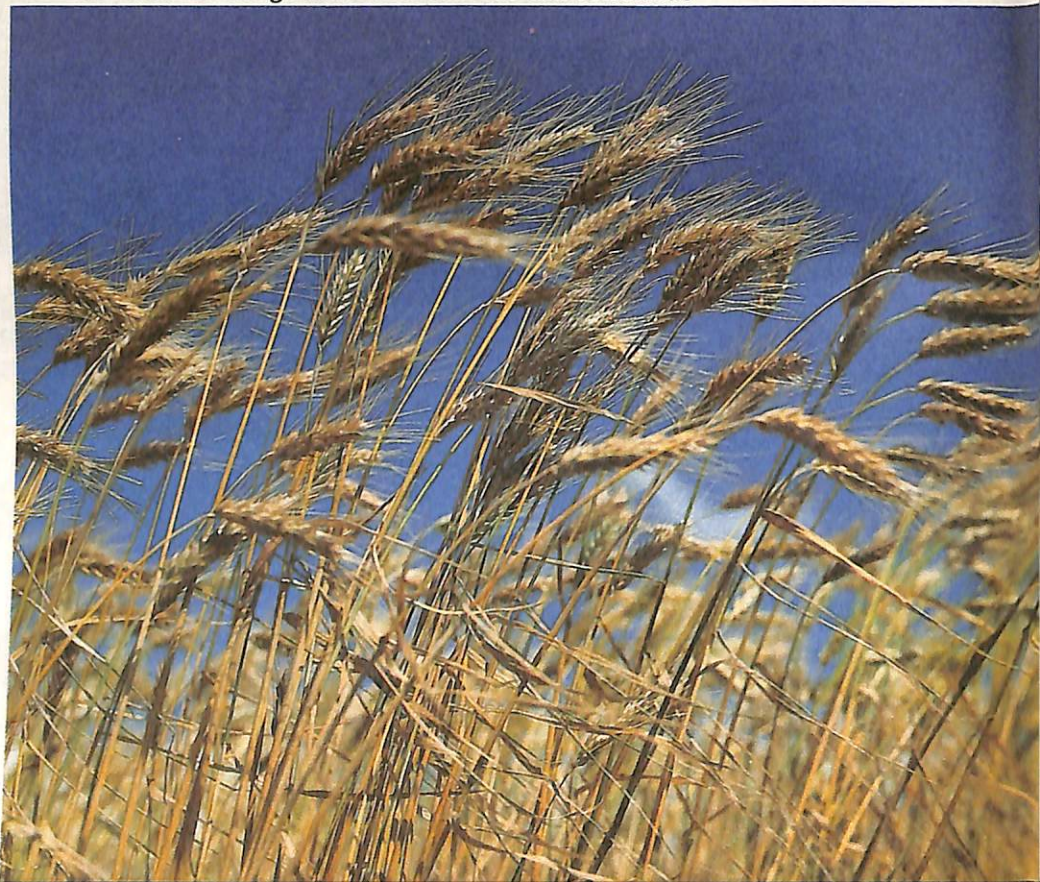
A discussão do produtor brasileiro, nesse momento, é a manutenção de acordos comerciais em função de compromissos assumidos, e com isso a situação interna tem sido descuidada das autoridades.

Quanto à comercialização, os associados da Fecotrig defendem a manutenção do governo como único comprador, porém pretendem que a industrialização do produto se dê por livre concorrência. É uma situação especial, pois o trigo não tem preço mínimo. Ele só tem preço máximo — preço de comercialização. É por isso também que o preço do trigo não foi reajustado pela antiga OTN, como os demais produtos agrícolas. Hoje, esta defasagem é de 16,66 por cento por tonelada. E tudo depende do governo, que detém o poder de delimitar preços e de compor os custos, tanto dos insumos quanto da comercialização das máquinas utilizadas nas lavouras mais modernas. □

Colheita nacional atinge seis milhões e 500 mil toneladas



Redin: auto-suficiência técnica



CAMINHO DA ROÇA.



Esse Interior, onde nasceu e cresceu, o Bamerindus conhece como ninguém.

Foi ali, no dia a dia com o homem da terra, que aprendeu a ter os pés no chão.

E a descobrir novos horizontes, voando alto na direção da tecnologia e da informática.

Afinal, esse também é o destino da agropecuária brasileira: ser moderna e produtiva.

Sem perder o rumo do companheirismo, o Bamerindus se tornou um dos maiores bancos do país.

E tira o chapéu para quem, como ele, seguiu o caminho da roça.



BAMERINDUS
O banco da nossa terra.

GENÉTICA EVOLUI. E PRODUTIVIDADE?

Há quase sessenta anos, surgia o híbrido, que revolucionaria a agricultura mundial. Hoje, só o emprego da melhor tecnologia poderá garantir o retorno econômico da atividade

Com mais de 500 derivados, o milho, conhecido como sendo o "rei dos cereais", tem sua origem na América do Sul e vem sendo cultivado desde 5.000 A.C.. A farinha, a canjica e o fubá são os produtos mais consumidos no Brasil. Porém, a maior parte da produção é destinada à alimentação animal, seja em forma direta ou como componente de ração. Até 1977, o Brasil exportava os excedentes e, a partir de então, passou a ser importador. Entre os motivos alegados estão as frustrações de safras, a inexistência de estoque regulador e o crescimento dos rebanhos avícolas e de suínos.

"Primeiras variedades eram híbridos meio-dente"

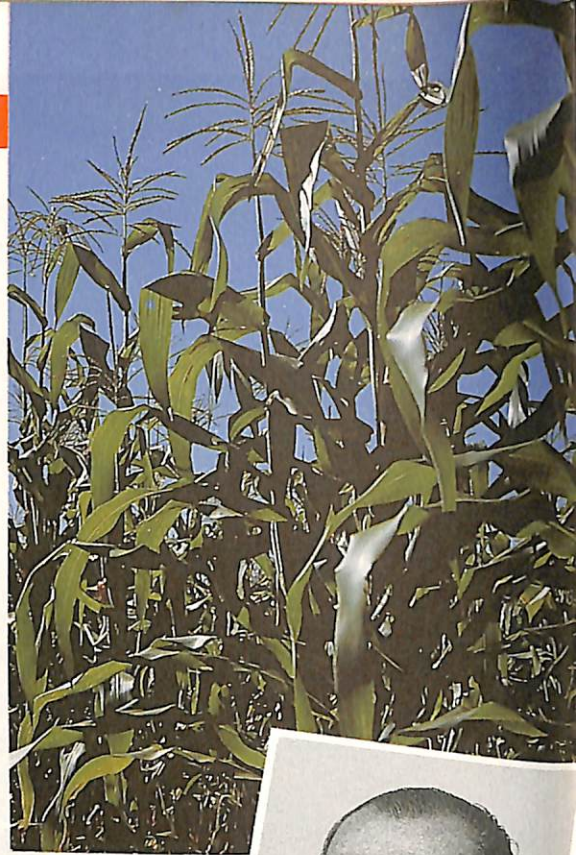
Com um número bastante elevado de variedades, as sementes que têm maior procura no mercado são as do chamado milho híbrido, que apresentam maiores vantagens em relação ao milho comum, entre elas a maior capacidade produtiva. No sul do Brasil, as variedades mais usadas são a Agrocere, Pioneer, Save, Weibull e Cargil, entre outras.

Qualitativamente, a descoberta do milho híbrido se deu por volta de 1865, quando Gregório Mendel, que fazia experimentos com ervilha, conseguiu detectar as leis da hereditariedade. Mas foi em 1910 que passou a ser apontado como possibilidade econômica. Em 1933 se tornou produto, suas sementes

foram colocadas no mercado norte-americano e, a partir de 1934, toda a produção era comercializada. Nesta mesma época começaram a surgir fortes empresas de sementes, como é o caso da Pioneer, que hoje mantém a liderança nos Estados Unidos. No Brasil, as maiores empresas estão no Rio Grande do Sul, entre elas a própria Pioneer e a Agrocere.

A Agrocere surgiu em 1945, em Minas Gerais, a partir da formação de um grupo de agrônomos, encabeçado por Antônio Secundino de São José e por Gladistone Almeida Drummond. Hoje a empresa possui 11 unidades de produção espalhadas pelo país. A do Rio Grande do Sul, sediada em Não-Me-Toque, foi fundada em 1947, pelo pesquisador e geneticista José Alberto Mattos. Segundo ele, o volume de produção é enorme, isso se for considerado o do Rio Grande do Sul, onde a competição com a soja é muito forte. Para a safra 87/88, foram vendidos aproximadamente 1,4 milhão de sacos, o que representa uma produção maior do que a demanda. Isso é o resultado da fase de contenção de mercado, ocasionada pelo boom da soja, diz Mattos, garantindo que isso faz parte integrante dos diversos ciclos pelos quais se passa.

As primeiras variedades, surgidas em 45, eram chamadas de híbrido "meio-dente", que durante muito tempo foi o líder nacional. Ao longo desses anos, acompanhando os crescentes estágios da agricultura, ele foi sendo cada vez mais aprimorado e, atualmente, o aperfeiçoamento dos sistemas de produção é o grande desafio das empresas, que estão sempre na busca de uma melhor resposta, ressalta o pesquisador. Em maior escala, o reconhecimento do produto se deu em meados de 1960,



Mattos:
Plano Cruzado
eliminou os
empreendedores
de araque

quando o governo passou a apoiar a agricultura através de seus programas de fertilizantes e de financiamentos, entre outros. Porém, Mattos acredita que, hoje, o agricultor deve, além de ser competente e profissional, ter o conhecimento das reais necessidades das plantas. Segundo ele, o setor só terá condições de prosperar se for amparado por sistemas de crédito e assistência técnica.

Para José Alberto Mattos, o milho teve o seu melhor momento durante o Plano Cruzado, quando os produtores que agiram com moderação se deram muito bem, ao contrário dos "empreendedores de araque", que acabaram quebrando. Com relação aos preços dos produtos, o pesquisador acha que o governo, com o aumento que deu (18 por cento no preço de garantia, em números reais, e 100 por cento do Valor Básico de Custeio - VBC) da safra 86/87 para a de 87/88, estimulou a produção. "Acho que o governo vai acertar muito na agricultura, uma vez que ele se deu conta que deve estimular o milho, agora voltando a ser valorizado", opina o pesquisador.

Estoque mundiais esvaziados

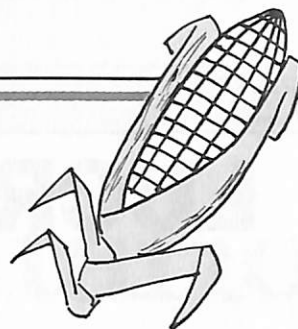
A forte estiagem que assolou importantes áreas de agricultura do Canadá e Estados Unidos durante o 2º semestre de 88, na opinião dos agrônomos Ivan Wedekin e Luiz Antônio Pinazza, ambos técnicos da Agrocere, vai alterar o quadro de suprimento de cereais e oleaginosas, propiciando um significativo enxugamento dos estoques mundiais, sobretudo de milho e soja.

No caso do milho, exemplificam os técnicos, no princípio do ano comercial de 89, os estoques de passagem garantirão três meses da demanda norte-americana e dois meses da mundial, com preços relativamente altos para o milho no mercado internacional, até a recomposição efetiva dos estoques.

Como tendência de plantio para a safra 88/89, os agrônomos defendem que a oferta agropecuária global depende, em muito, do desempenho do milho e da soja. Ambos respondem por dois terços da produção nacional de cereais e oleaginosas e pesam, respectivamente, 7,9 por cento e 9,1 por cento na

formação do PIB agrícola. Mas, além da participação como produtos-fim, boa parte da importância da soja e do milho na economia brasileira advém do fato de que ambos são produtos-meio (insumos) de um sem-número de atividades agroindustriais, como a produção de carnes — principalmente de frango e de suínos —, ovos, leite e óleos comestíveis, entre outros produtos. Wedekin e Pinazza consideram fundamental a definição de um estímulo ao plantio de milho, na tentativa de evitar problemas de abastecimento e reduzir a probabilidade de o país ter de importar, a preços considerados proibitivos, o cereal em 1989.

Com relação ao preço mínimo do milho, Wedekin lembra que o produto incorporou um aumento médio de 18,4 por cento em relação ao praticado em 88. Além disso, cobre os desembolsos de produção (US\$ 5 a saca). O mínimo atual, US\$ 5,93 por saca, computando-se inclusive a máxi de 17 por cento, é considerado estimulante, sobretudo



para os agricultores de alta tecnologia, enfatiza o agrônomo.

Falando sobre as tendências de comercialização, o técnico prevê uma redução nas perdas e desperdícios, como também a melhoria do sistema, sem que haja a necessidade de movimentação do produto. Na questão da genética, vai haver uma melhoria do uso do padrão genético já existente por parte dos agricultores e a ampliação da oferta, com maiores opções de híbridos adaptados às condições regionais. Para isso, as empresas contam com apoio gradativo da biotecnologia. O setor tende ainda à ampliação da oferta de produtos alimentares industrializados, derivados do milho, e também a um maior consumo, devido ao aumento de variedades de produtos industrializados de carnes de pequenos e médios animais. □

Ideal. A máquina pra quem não sabe perder.



Ela tem um exclusivo sistema de retrilha independente que proporciona grãos mais perfeitos.

A Ideal também sai ganhando no descarregamento.

O tubo é horizontal, com maior altura, que descarrega os grãos em carretas de grande porte em qualquer posição.

Escolha uma Ideal no seu revendedor: 1170DS ou 1175DS. Ou procure saber a opinião de quem já tem uma.

É bom conversar com quem está acostumado a ganhar sempre.



**INDÚSTRIA
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS
IDEAL S.A.**
Rodovia RS 344 - km 1
Caixa Postal 68 - 98.900
Santa Rosa - RS - Brasil

Quem tem uma Ideal só entra em campo pra ganhar.

LUCRATIVIDADE AINDA É META

A atividade leiteira está assim: de um lado, o governo não reconhece os custos de produção; de outro, o produtor reclama e quer a liberação dos preços

O material genético existente corre o risco de parar nos ganchos dos açougues, em função de não haver uma política séria para o setor leiteiro



“O que pedimos ao governo é que ele encare com seriedade as planilhas de custos e a atividade ou, então, que libere o preço do produto”.

O desabafo é de Valdir Ferreira Bastos, produtor de leite do município de Cruzeiro, no Vale do Paraíba, e presidente da Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo, que congrega 38 unidades do sistema paulista de cooperativas de laticínios. Segundo Valdir, “a intervenção do governo, no caso do leite, teve início com o tabelamento do preço do produto no Rio de Janeiro, então capital federal, em 1945, e tinha basicamente dois objetivos conflitantes: incentivar o aumento da produção e fornecer leite a preços reduzidos às classes menos favorecidas. Esse tabelamento estendeu-se depois a outras localidades e, ao longo dos anos, o controle de preços atingiu alguns produtos derivados, deixando outros livres.

Ele explica que nem sempre as medidas baixadas pelo governo foram fruto das necessárias discussões com os principais interessados, os pecuaristas de leite. “Nesses 44 anos de tabelamento, nós temos visto que pouquíssimas vezes o governo chegou próximo daquilo que o produtor precisa. Temos hoje uma planilha de custos corrigidos

no dia 10 de janeiro, em que simplesmente o produtor está defasado em 72 por cento. Nessa situação, não há quem sobreviva na atividade”.

Política negativa — Uma das principais reivindicações do setor da pecuária leiteira é a implantação de uma política para o setor. Mas Valdir afirma que, na verdade, já existe uma política, “só que uma política negativa, de casuísmos. No país, se formos analisar as estatísticas, veremos que em determinada época do ano existe sobra de produção e em outra acentuada falta de produto. Isso acontece porque essa problemática está malcolocada. Na verdade, não existe sobra. Temos dois períodos: o da safra, como o próprio nome já define, que traz uma produção superior, e o da entressafra, com produção escassa, em função da falta de pastagens, da alimentação cara e dos altos preços dos demais insumos”.

O que é considerado sobra, no entanto, é insuficiente para o país e não atende à defasagem do período da entressafra. Tanto é assim que todo ano, quase invariavelmente, o Brasil vem importando leite em pó, manteiga e outros derivados, em grande escala, para suprir o mercado. “Com isso” — acentua o produtor —, “a pecuária na-

cional é sacrificada e a população é iludida com abastecimento pleno, consumindo às vezes produto que não tem a qualidade desejável. Se o setor tivesse o apoio necessário, poderia haver auto-suficiência no abastecimento, inclusive com excedente para exportação”, complementa.

Raça leiteira — Segundo Valdir Ferreira Bastos, o Brasil vem desenvolvendo a raça leiteira, procurando seleções melhores em genética, fazendo um rebanho que seria o rebanho holandês-brasileiro, embora permaneça nas associações de classe com a sigla de P.O. — puro de origem. Mas essa seleção genética vem encontrando dificuldades para prosseguir. “Montanhas de dólares foram enviadas ao exterior para que viesse essa genética. No entanto, corre-se o risco, hoje, de termos esse material genético transformado em carne pendurada no açougue, por falta de uma política séria de governo que entenda que a pecuária de leite é uma atividade que deve ser remunerada como todas as demais atividades. Não me consta que ser pecuarista, produtor de leite, é ter o ônus de trabalhar com déficit ou ser tachado de especulador da população. Eu acho que é uma atividade como outra qualquer que deve ter o ▶

Controle parasitário em bovinos

Introduzido no mercado em 1982 pela Merck Sharp e Dohme Farmacêutica e Veterinária Ltda., "Ivomec injetável para bovinos" representou para a pecuária brasileira um novo conceito no tratamento e controle antiparasitário, inaugurando uma nova era de produtos de última geração.

Com pesquisa constante, os Laboratórios Merck Sharp e Dohme conseguiram elaborar um produto sem similar no tratamento das principais parasitoses internas e externas dos bovinos.

Em mais de 100 milhões de doses vendidas o produto já comprovou para milhares de pecuaristas sua alta eficiência no controle dessas parasitoses.

Vários estudos de campo, realizados no Brasil e no exterior, demonstram o considerável aumento de produtividade no gado tratado com "Ivomec", significando, portanto, uma melhor relação custo x benefício para o criador.

Líder no mercado nos Estados Unidos e em outros países, onde a procura por melhores índices de produtividade é uma constante, "Ivomec" é hoje no Brasil um dos antiparasitários mais vendidos no mercado.

"Ivomec injetável para bovinos" é um antiparasitário de última geração. Seu modo de ação não é compartilhado com nenhum outro produto do mercado. O seu princípio ativo, ivermectin*, age estimulando a liberação do ácido inibidor neurotransmissor gama-aminobutírico (gaba) dos terminais nervosos pré-sinápticos, potencializando sua ligação aos receptores pós-sinápticos. Deste modo, os parasitas ficam totalmente paralisados, morrendo, portanto, por inanição.



"Ivomec" tem ação contra todos os importantes estágios migratórios dos parasitas internos ou externos. Devido a seu modo de ação totalmente diferenciado, "Ivomec" não induz ao desenvolvimento de resistência e também não foi observada nenhuma resistência cruzada nas dosagens recomendadas.

O Departamento de Serviços Técnicos da Merck Sharp e Dohme se coloca à disposição da classe produtiva no sentido de fornecer informações sobre programas de controle parasitário, assim como prover detalhes a respeito dos experimentos de produtividade que constam de seus arquivos. Existem dados, ainda, a respeito das formulações para outras espécies, como suínos, ovinos e eqüinos, bem como testes específicos de produtividade.

A pecuária brasileira, que hoje procura melhores índices de produtividade, já pode contar com o melhor produto para o controle parasitário que existe, "Ivomec injetável para bovinos".

Ivomec* e Ivermectin* são marcas registradas de Merck & Co. Inc. U.S.A.

MERCK SHARP E DOHME FARMACÊUTICA E VETERINÁRIA LTDA.
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1815 - 2º ANDAR
CEP 01451 - SÃO PAULO - SP

DUAS GRANDES GARANTIAS

agranja

Revista mensal dirigida ao líder rural. Informa e esclarece todos os assuntos ligados ao campo. Em 1989 completa 45 anos de edições ininterruptas. É GARANTIA de informação segura para o produtor rural.



Cooperativa Industrial Regional de Carnes e Derivados Ltda.

Fundada em 1932 na cidade de Bagé-RS. Prêmio Exportação 88-ADVB-RS. Pioneira em tipificação de carcaças. Detentora do maior abate do Estado. CICADE — Garantia da melhor carne com apoio total à produção.

META

Comunicação instantânea com seu barco, sua fazenda e sua indústria.



UHF · VHF · HF · (SSB)

Os transceptores de radiocomunicação da Avotel determinam o bom andamento de seus negócios.

Com eles o contato com seu empreendimento é sempre imediato. Seja qual for a distância, na terra ou no mar.

A maneira mais rápida e eficiente de resolver seu problema de combustível e aumentar sua faixa de lucros.



R. Amaro Guerra, 59 - São Paulo, SP
Tels.: 246-8922 e 247-0544 - Telex: (011) 31664



Vendas, assistência técnica e projetos.

AV. PLÍNIO BRASIL MILANO, 2304 - FONES: (0512) 41-0938 - 41-6966 - TELEX: 051.3370 - RMAS PORTO ALEGRE - RS

LEITE

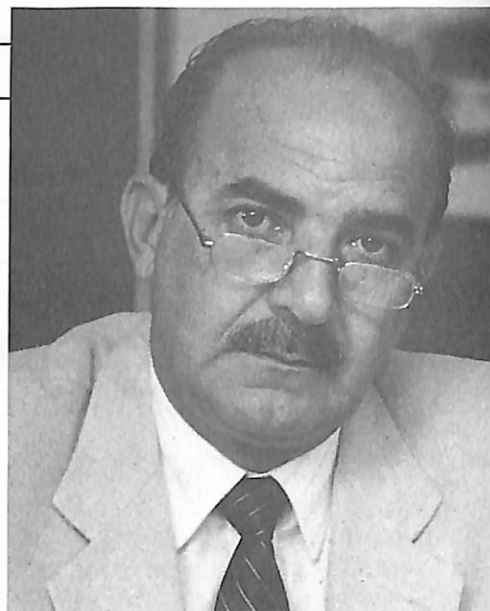
respeito e a atenção dos órgãos do governo", desabafa.

O produtor analisa o rebanho leiteiro do país como um rebanho misto, que acaba por mascarar as estatísticas sobre o desempenho do setor, principalmente quando se trata de avaliar a produtividade leiteira. Essas estatísticas indicam uma lactação muito baixa, em função das vacas não-especializadas para leite, que também são consideradas vacas de leite, nos estudos econômicos que são divulgados. Se as estatísticas considerassem a média da produtividade do rebanho especificamente leiteiro, teríamos um índice muito maior do que o apresentado. Nós temos hoje, no Brasil, animais com recorde de produção, sendo que alguns alcançam de nove a 12 mil quilos ao ano. São as vacas especializadas na produção de leite, sejam holandesas, jersey ou pardo-suiças.

Tecnologia — Quanto à adoção de tecnologia pelos pecuaristas de leite, Valdir Bastos salienta que o produtor nacional encontra-se diante de uma situação muito delicada. Ele diz que produtor foi muito receptivo ao avanço tecnológico, viu a necessidade de implantar a tecnologia desenvolvida, mas se encontra impossibilitado de fazer a manutenção dessa. "Quando uma ordenhadeira mecânica sofre uma avaria, o produtor muitas vezes não tem recursos disponíveis para fazer o reparo", acrescenta.

Produção familiar — "Se considerarmos a atividade familiar que hoje existe no Brasil, a produção leiteira torna-se inviabilizada de utilizar qualquer tecnificação. Mas se pensarmos em termos de uma atividade familiar como a que existe nos Estados Unidos, na Europa e em outros países, onde o produtor tem uma remuneração, tem amparo e acaba fazendo a exploração de sua propriedade quase como uma atividade familiar, esta teria condições de prosperar. Quando o produtor brasileiro conseguir os preços que, de fato, cubram seus custos e ainda o remunerem, chegaremos às granjas leiteiras, às pequenas explorações leiteiras com alta produtividade e quase numa atividade familiar", revela.

No entanto — frisa Valdir —, enquanto no setor industrial o pai, ou patriarca da indústria, tem a grande preocupação de preparar seus filhos para dar prosseguimento à sua atividade, na pecuária de leite ocorre o contrário. O produtor quer encaminhar seus filhos



Bastos: política de casuísmos

para um centro maior, onde obtenham diploma superior e consigam empregos, já que a propriedade agrícola é insuficiente para mantê-los. E isso vem acontecendo às custas de sacrifícios, muitas vezes com a venda de animais, de parte de terras, para sustentar os estudos de seus filhos. Na verdade, se temos a ordem inversa das coisas, é porque não temos remuneração", finaliza. □



Estado	Milhões/litros
AC	16.483
AM	28.857
AP	1.657
MT	125.777
MS	312.939
PA	209.366
PB	134.057
PI	38.056
MA	92.070
CE	226.865
RN	97.172
RO	64.866
RR	6.320
TO	—
AL	109.708
BA	662.748
DF	10.978
ES	267.144
GO	1.010.714
MG	3.721.197
PE	259.821
PR	1.032.743
SC	587.028
SE	74.905
SP	1.828.684
RJ	383.519
RS	1.188.134
Total	12.491.808

Produção de leite - IBGE - 1986, em 1.000 litros



50 anos fazendo este país mais verde.

1938. Nascia o Crédito Rural
do Banco do Brasil.

Ele foi criado para ser mais do que um
instrumento financeiro. Rapidamente
tornou-se um apoio fundamental para o
homem do campo. Acompanhou o seu
trabalho e gerou mudanças.

As monoculturas deram lugar a lavouras
diversificadas. Novas técnicas agrícolas
ganharam impulso. A mecanização se
desenvolveu em todas as etapas da
produção agropecuária. O verde expandiu
suas fronteiras e transformou terras
improdutivas em centros rurais.

O Crédito Rural do Banco do Brasil, há
50 anos, tem feito este país mais verde.
E vai continuar levando seu apoio aonde
quer que haja uma semente de crescimento.



RONCA, FUÇA E VIVE EM CRISES

A história da suinocultura é também a de suas crises. Hoje, depois de ter enfrentado o pior momento da atividade, o produtor já começa a empatar

A criação da empresa Irmãos Migliavacca e Cia. Ltda., em janeiro de 1947, marcou o ingresso de Reynaldo Migliavacca, suinocultor do município de Casca/RS, na atividade agropecuária. Em agosto do mesmo ano, um de seus sócios, Afonso Martinelli, atual diretor-presidente da empresa, o presenteou com uma porca duroc, já prenha. Dias após parir, o animal morreu deixando oito filhotes. Destes, apenas um casal sobreviveu, apesar de terem sido criados guachos e com muita dedicação. "Na mesma época tinha nascido o meu primeiro filho e, quando minha mulher levantava para amamentá-lo, eu também levantava, mas para aleitar os leitões que estavam dentro de uma caixa em meu quarto", lembra o criador. Este foi o início do criatório de um dos maiores e mais experientes suinocultores do país.

Em 1972, a empresa foi transformada em Granja Ideal S.A. - Pecuária, Agricultura e Comércio. Atualmente, ela comporta um rebanho de 8,3 mil cabeças e produz uma média que varia de 14 a 15 mil suínos/ano, todos destinados ao abate. São 800 matrizes das raças duroc e landrace, que, dentro de uma exploração praticamente racional, garantem um desfrute em torno de 190 por cento em número de cabeças, e, em quilos, de 280 por cento.

Migrações — É com a experiência e os conhecimentos adquiridos no decorrer dos 42 anos na atividade que Migliavacca fala das diversas fases que a suinocultura atravessou no decorrer dos últimos 45 anos. Segundo ele, o Rio Grande do Sul, que na década de 40 era o estado maior produtor de suínos do país — hoje em terceiro lugar —, está completamente exaurido, sem condições de estimular a produção. O início disso se deu entre os anos de 40 e 60, quando a maioria dos filhos de produtores gaúchos, com o dinheiro ga-

nho na atividade, migraram para Santa Catarina e Paraná, onde compraram terras do governo dos dois estados. Para Santa Catarina, a migração iniciou em 42 e, em 48, intensificou-se para o Paraná. Na época, lembra Migliavacca, chegavam a passar até 50 mudanças por dia no rio Uruguai.

Por volta de 56/58, iniciaram as integrações em Santa Catarina e, conseqüentemente, o desenvolvimento da suinocultura naquele estado. As empresas do ramo da carne, como a Sadia, em Concórdia, e a Perdigão, em Videira, incentivadas pelo governo estadual com a isenção de 10 por cento sobre o recolhimento do ICM, foram as responsáveis pelo grande fomento que teve o setor. Hoje, dentro da agropecuária catarinense, a suinocultura é a atividade que mais rende em ICM ao estado.

500 anos de atraso — Produzir porco e galinha depende exclusivamente da mão-de-obra humana, exigindo um trabalho constante, salienta Migliavacca. Segundo ele, esse é um dos principais motivos que levaram os jovens a fugir da roça. Hoje, no Rio Grande do Sul, os casais estão com média de 60 anos e sem condições de produzir o porco. Para Reynaldo Migliavacca, isto que chamam de êxodo rural na realidade não passa de falta de atenção do governo com o setor agrícola, principalmente o minifúndio. "Ao invés de incentivar a produção, o governo prefere exportar a carne. É possível ir para frente?", questiona o suinocultor.

Ouve-se falar que o Brasil é a 7ª ou 8ª economia do mundo, mas pelo jeito que as coisas andam, diz Migliavacca, esta "republicueta" não está computando o setor agropecuário, em especial a suinocultura e a avicultura, que, mesmo contando com excelentes materiais genéticos, não podem ser comparadas com as de outros países. "Esta-



Migliavacca: 42 anos driblando a crise

mos com 500 anos de atraso", enfatiza.

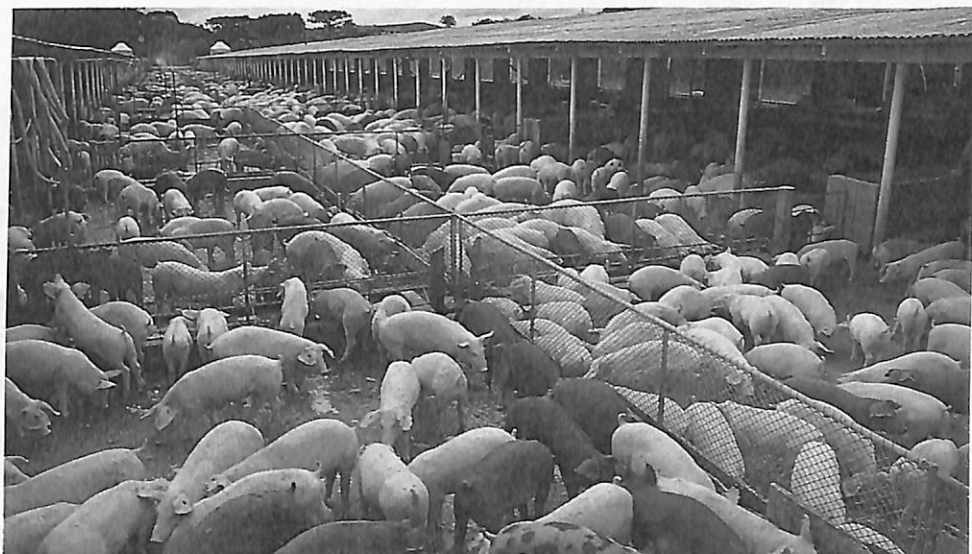
O oeste de Santa Catarina e o oeste e parte do norte do Paraná têm 90 por cento da população formada por migrantes do Rio Grande do Sul. Agora, os produtores dos três estados sulinos estão colonizando o centro-oeste, médio-oeste e oeste do Brasil Central, que, para Migliavacca, em breve se transformará no celeiro do Brasil, perdendo apenas para o Vale do Mississippi, que, pelas condições favoráveis, jamais deixará de ser o celeiro do mundo.

No Rio Grande do Sul, a soja começou a tomar todo o espaço. Em 1970 houve um grande impulso e, em 73, com a baixa produtividade do milho, teve sua área novamente aumentada, o que vem acontecendo até os dias atuais. Em síntese, o milho continua perdendo área no estado. Com isso, surge a necessidade de buscar o produto fora, e com custos mais elevados.

Mais recentemente, há cerca de dois anos, a suinocultura sofreu um desgaste muito grande, onde o produtor e a indústria saíram prejudicados, sem nenhum retorno. Todos perderam e, se aparecem alguns números, eles repre-

sentam o resultado inflacionário, mas não lucro. A suinocultura sempre atravessou crises no decorrer de sua história, mas elas duravam até um máximo de seis meses. Porém, esta última por pouco não se perpetua. Isto ainda é uma consequência do Plano Cruzado, que descapitalizou tudo. Para Migliavacca, desde o início era certo que isso ia acontecer. Tanto que, no dia da divulgação das medidas, ele lembra que telefonou para o gerente do Banco do Brasil de Casca e advertiu para que ele não liberasse nenhum tipo de financiamento dentro daqueles moldes, pois seria a falência dos produtores rurais.

Altos custos — Apesar do setor estar saindo da crise, os altos custos do grão não permitem que o produtor ganhe dinheiro. Para o suinocultor, o porco está com um bom preço, mas não pode subir mais porque impossibilitaria o consumidor de adquirir o produto. A situação é tal que, se hoje subisse o poder aquisitivo da população num índice de 20 por cento, dentro de apenas oito dias o mercado estaria totalmente esvaziado. “O povo está faminto, mas sem condições de comprar nem mesmo alimento. Somente os ricos é que podem



Granja Ideal: na luta pela sobrevivência

comer produtos suínos”, critica Migliavacca. A solução para isso seria uma moderação em todos os setores, que deveriam fazer ajustes de incentivo à produção, mas com o registro de um crescimento em números reais, não-inflacionários. Parte-se do princípio de que deve haver uma equação geral de política agrícola definida e, a partir

daí, delinear a política econômica. Só assim os setores produtivos poderão chegar no final de um ano com aquela margem de lucro necessária para darem continuidade aos seus programas.

Foi para demonstrar sua revolta que Migliavacca, que desde 58 participava das exposições de animais, não compareceu em Esteio no ano passado. “Foi somente agora, depois de dois anos pagando para produzir, que comecei a empatar dinheiro”, reforça. Ele considera inadmissível a taxa de impostos para o setor produtivo. “É só em repubblicas que se vê isso”.

Somente na região de Casca, que há 25 anos abastecia o mercado com três cargas de suínos por dia, hoje não chega a sair uma carga por mês. A única alternativa, diz o suinocultor, são as integrações, sem elas não há como sobreviver, mas ela deve ser organizada pela própria indústria, seguindo o exemplo da Sadia e Perdigão, que foram as desbravadoras da integração em Santa Catarina. Hoje, a Perdigão já se instalou em Marau e mais recentemente, no final de 88, comprou o controle acionário da Sulina Alimentos S.A., de Serafina Corrêa — antigo Frigorífico Ideal S.A. Deste grupo fazem parte a Granja Ideal S.A. e a Ideal Avícola S.A. Como a crise é econômica, ressalta Migliavacca, ela atinge a raiz da produtividade, que automaticamente tende a declinar. Frente a isso — segue —, para que se possa fazer uma suinocultura racional, hoje, é preciso muito dinheiro, mas nenhum produtor tem condições para isso e, mesmo que tivesse, não compensaria investi-lo na suinocultura. □

Preços e custos médios - 1988 (Em Cz\$)

Suíno vivo	Jan	Dez	%
Exportação	43,17	768,55	1.682,35
Carne	41,14	713,77	1.638,35
Banha	30,01	560,40	1.767,37
Principais alimentos			
Milho	408,00	6.503,18	1.493,91
Farelo de soja	23,00	203,75	785,86
Farinha de carne	24,00	203,75	870,23
Principais produtos			
Lombo	240,00	3.880,00	1.516,66
Costela	84,00	1.650,00	1.909,25
Carrê	142,50	2.362,50	1.557,89
Pernil	132,50	1.971,50	1.392,45
Banha	47,50	692,50	1.405,43
Custo de produção			
Fixo	33,67		
Variável	52,68		
Custo total	86,35	762,72	

Fonte: Associação de Criadores de Suínos do RGS.

NOVOS MERCADOS

A retomada do mercado externo dá um alento à atividade, enquanto avança na faixa dos que não podem comer carne bovina

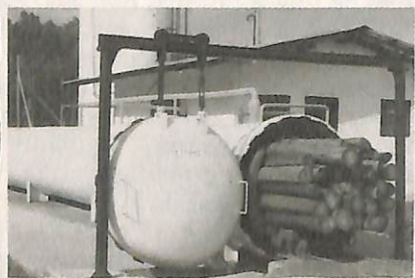
Até os anos 60, a avicultura existente no país era a chamada criação de fundo de quintal. A partir de então, passou a ser empregada a tecnologia no setor, buscando obter frangos de mais peso e menos afeitos a doenças. Segundo o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura — Asgav —, Heitor José Müller, que também exerce a função de diretor de relações com o mercado na Frangosul, maior empresa avícola do Rio Grande do Sul, o grande impulso no setor foi dado na década de 70, inclusive com a implantação dos sistemas integrados. As próprias empresas passaram a produzir pintos e ração, visando a produção de um frango economicamente viável e rentável, olhando o produto final



Müller: o frango ainda cabe no bolso do consumidor

• Postes de Madeira

A Flosul possui usina de preservação de madeira em autoclave, proporcionando à madeira ampla proteção contra organismos predadores.



• **Serraria** São produzidos variados tipos de madeira serrada como caibros, tábuas, ripas, pranchões ou outras formas sob encomenda. Esta madeira é utilizada para a construção em geral, tais como: embalagens, montagens de pallets, cabos para ferramentas, móveis, casas pré-fabricadas, etc.

flosul
FLORESTAMENTO DO SUL LTDA

ESCRITÓRIO: Rua 18 de
Novembro, 443 - Fone: (0512)
42-2900 - Telex: 51-1872
Loux - CEP 90240
Porto Alegre - RS
SEDE: Palmares do Sul
km 93 - RS-040

e adaptando o setor, explica o dirigente.

Em 1975, iniciaram as exportações, fazendo com que as estruturas de produção e abate se adequassem ao que há de mais moderno no mundo. Com vistas a atender as exigências do Ministério da Agricultura, que tem uma rigorosa legislação para exportações, e as exigências do mercado importador. Hoje, a avicultura brasileira pode ser comparada à de outros países, como por exemplo a da França e dos Estados Unidos. “Não devemos nada e, em alguns aspectos, o Brasil está até na frente”, garante Müller. Segundo ele, o ganho tecnológico e a evolução do setor foram enormes.

Atualmente, com os baixos índices de consumo de ração e o pouco tempo de vida da ave, do nascimento até o ponto ideal de abate, persiste uma interrogação: até onde a natureza vai permitir que se diminua a alimentação e o tempo para o abate? Em 1975, eram necessários 75 dias para que o frango atingisse 1,4 quilos (peso de abate). Hoje, este peso é obtido aos 38 dias e com menor quantidade de ração. Graças a esse ganho, indiscutivelmente a carne de frango continua sendo, na mesa do consumidor, a carne mais barata, ressalta Müller.

Na produção de ovos, o aperfeiçoamento genético também é uma realidade. Registrou-se, no decorrer dos anos, um aumento de produção e redução no consumo de ração. Sanitariamente, há muitos anos que não se houve falar em pestes de aves — as doenças que eram comuns nos criatórios foram praticamente erradicadas.

Segundo o presidente da Asgav, o setor avícola teve, no ano de 88, um de seus momentos mais difíceis. Tudo começou em 86. Com a edição do Plano Cruzado, houve um aumento de consumo e a carne não fugiu a esta regra, especialmente a do frango, que é a proteína mais barata. Proporcionalmente, quem come o frango é o consumidor de baixa renda e, como essas camadas foram beneficiadas com o maior poder de compra durante o Cruzado, a procura se tornou maior do que a oferta, intensificando-se ainda mais com o boicote da carne bovina.

Em vista disso, o Governo tomou duas atitudes: estimulou o crescimento da produção de ovos e aves e fez um contingenciamento das exportações, para que o produto fosse colocado no mercado interno. Os resultados disso foram desastrosos. O incremento da produção alavancado durante 86 passou a produzir seus efeitos em 87, pro-▶

Bá, tchê!



A gente tá relinchando de alegria com os 45 anos de vocês.

Há 45 anos tínhamos amigos no Rio Grande e não sabíamos.

Com eles aprendemos a matear, churrasquear, dançar vanerão, deixar o poncho em tiras nos longos papos, ouvir causos e bolear juntos numa peleia quando a causa é comum.

É neste aniversário da revista "A Granja" que vamos pontear um abraço, convidando "índios" e "prendas" para nossa festa de 89.



II FEIRA INTERNACIONAL
DA INDÚSTRIA E AGROPECUÁRIA
XX EXPOTIBA

Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento

AVES

vocando uma oferta tão grande que não foi possível de ser absorvida pelo consumidor brasileiro. Isso na era pós-Cruzado. Fato que foi agravado pelo acréscimo de oferta no mercado interno da parte que era absorvida pelos clientes do mercado internacional, perdidos com as limitações das exportações impostas pelo Plano Cruzado. Como consequência, foi necessário diminuir a produção brasileira, ou seja, ajustar a oferta à demanda.

Além disso, em 88 houve outros complicadores, lembra Müller: a seca na região sul do país, que diminuiu a colheita de milho, a edição de uma portaria do Ministério da Agricultura alterando a política de compra e venda do milho por parte da CFP (Companhia de Financiamento da Produção) e também a seca nos Estados Unidos, que foi a responsável pelo disparo dos preços mundiais do farelo de soja. No somatório dessas circunstâncias adversas, tendo em vista a alta de custos, bem superior às possibilidades de repasse ao preço de consumo, a avicultura laborou com prejuízos no ano passado.

No último trimestre de 88, os preços dos insumos começaram a se estabilizar e foi possível aumentar os preços de vendas, como consequência da redução da produção havida durante o ano, tanto em frangos como em ovos. Entrando 89, já com o Plano Verão em marcha, Müller ressalta que há algumas questões preocupantes, principalmente no que diz respeito ao aumento da carga tributária. Frente a isso, o desempenho da avicultura vai depender

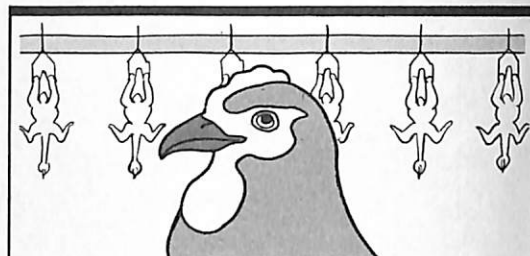
mais dela mesma, em adaptando a oferta à demanda e não se deixando induzir pelo Plano de Verão no sentido de provocar um crescimento de produção insustentável no tempo, da mesma forma como ficou provado por ocasião do Plano Cruzado.

É difícil prever como vai ser 89. Se a avicultura se adaptar ao consumo, este ano poderá ser um pouco melhor do que foi 88. Nos últimos cinco anos, houve um crescente aumento da carga tributária. O frango, em 83, ao chegar à mesa do consumidor, tinha embutido nele em torno de seis por cento de tributos. Em 88 este número chegou a 27 por cento e, como se vê, não resolveu em nada o problema do governo, que, não satisfeito, pretende aumentar ainda mais esta carga, para custear a cada vez maior ineficiência dele próprio, desabafa o dirigente.

A nível de Rio Grande do Sul, Müller defende um incremento na produção de milho, para que o estado volte a ser auto-suficiente, evitando assim as onerosas aquisições de outras procedências. Ele também acha que a avicultura deveria ser efetivamente considerada pela sua essencialidade, por dois aspectos fundamentais: que o produto fosse realmente considerado de primeira necessidade, desta forma evitando a excessiva tributação, permitindo às classes menos favorecidas o acesso a essas proteínas e, em segundo lugar, a viabilização da avicultura e, consequentemente, dos minifúndios, que encontram nesta atividade a garantia de sobrevivência. □



As exportações provocaram emprego de alta tecnologia



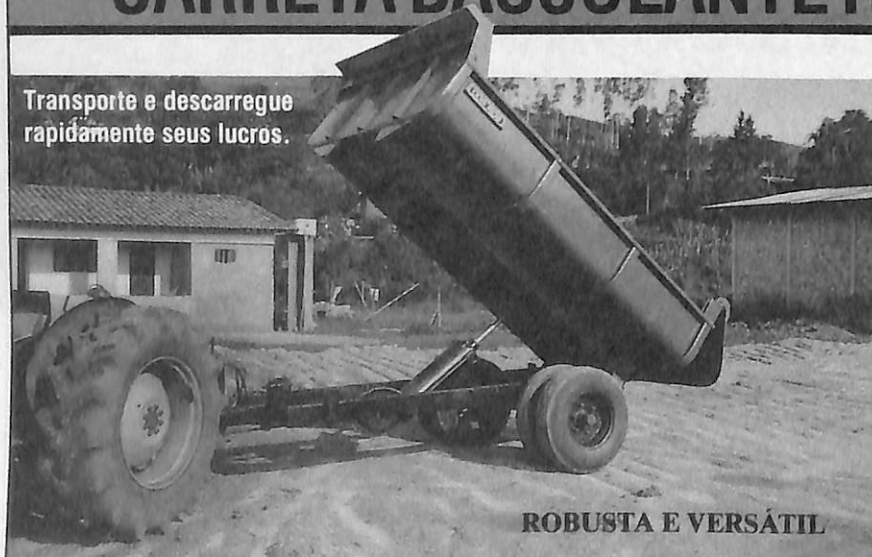
Produção Brasileira de Frangos de Corte

Ano	Toneladas
1982	1.603.822
1983	1.587.387
1984	1.437.576
1985	1.584.948
1986	1.753.035
1987	1.961.541
1988 (até novembro)	1.781.831

Fonte: União Brasileira de Avicultura - UBA

CARRETA BASCULANTE HIDRÁULICA

Transporte e descarregue rapidamente seus lucros.



ROBUSTA E VERSÁTIL

FABRICAÇÃO EM DIVERSAS VERSÕES:

- Versão para menor volume
- Versão para maior volume - graneleira
- Com ou sem rodados duplos
- Com ou sem freios
- Com ou sem portas laterais
- Com um ou com dois eixos
- etc.

Dois Rios

METALÚRGICA DOIS RIOS LTDA.

Estrada Geral s/nº - Bairro
De Villa - Cx. Postal 152
Fone: (0484) 65-1511
CEP 88.840 - Urussanga - SC

**UM GRANDE
LANCE PARA
QUEM VENDE.**



CARNÊ REMATE MERIDIONAL.



**UM GRANDE
LANCE PARA
QUEM COMPRA.**

O Carnê Remate Meridional é a solução para a cobrança das parcelas nas vendas de animais em feiras, leilões ou exposições. É emitido e entregue na hora facilitando e agilizando a transação. O comprador sai do remate sabendo exatamente quanto, quando, como e onde irá pagar. O Meridional fica responsável pela custódia das notas promissórias. Este é mais um serviço do Banco Múltiplo.

MERIDIONAL

O BANCO MÚLTIPLO COM A FORÇA DA UNIÃO

SEM O GOSTO DO LUCRO

Cultivado há quase 300 anos, o café acompanha os altos e baixos da economia brasileira

A cultura do café foi introduzida no Pará em 1727 por Francisco de Mello Palheta, se deslocando, em 1774, para o estado do Maranhão. Alguns anos depois, chegava ao Vale do Paraíba, em São Paulo. Em 1809, alcançava Campinas e, a seguir, as famosas terras roxas do oeste do estado, onde exuberantes cafezais foram formados, possibilitando a colheita de um produto da mais fina qualidade.

No ano de 1800, o país exportava as primeiras 13 sacas de café e, 30 anos depois, já liderava a produção mundial. Em fins do século XIX, o volume exportado era de 450.000 toneladas do produto beneficiado, o que correspondia a 64 por cento da receita do país.

Nos anos que se seguiram, as crescentes produções, verificadas com a expansão do cultivo, resultaram em um excesso para o pouco elástico mercado do café. Na época, especialmente na década de 30, os vultosos estoques que haviam sido formados precisaram ser eliminados.

Após 1950, com um novo excesso de produção, o governo optou pela eliminação seletiva de cafezeiros através do Plano de Erradicação de Cafezais. Esse plano foi executado em 1962 e 1965, com a supressão de numerosos cafezais de baixa produtividade, dando preferência a um menor número, porém mais produtivos. O registro de condições adversas por vários anos, como geadas, secas, ferrugem, bicho-mineiro e nematóides, entre outras, aliadas à descapitalização gradativa do produtor, fizeram decrescer, consideravelmente, a produção cafeeira. Em vista do decréscimo de produção, que se acentuou nos anos agrícolas 1970/71, 1973/74 e 1976/77, tornou-se necessária a renovação do parque cafeeiro, através de financiamento governamental, selecionando-se regiões climáticas mais adequadas para os novos plantios.

Verificou-se, com estas medidas, um grande estímulo no cultivo do cafeeiro, com aumento considerável em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, estendendo-se ainda para as novas fronteiras agrícolas, como Rondônia, Mato Grosso e pequenas áreas em quase todos os demais estados.

Segundo o Instituto Brasileiro do Café (IBC), a população cafeeira do Brasil, em 1987, era da ordem de 4,2 bilhões de covas, em área cultivada de 2,8 milhões de hectares. O estado de Minas Gerais tinha o maior número de covas (1,7 bilhão), seguindo-se São Paulo (769,7 milhões), Espírito Santo (672,1 milhões), Paraná (512,1 mi-

lhões), Bahia (167,7 milhões) e outros estados (300 milhões).

Algumas fontes do setor cafeeiro, conforme assinala o Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria da Agricultura, no "Prognóstico Agrícola 88/89", prevêem uma produção para o ano de 89 superior aos 40 milhões de sacas beneficiadas, pressupondo a média de produção de 10 sacas beneficiadas por mil covas.

De acordo com o estudo do IEA, a evolução anual da produção de café no Brasil e por estados, no período 1980/88, apresentou nítida alternância de safras em termos de tamanho, ou seja, os ciclos bianuais, sendo a média do >

Uma das saídas para o produtor faturar mais é a redução da carga tributária



O melhor ficou mais bonito.

**CAPACIDADE:
DE 6 A 70t/hora.
O MAIS EFICIENTE**



secadores
comil

COM. E IND. METALÚRGICA SANTO ANTONIO LTDA.
Av. Tancredo Neves, 1706 - Cx. Postal 35 - CEP 85800 - Cascavel - Paraná

- **CASCVEL - PR**
TELEFONE: (0452) 23-1646
TELEX (0451) 311
- **ERECHIM - RS**
TELEFONE: (054) 321-3011
TELEX: (054) 5409
- **VÁRZEA GRANDE - MT**
TELEFONE: (065) 381-3678

período da ordem de 24,7 milhões de sacas, quantidade considerada apenas suficiente para atender níveis usuais de consumo interno e exportações nos anos recentes.

O mesmo estudo destaca que a partir de meados de 88 o preço de garantia de compra pelo IBC atenuou a acentuada queda de preços, em razão de adotar-se o sistema de correção pela OTN. Também ajudou, em parte, a sustentação dos preços as elevações percentuais mensais de dois por cento, em termos reais. No entanto, os preços médios, em termos reais, estão ainda sendo cotados aos níveis mais baixos jamais verificados.

Perspectivas — Uma das principais expectativas do setor é que este ano haja reversão dessa situação. No entanto, em função da falta de remuneração dos produtores, os técnicos do IEA destacam que “os tratos culturais que deveriam ter sido aplicados na lavoura ficaram bastante aquém das recomendações agrônômicas”. Além disso, esse quadro foi agravado com os elevados

CULTURA CRESCER COM O PROÁLCOOL

Crise do petróleo mudou o perfil da cultura, e hoje o setor emprega mais de um milhão de trabalhadores

A cana-de-açúcar é uma das culturas que mais se expandiu no país nos últimos dez anos. Essa expansão não ocorreu apenas nas áreas tradicionais, mas também nas novas fronteiras agrícolas, como a região dos cerrados, nos estados de Goiás, Mato Grosso e chegando até a Amazônia.

Mas o grande impulso no desenvolvimento agrícola e industrial da cana-de-açúcar ocorreu a partir da criação, em 1975, do Programa Nacional do Alcool (Proálcool). O Brasil produziu, na safra 87/88, 223 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, o equivalente a 11,5 bilhões de litros de álcool e oito milhões de toneladas de açúcar. Desse total, a região Centro-Sul participou com 76 por cento na produção de cana e 61 por cento na de álcool. O estado de São Paulo continua liderando a área de cultivo (50 por cento da área plantada), a produção (7,329 bilhões de litros de álcool e 3.638 mil toneladas de açúcar), além de manter uma produtividade de 77.373 quilos por hectare, contra a média nacional de 65 toneladas por hectare.

O porquê do Proálcool — Toda esta evolução na cultura da cana-de-açúcar tem muito a ver com a crise do petróleo nos anos 70. Quem conta é Werther Annicchino, presidente da Copersucar, em São Paulo, uma das potências do setor sucroalcooleiro. Segundo ele, na década de 70, mais precisamente em 1973 e 1979, ocorreram os dois grandes choques do petróleo, elevando os preços destes produtos a patamares insustentáveis para os países importadores, entre eles o Brasil. Nessa época, o país importava 80 por cento do petróleo consumido, o que nos colocou em condição de vulnerabilidade estratégica e econômica, obrigando o governo a dispendir elevada quantia de divisas.

O álcool, no mesmo período, já era considerado um substituto, técnica-



Annicchino: rentabilidade vem caindo

mente comprovado, da gasolina nos motores de ciclo Otto. Como a agroindústria canavieira, no início da década de 70, experimentava intenso processo de modernização e ampliação de sua capacidade de produção, o setor estava capacitado para assumir o compromisso de oferecer um combustível de cunho estratégico e de origem renovável para enfrentar a crise de combustíveis líquidos, que ameaçava seriamente a economia do país.

Com relação aos cortes de subsídios à agricultura, Annicchino diz que, na verdade, não existe subsídio aos produtores do setor sucroalcooleiro. “O que há são subsídios de equalização de custos, destinados às regiões norte, nordeste e ao estado do Rio de Janeiro em razão dos custos de produção serem mais elevados nessas regiões, pois suas condições de clima e solo são menos favoráveis ao cultivo da cana”, explica o dirigente. Como o preço da comercialização do açúcar é determinado com

Brasil — Produção de café verde (mil sacas de 60kg)

Safra	Área plantada (mil ha)	Total produzido
1980/81	3.020	21.500
1981/82	3.145	33.000
1982/83	3.225	17.750
1983/84	3.225	30.000
1984/85	3.275	27.000
1985/86	3.300	33.000
1986/87	3.350	13.900
1987/88	3.400	35.000

Obs.: 95% de predominância do café arábico.

Fonte: Horticultural and Tropical Products Division, FAS, USDA.

custos do mercado financeiro, que impediu que os cafeicultores investissem em sua atividade visando à melhoria de suas lavouras.

Uma das propostas que vem sendo defendida para elevar os preços recebidos pelos cafeicultores no curto prazo, segundo o documento do IEA, é a “redução sensível de carga tributária e plena liberdade de competição entre as empresas exportadoras, uma vez que o tamanho das safras 1988 e 1989 está superestimado e não há realmente disponibilidade de café tão ampla como algumas estatísticas e prognósticos oficiais sugerem”.

Manter “A Granja”
não é uma tarefa fácil.
Manter “A Granja”
por 45 anos consecutivos,
cuidando com carinho
das coisas que acontecem
com as pessoas,
com os animais,
com as plantas,
com a terra,
enfim, com a natureza,
é missão que exige
muito trabalho, esforço,
perseverança e técnica.
Nós sabemos perfeitamente
o que isso significa,
pois as pessoas, os animais,
as plantas, a terra, enfim,
a natureza, são o nosso princípio,
são o nosso fim.
Parabéns!

**Secretaria da Agricultura e
Abastecimento**



Evolução da produção de cana no Brasil

(milhões/t)

Safra	Brasil	Norte-Nordeste	%	Centro-Sul	%
75/76	68,3	25,6	37,5	48,7	62,5
76/77	88,1	34,5	39,3	53,3	60,7
77/78	105,7	35,7	34,1	68,9	65,9
78/79	111,6	37,3	34,0	72,4	66,0
79/80	117,5	37,6	32,0	79,7	68,0
80/81	132,4	44,0	33,3	88,0	66,7
81/82	133,2	41,8	31,3	91,5	68,7
82/83	166,6	50,2	30,1	116,4	69,9
83/84	193,0	52,2	26,4	145,8	73,6
84/85	202,7	56,6	28,0	145,7	72,0
85/86	223,7	65,4	29,0	160,5	71,0
86/87	217,0	64,0	29,0	153,0	71,0
87/88	223,0	54,5	24,0	168,5	76,0
88/89*	241,0	65,0	27,0	176,0	73,0

Fonte: Anuário Estatístico IAA

*produção estimada

base nos padrões de custo das regiões de maior produtividade, e o preço é uniforme em todo o país, continua ele, torna-se necessário sustentar, de alguma forma, a atividade econômica nas regiões de custo mais elevado. Assim, o subsídio de equalização funciona como um incentivo ao desenvolvimento regional e não como subsídio ao produtor. Além disso, esse incentivo é pago pelos consumidores de açúcar, através da contribuição ao IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), já incorporada ao preço do açúcar, complementa.

Outro aspecto que tem preocupado o produtor de cana é a rentabilidade. Para Annicchino, esta rentabilidade vem diminuindo desde o início da Nova República. Nessa ocasião, o então ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, com o intuito de controlar a inflação, congelou os preços dos combustíveis líquidos. Depois disso, vieram as duas versões do Plano Cruzado, agravando ainda mais a situação econômica do setor, com a prática, pelo governo, de uma política irrealista de preços. Para ele, os reajustes aos produtores, posteriores ao congelamento, não foram suficientes para eliminar os déficits acumulados no período, criando uma defasagem nos preços e impedindo a realização de investimentos necessários ao crescimento da produção.

Mão-de-obra e tecnologia — “A agroindústria canavieira é uma atividade voltada intensamente para a utilização de mão-de-obra, particularmente no segmento agrícola”, dispara Annicchino, salientando que o setor emprega, diretamente, mais de um milhão de trabalhadores, que têm rendas familia-

res superiores à renda de 50 por cento das famílias brasileiras.

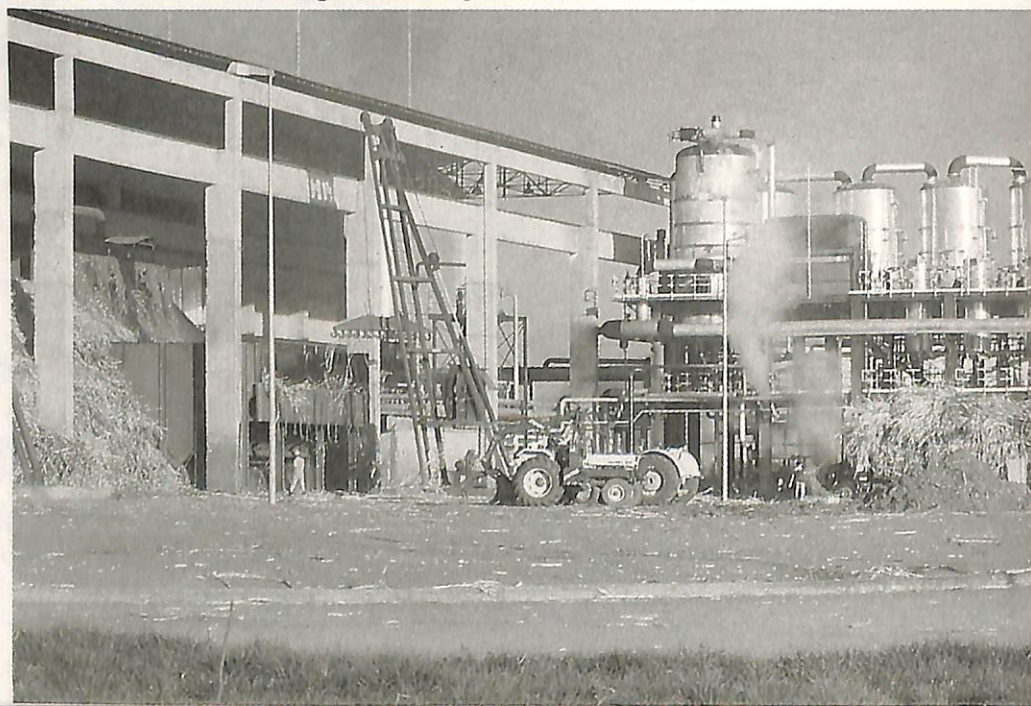
Sobre o aperfeiçoamento tecnológico da cultura, ele destaca a importância do Centro Tecnológico da Copersucar (CTC), em Piracicaba, criado em 1979, que tem investido amplamente no aperfeiçoamento e desenvolvimento de novas técnicas. Na área agrônômica, tem contribuído para a obtenção de significativo aumento de produtividade e redução nos custos de produção, além de desenvolver máquinas e implementos específicos para a lavoura canavieira. Realiza ainda o melhoramento genético, criando variedades de cana mais produtivas e menos suscetíveis a pragas e doenças.

No ano passado, a Copersucar investiu mais de US\$ 2 milhões em um

avançado laboratório de biotecnologia, uma área que terá fundamental importância no desenvolvimento da agricultura.

O dirigente da Copersucar informa, ainda, que o Programa de Mecanização Agrícola, iniciado em 1987, deverá desenvolver, até 1993, sistemas e equipamentos específicos à lavoura da cana, evitando adaptações que nem sempre se adequam ao manejo da cultura. Como exemplo deste esforço, Annicchini diz que o CTC desenvolveu um projeto de carregadeira contínua que reduzirá as impurezas da cana no carregamento e transporte e está desenvolvendo um projeto de trator específico para a atividade canavieira 40 por cento superior em relação ao trator tradicional. □

Os anos 70 marcaram a expansão da agroindústria canavieira



À PRIMEIRA VISTA ISTO PARECE UMA PLANTAÇÃO DE SOJA.



E é. O que esta plantação tem de especial é a riqueza da terra, tratada com fertilizantes e nutrientes adequados. Esta terra poderá abrigar ainda inúmeras plantações, de soja, de trigo, de milho...

A Trevo há 58 anos tem por objetivo a terra e o homem da terra. A qualidade de seus produtos, a tecnologia de ponta empregada e a orientação técnica, conquistaram a confiança dos agricultores, consolidando a sua posição de maior fornecedor de fertilizantes e corretivos de solo do país.

E, se você reparar bem, à segunda vista isto é bem mais do que uma plantação de soja. É produtividade.



ADUBOS TREVO

Top de Marketing 87 - ADVB

LARANJA MILIONÁRIA: O SABOR DO DÓLAR

Os produtores da cultura mais rentável do país, que entraram num processo de descapitalização em 86, retomam o poder de investir

O crescimento acentuado na citricultura nacional ocorreu entre 1970 e 1985, quando a produção anual saltou de 40 para 220 milhões de caixas. Hoje, o Brasil é o maior produtor de citros e o maior exportador de suco concentrado congelado de laranja do mundo. Em 1963, exportou 5,3 mil toneladas métricas e obteve US\$ 2 milhões. Com a explosão do setor, esses números passaram, em 86, para 808 mil toneladas e US\$ 682 milhões. Além de ser uma cultura perene, o crescimento do plantio da laranja deveu-se às condições favoráveis de investimentos daqueles anos, favorecido pela decadência da cultura do café, da

pecuária e de outras atividades do setor agropastoril no noroeste do estado de São Paulo, que é a região maior produtora.

Para o engenheiro-mecânico e empresário rural Roberto Campanelli, presidente da Associação dos Citricultores do Estado de São Paulo — Aciesp — e da Comissão Técnica de Citricultura da Faesp — Federação da Agricultura do Estado de São Paulo —, o moderno complexo industrial brasileiro de processamento da fruta e exportação do suco também contribuiu para este avanço. Aliado a isso, segue, a ocorrência de freqüentes geadas no estado da Flórida, Estados Unidos,

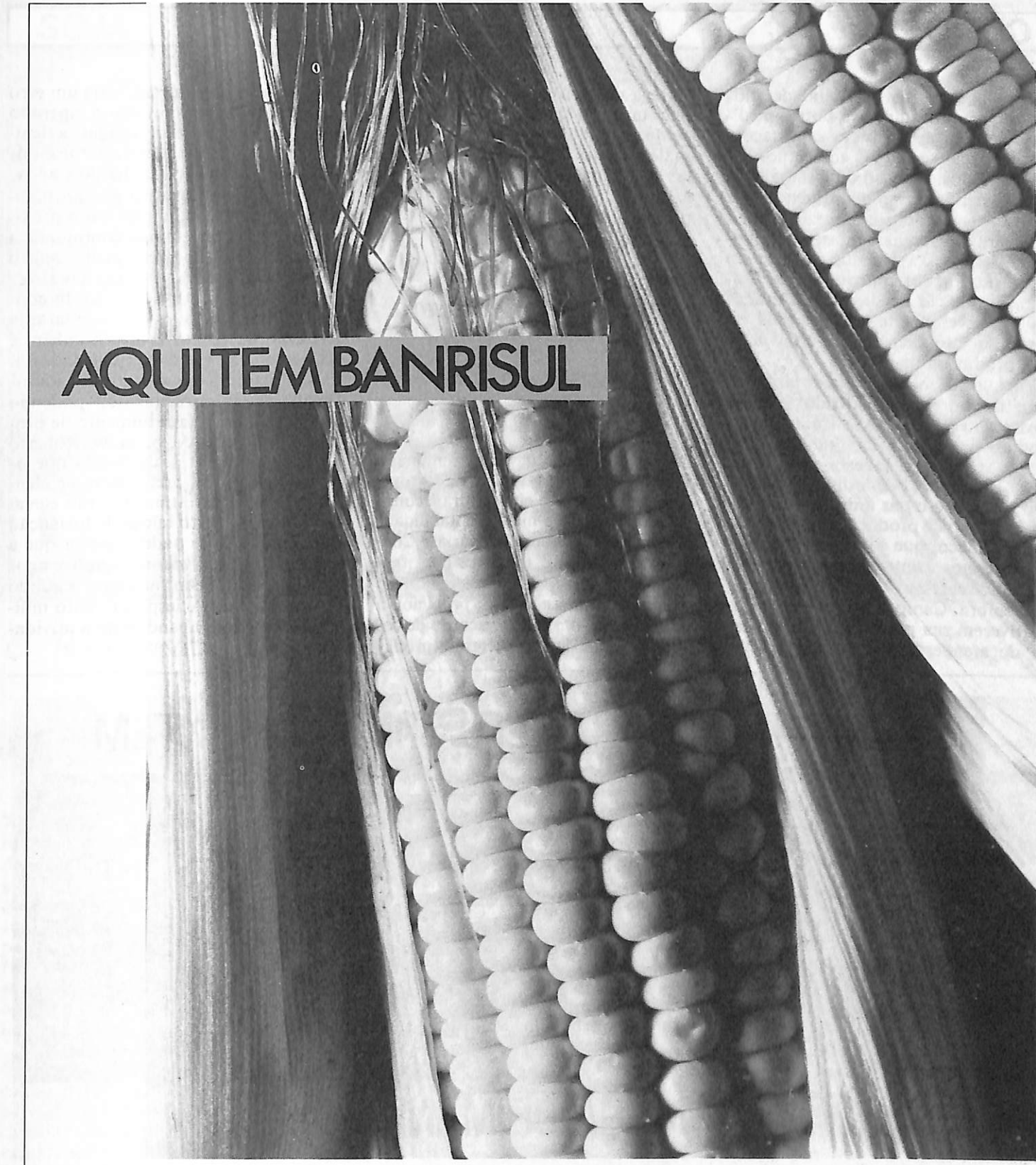
que era o maior produtor de laranja da época, foi outro fator positivo.

Com relação à situação econômica, a grande maioria dos citricultores está num processo de descapitalização desde 1986, quando o preço pago pela laranja, cerca de US\$ 1,20 por caixa, não repôs sequer o custo direto da produção. Entretanto, diz Campanelli, o bom preço pago pela safra do ano passado está restaurando o equilíbrio do setor, permitindo a retomada dos investimentos nos pomares. O problema mais grave, no entanto, é que a produtividade média brasileira, inferior a duas caixas por árvore, é muito baixa. Consequentemente, muitos citricultores dependem de um elevado preço de venda da caixa de laranja para faturar algum lucro. Já aqueles que conseguem produtividade acima de três caixas por árvore, têm na citricultura uma das mais rentáveis atividades da agropecuária nacional.

Segundo Campanelli, uma parcela muito pouco significativa das riquezas geradas pela exportação tem sido repassada, pelas indústrias, aos produtores. O atual contrato de comercialização da laranja, ainda que represente um avanço em relação ao praticado em anos anteriores, precisa ser aprimorado. Com ele, as indústrias têm assegurada a garantia de seu lucro, qualquer que seja o preço do suco no mercado internacional. Mas, aos produtores, cabe o risco dos prejuízos, sem ter sequer uma garantia de reposição dos custos de produção. Entretanto, continua, o cálculo, em dólares, do preço da caixa da laranja e o seu repasse ao produtor, pelo equivalente em cruzados, tem permitido aos citricultores reinvestirem em seus pomares sem o fantasma da inflação.

Dada a inexistência de um outro país que concorra com o Brasil no suprimento das necessidades do mercado de suco americano, Campanelli acredita ►





AQUI TEM BANRISUL

Quem olha os nossos campos, as nossas lavouras e a nossa agricultura pelas coxilhas do Rio Grande, pode não saber, mas está vendo o Banrisul.

Porque ele não é um simples banco. É o agente financeiro, um banco social que aplica, segura, investe e financia a economia gaúcha. Assim como apóia a nossa agricultura, com o Crédito Rural.

Onde tem Banrisul, tem a semente do desenvolvimento.

banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL - 1989



serem pequenas as possibilidades dos Estados Unidos imporem outras medidas de retaliação contra as exportações brasileiras. A seca que ocorreu nos Estados Unidos, no caso da laranja, não exerceu nenhum tipo de influência que pudesse ser notado, uma vez que a citricultura americana é quase que totalmente irrigada. Além disso, o estado da Flórida, maior concorrente do Brasil na produção de suco concentrado, não foi severamente atingido pela estiagem, que foi bem mais intensa na região produtora de grãos.

Em anos de maior oferta de laranjas, os citricultores têm sofrido grandes perdas, em função de se tratar de um produto perecível e das indústrias terem se recusado a fazer a colheita na época adequada. Além disso, é conhecido o alto lucro das indústrias, embutido no custo de produção e comercialização do suco, que é imposto, por elas mesmas, nos contratos de compra e venda da matéria-prima. Por outro lado, lembra Campanelli, as empresas que tiverem sua produção própria, capaz de atender aos compromissos de

entrega de suco a curto prazo, adquirir uma maior independência. Há, ainda, o problema da capacidade ociosa de algumas delas, que, agravado pela queda da produção dos pomares existentes, têm inviabilizado os seus projetos de expansão.

"A classe organizada se beneficiou da escassez de suco"

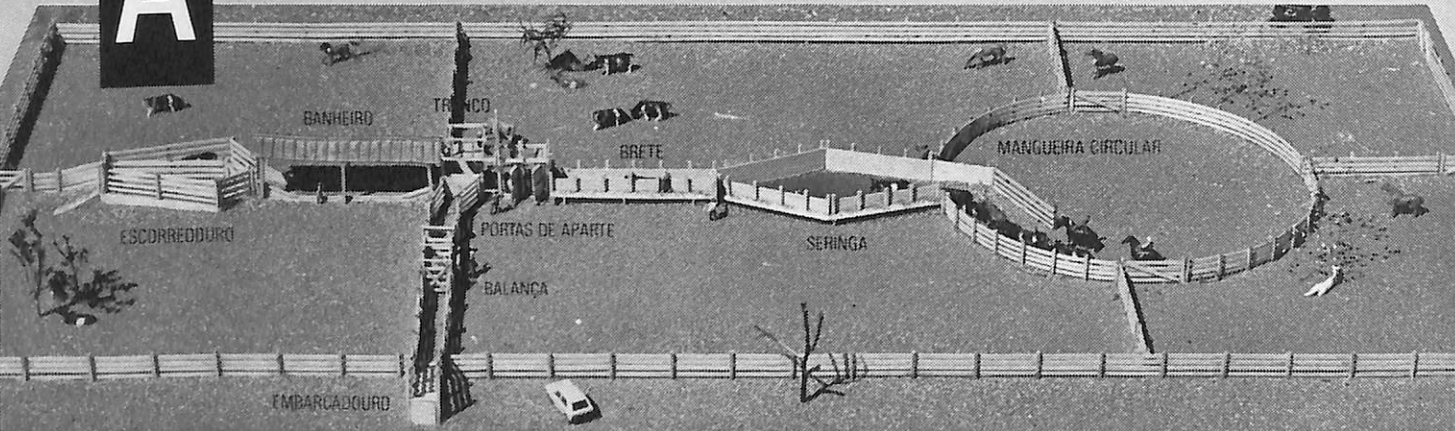
Em decorrência da baixa remuneração dos demais produtos da agropecuária brasileira, a citricultura é considerada o setor de maior rentabilidade dentro das atividades primárias. Contudo, é indiscutível que a melhor organização da classe, aliada à falta de suco no mercado internacional, propiciou a assinatura de um melhor acordo de comercialização da safra, entre a produ-

ção e a indústria. Porém, seria um erro permitir que o bom resultado esperado para a presente safra apague a lembrança das dificuldades do setor e dos prejuízos contabilizados há dois anos.

Dentro de um quadro de anormalidade, pode-se acreditar que, nos próximos anos, a citricultura continuará a ser uma atividade privilegiada dentro da agropecuária brasileira, uma vez que espera-se um crescimento do consumo internacional do suco de laranja na razão de 10 por cento. Também é natural que a excessiva publicidade dada à citricultura nos últimos tempos estimule o seu crescimento, podendo acarretar num grande aumento de produção a médio prazo, prevê Roberto Campanelli. Ele ressalta ainda que os novos produtores precisam estar cientes de que os investimentos são elevados. Além do custo inicial de formação do pomar, não se pode esquecer que a primeira colheita ocorre quatro anos após o plantio. Um fato que, segundo o presidente da Aciesp, tem feito muitos aventureiros abandonam a atividade. □

A

MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM



AMANHÃ DE MANHÃ.

AS INSTALAÇÕES COMPLETAS **MUTTONI** OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQUINOS E OVINOS. TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS

EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA. PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.

GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.
Rua Porto Alegre, 120 - km 285 - BR 116
Tel.: (0512) 80-1533 - 80-2764
Caixa Postal 86 - CEP 92.500 - GUAIABA - RS



TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879



DEMANDA FAVORÁVEL

Responsável pela modernidade no campo, a soja continua com bons preços no mercado e promete uma boa safra

“A soja foi um fator de modernização da agricultura brasileira. Isto é fácil de se verificar na medida em que nós, a partir da década de 70, tivemos uma verdadeira revolução na agropecuária brasileira. Boa parte disso se deve à soja, que, com tecnologia moderna, foi entrando em áreas que anteriormente eram de lavouras de subsistência. Ela realmente mudou o perfil da agricultura do país.” Quem faz este relato é o jornalista Silmar César Müller, diretor da Editora Safras & Mercado, de Porto Alegre/RS, um dos maiores especialistas nesta oleaginosa.

O começo da soja se deu no Rio Grande do Sul, posteriormente avançando para o centro-oeste e norte do país. Ela está presente, hoje, em praticamente todo o território nacional, levando, com isto, novas tecnologias e também melhorando a de outras culturas. Em função de seu fator espelhador, vai abrindo novas fronteiras agrícolas em regiões onde outra cultura não poderia fazer da mesma forma, explica Müller.

É o caso do arroz no centro-oeste, exemplifica Silmar, que deixou de ser a cultura desbravadora, perdendo a posição para a soja, que leva atrás de si to-

do um desenvolvimento novo. Em função da estrutura que necessita e por causa da tecnologia que utiliza, pondera.

O desempenho de 88 — Com relação ao desempenho da cultura no ano que passou, Müller diz que foi um ano excelente, de certa forma inesperado, porque até março/abril ainda não se tinha uma noção exata de que a soja poderia ser um negócio tão rentável.

O ano começou com uma frustração de safra motivada pela seca, especialmente no Rio Grande do Sul, e com preços relativamente baixos no mercado internacional. Mas, a partir de um plantio nos Estados Unidos, muito abaixo da expectativa, e da pior seca que esse país enfrentou nos últimos 50 anos, houve uma mudança radical no perfil dos preços internacionais, com aumentos reais extraordinários. “Passamos de uma faixa de 5,5 a seis dólares o *bushel* (medida americana para a soja, que equivale a 27,2 quilos) para até mais de 10 dólares o *bushel* em questão de três ou quatro meses, beneficiando a soja justamente na sua época básica de comercialização, ou seja, no final do primeiro semestre de 88. Isto significou um benefício real para os

próprios produtores”, afirma o especialista.

Na verdade, quem mais ganhou dinheiro com esta cultura em 88 não foi a indústria, como normalmente acontece, mas o produtor. “Ele foi o mais beneficiado, porque a alta ocorreu no próprio período de comercialização de safra da lavoura, quando muitas indústrias que compraram soja nesse período acabaram tendo de vender mais tarde a preços mais baixos”, garante Müller.

Safra sem financiamento — A especulação de que a cultura da soja vai ficar sem financiamento governamental preocupa Silmar. Ele observa que, há alguns anos, a tendência de redução gradual destes financiamentos fez com que o produtor passasse a buscar recursos no mercado. Isto, segue, tem encarecido o custo financeiro da produção de uma maneira bastante dramática, mas foi mascarado no ano passado em função da alta dos preços no mercado internacional. Provavelmente, isto será sentido quando os preços voltarem aos patamares anteriores às altas registradas. “Já está prevista, para este ano, uma redução maior ainda, atingindo especialmente o médio e pe- ▶

SOJA

queno produtor, que são os usuários do crédito rural”, garante Silmar.

Mesmo sem financiamento, o produtor está pedindo compensações, como, por exemplo, a redução da pesada tributação que incide sobre a soja. O técnico observa que os países concorrentes do Brasil — Estados Unidos, Argentina e Comunidade Européia, em nível de exportação e de lavoura — estão subsidiando seu produto. Só no Brasil é que está havendo uma redução progressiva e permanente de todos os benefícios que a soja tinha no passado. “Hoje, não temos praticamente financiamento nenhum para a lavoura e temos uma tributação muito mais alta do que a dos países concorrentes, com tendência a crescer em função deste novo tributo que está se criando, o ICMS, em todos os estados”, explica Silmar Müller.

Segundo ele, já houve até propostas no sentido de aumentar o ICM do farelo e do óleo de soja que, temporariamente, está barrado, tendo em vista a pressão do setor industrial contra esta intenção. De qualquer modo, existe, de forma indireta, a ameaça de novas taxações.

Complexo soja - Brasil - Oferta e demanda (Em mil toneladas)

Safra (colheita) Ano comercial (fev/jan)	1989 89/90(*)	1988 88/89(º)
1. Soja/grão		
Estoque inicial	407	(591)
Produção	20.849*	(21.860)
Importação	—	(—)
— Oferta total	21.526	(22.451)
Moagem	15.500	(16.000)
Exportação	3.800	(4.300)
Sementes/outros	1.400	(1.400)
— Demanda total	20.700	(21.700)
Estoque final	556	(751)
2. Farelo de soja		
Estoque inicial	267	(361)
Produção	12.090	(12.480)
— Oferta total	12.357	(12.841)
Consumo interno	2.600	(2.600)
Exportação	9.500	(9.800)
— Demanda total	12.100	(12.400)
Estoque final	257	(441)
3. Óleo de soja		
Estoque inicial	147	(137)
Produção	2.945	(3.040)
Importação	—	(—)
— Oferta total	3.092	(3.177)
Consumo interno	1.950	(1.950)
Exportação	1.000	(1.080)
— Demanda total	2.950	(3.030)
Estoque final	142	(147)

Obs.: (*) Projeções, SAFRAS (anterior-novembro-entre parênteses) (x) Previsão média de safra. (a) Previsões (ano em curso) (b) Inclui 250 mil toneladas de destino desconhecido. Fonte: SAFRAS, Dez/88.

SUPERTAINER®

**A melhor amiga do homem no campo!!!
A bombona nº 1. A mais difícil para agroquímicos.**

- Principal produtora. Liderança total. Entrega em 48 horas.
- Experiência de 44 anos. A maior linha da América.
- Milhões de unidades para exportação e mercado interno.
- Pioneira e primeira na tecnologia internacional atualizada e polivalente.
- Campeã na agricultura, mar, caça, pesca, garimpo, etc.
- Designs com visual de nova geração e geometria sem pontos de tensão.
- 40 modelos retangulares/cilíndricos empilháveis, capacidade 3 a 60 litros com tampas lacre — Patenteadas.
- Superior relação peso/volume/densidade para seu produto, 100% polietileno, alto peso molecular, alta densidade, PP copolímero, atóxico, neutro, inodoro, insípido, para embalar com total segurança desde alimentício delicado, ao químico-agroquímico mais agressivo, líquido ou sólido.
- Assistência técnica, departamento de projetos e ferramentaria, laboratório, para criar modelos personalizados com sua marca, cor, etc.
- Aprovadas pelos órgãos federais da Europa e USA, e nacionais DNVS e Instituto Adolfo Lutz.

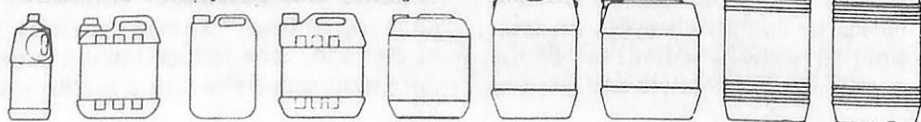
Central de Vendas 456-7700 - Telex: (11) 45043

Caixa Postal 330 - CEP 09900 - Diadema - SP

Filiais - Representantes - Distribuidores em todo o país.

Supertainer Itaiplast do Brasil Embalagens Técnicas Ltda.

Filiada à ABRE - Associação Brasileira de Embalagens



• SECADOR DE CEREAIS

• MÁQUINA DE LIMPEZA
E SELEÇÃO

• CORREIA
TRANSPORTADORA

• EMPILHADEIRA PARA
SACARIA

• CHUPIM

• PROJETOS
AGROPECUÁRIOS



**Avenida Expedicionário
Weber, 3207
Caixa Postal 100 -
Fone: (055) 512-3377
SANTA ROSA - RS**



PULVERIZADOR AUTOMOTRIZ

Há um ano e meio, na edição de julho de 87, a revista **A Granja** apresentava ao público uma inovação em matéria de aplicação de defensivos: o Macspray, um misto de trator e tanque de pulverização revolucionário desde seu aspecto, com linhas até certo ponto futuristas, com rendimento de 300ha/dia.

No mesmo ano, a Macspray ganhava o prêmio Gerdau Melhores da Terra, categoria Novidade, e tinha reconhecidas suas inúmeras vantagens em relação aos equipamentos convencionais, com produtores fazendo aquisições mesmo antes de vê-lo.

Pelas suas características, o Macspray é ideal para grandes áreas, onde o tempo para aplicação de defensivos, especialmente herbicidas, é importante e exigiria a disponibilidade de vários tratores e pulverizadores exclusivamente para essa operação.

Um raio-x da máquina — Equipada com tração traseira, um motor diesel MWM quatro cilindros de 65 Hp e um câmbio Clark de cinco marchas, o Macspray desenvolve velocidades de até 40km/h. Segundo Daniel White, presidente da Damac Agro-Tecnologia — empresa fabricante do Macspray situada em Embu, na região metropolitana de São Paulo —, a característica de operação em alta velocidade não prejudica a eficiência da aplicação, ao contrário do que possa parecer. Sua suspensão dianteira independente, com amortecedores e molas helicoidais, mantém o conjunto estável e, mesmo a altas velocidades, impede variações bruscas nas barras de pulverização, mantendo-as sempre à mesma altura e paralelas ao terreno.

Seu tanque tem capacidade para 2000 litros de calda, o que permite que se perca menos tempo com seu reabastecimento, e é totalmente em fibra de vidro, à prova de corrosão. A bomba de pulverização tem capacidade máxima de 150 litros/min, e as barras, localizadas na parte dianteira da máquina e com a linha de pulverização em latão (mais resistente que a borracha), medem 20 metros cada e são acionadas de dentro da cabine, com controle hidráulico independente e com regulagens de 0,40 a 1,80m de altura.

Mas, em matéria de projeto, o que



A eficiência do futuro no presente

**Este equipamento reúne, num conjunto único,
veículo, tanque e barra, desenvolvendo até 40km/h**

realmente diferencia o Macspray são dois itens: a cabine e a altura livre variável.

Dentro da cabine pressurizada, equipada inclusive com ar-condicionado, o operador fica totalmente isolado do produto pulverizado, já que todos os controles estão ao seu alcance, evitando assim riscos de intoxicação.

Com o recurso da variação da altura para até 1,20m, evita-se que a máquina cause danos a culturas de maior porte.

As vantagens operacionais — O sucesso do Macspray é comprovado por quem o adquiriu: "Eu optei pelo Macspray pela segurança do operador, pela economia de mão-de-obra e por ter uma máquina no momento oportuno", comenta José Quaine, produtor de trigo e soja na região de Cruz Alta e uma área plantada de 700ha.

Pelas características descritas, é uma máquina ideal para grandes extensões, com a vantagem adicional da possibilidade de aplicação em baixos, médios e altos volumes, limitação imposta a aviões, que, apesar da grande área coberta, se restringem a aplicações a baixo volume. Mesmo em áreas de relevo acidentado, o Macspray apresenta um bom desempenho. "Em áreas de declividade acentuada e com muitos terraços, a opção é utilizá-la onde haja condições para trafegar e completar o serviço com um equipamento convencional", sugere White.

Com isso, consegue-se reduzir acen- tuadamente o custo de investimento com máquinas e equipamentos e a

mão-de-obra necessária. "Em áreas onde se exigiria, digamos, seis conjuntos de pulverização (ou seja, seis tratores mais seis pulverizadores) e 12 pessoas para a operação, esses números ficam reduzidos a um Macspray, um conjunto de pulverização e três pessoas", continua o presidente da Damac, que ainda mostra alguns dados para comprovar a eficiência de seu produto: "Num ritmo lento, 8km/h, ela pulveriza 12km em uma hora, o que as convencionais demorariam o dia todo para fazer. Já foram conseguidos rendimentos de 450ha/dia, de sol a sol, e até 620 hectares em dois turnos.

No caso específico da cana, essas vantagens são ainda mais evidentes. Em usinas, onde as áreas são normalmente extensas e as operações se concentram sempre em pequenos intervalos de tempo, o Macspray encontra condições perfeitas de utilização, principalmente para herbicidas em área de soqueira, com rendimento médio de 18ha/hora.

Seu custo operacional gira em torno de 0,15 OTN/ha, muito inferior ao de um avião, e seu preço é de 6.482 OTN's, equivalente a aproximadamente seis pulverizadores de médio porte, dispensando custos com tratores e mão-de-obra.

DAMAC AGRO-TECNOLOGIA

RUA ÁGUA ESPRAIADA, 150
PARQUE INDUSTRIAL DO EMBU
EMBU - SP - CEP 06800
CX. POSTAL 226 - FONE: (011) 494-6344

A questão é produtividade — A soja sofre de um problema gravíssimo no Brasil, que é a baixa produtividade. Num comparativo com os países concorrentes, verifica-se que o nosso desempenho, neste aspecto, é o pior de todos, superando apenas o da China, que não compete no mercado internacional. A nossa produtividade média, hoje, está em torno de 1.800 quilos por hectare, quando a Argentina colhe 2.300 quilos, em média; os Estados Unidos, 2.200/2.300 quilos, e a Comunidade Econômica Européia, 2.500 quilos.

Isso significa também uma perda de capacidade de competir no mercado internacional, na medida em que os custos, com a produtividade inferior, se tornam mais caros.

“Mas se nós analisarmos pela base, realmente começa todo o problema pela produtividade, que é baixa. Especialmente no Rio Grande do Sul, onde o nível é em torno de 1.500/1.600 quilos por hectare. Então, com estes números, nós não vemos futuro para a soja nessas regiões onde a produtividade não tem condições de ser

ampliada”, profetiza Silmar.

O que fazer para aumentar a produtividade? Para o especialista, os recursos são fundamentais a nível de correção e conservação de solos, um problema gravíssimo que pode ocorrer mais tarde nas regiões de fronteira.

Hoje, com o preço acima de oito dólares, nove dólares o *bushel*, é um pouco mais fácil competir no mercado, até porque ele está desabastecido internacionalmente, em função da quebra da safra dos Estados Unidos. Voltando à normalidade o abastecimento, com a previsão de uma safra novamente grande naquele país e um aumento muito grande na área de plantio, já em 1990 possivelmente vamos sentir uma depressão nos preços internacionais e, conseqüentemente, na carne, a nossa inferioridade a nível de competição internacional. “A soja não pode ficar por muito tempo nesta situação, desassistida a nível de recursos. Não diria de subsídios, mas pelo menos recursos em tempo hábil, em condições satisfatórias e compatíveis com a necessidade do setor”, reitera Silmar.

O que vai acontecer em 89 — O ano está começando com a perspectiva de uma boa safra. Afora alguns problemas de seca, no Paraná, Silmar prevê que o Brasil vá colher uma safra recorde, em torno de 21 milhões de toneladas. “Se a safra for boa e com preços bons, nós teremos perfeitas condições de sobreviver este ano, apesar de toda a política de redução de crédito, de tributação mais alta e o problema da economia brasileira. Quer dizer, a estocagem tem um custo caríssimo, em função do



Müller: falta de recursos vai aparecer na safra 89/90

custo financeiro”, queixa-se o especialista.

Segundo ele, os preços no mercado internacional, pelo que se tem hoje de perspectiva, devem se manter nesta faixa de oito dólares o *bushel*, talvez até um pouco mais, a depender da demanda, especialmente da soviética, para a qual se tem boa expectativa. “O problema, realmente, é sentir o que vai ocorrer na safra seguinte, ou seja, a safra 89/90, que deverá enfrentar com toda a plenitude a falta de recursos e uma perspectiva de preços talvez mais baixos”, finaliza Silmar Müller. □

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



Fazenda Agua Milagrosa

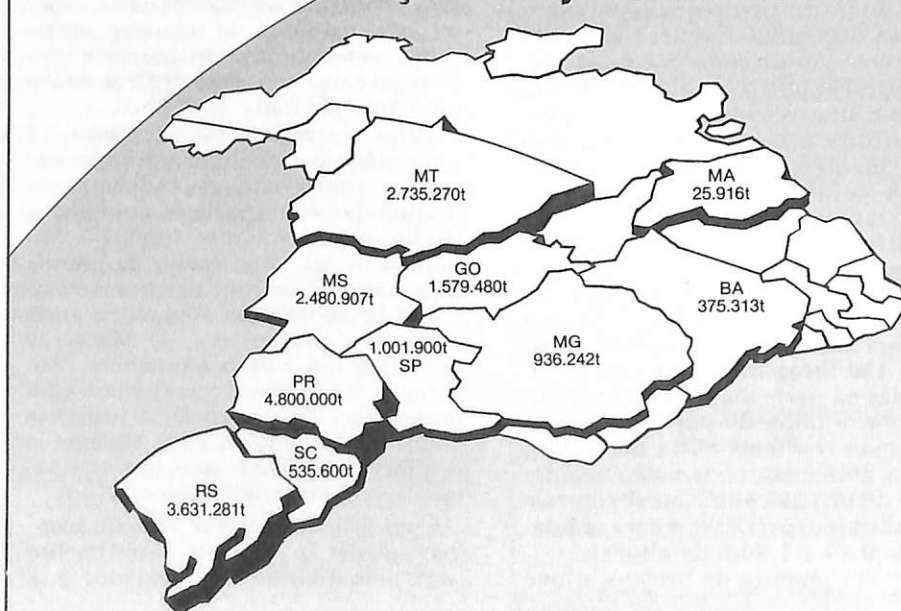
Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

**RUSTICIDADE,
FERTILIDADE E GRANDE
GANHO DE PESO.
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA
PARA O BRASIL.**

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10º and.
CEP 20011 - Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

Brasil - Produção de soja - Safra 1987/88



3 anos de granja.



1947: Trilhadeira SLC

21 anos de granja.



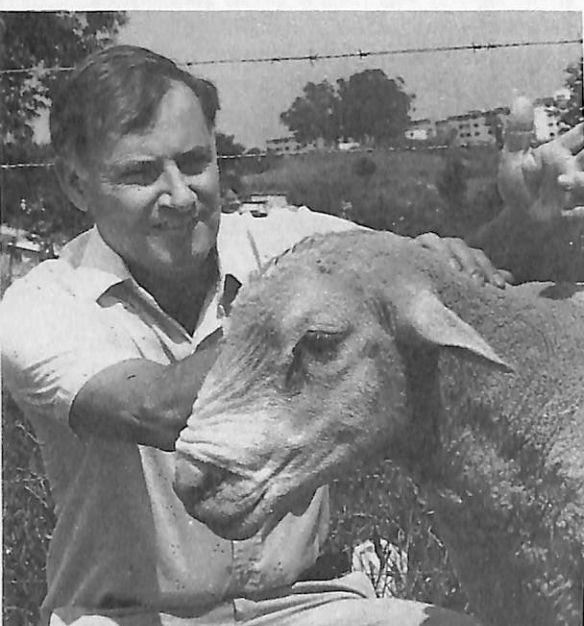
1965: 65A, a Primeira Colheitadeira Brasileira

24 anos de granja.



1968: Colheitadeira SLC Modelo 1000

UMA TRAJETÓRIA ONDE A QUALIDADE FOI CRESCENTE



O médico veterinário Pedro Storniello foi Comissário de Exposições e Feiras da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul. Especialista em ovinocultura, atua na Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco). Neste breve relato ele traça um perfil da atividade e faz considerações sobre o momento vivido pelo setor

CENTRO COMERCIAL VETERINÁRIO

UMA LINHA COMPLETA DE ESPECIALIDADES VETERINÁRIAS

- CARRAPATICIDAS
- SARNICIDAS
- MATA-BICHEIRAS
- VITAMINAS
- RATICIDAS
- DESINFETANTES
- VERMÍFUGOS
- SAIS MINERAIS



- ANTIBIÓTICOS
- SOROS E FORTIFICANTES
- SERINGAS E AGULHAS



Matriz - Porto Alegre/RS
Rua Almirante Tamandaré, 566 - Floresta - CEP 90220 - Porto Alegre - RS - Fones: (0512) 22-4577 e 22-4623 - Cx. Postal 3161 - Telex: 051.3727 IBAS
Filial/1 - Cascavel/PR
BR 277 - km 595 - CEP 85800 - Cascavel/PR
Fone: (0452) 23-6642 - Telex: 045.1330 IBAS

Filial/2 - Bauru/SP
Rua Luís Aleixo, 7-6 Vl. Cardia (Higienópolis) - CEP 17013 - Bauru/SP
Fone: (0142) 23-9130 - Telex: 014.2232 IBAS

A partir de 1914, com a deflagração da primeira guerra mundial, é que a ovinocultura passou a despertar a atenção dos órgãos públicos e privados, ficando esta data fixada como o marco da arrancada da expansão dos ovinos no estado sulino, motivado pela crescente demanda de carne e lã, em consequência do conflito mundial reinante nessa época. Consequentemente, os criadores, incentivados pela valorização desses produtos, começaram a corrida de importações de animais da Europa, mais especificamente da Inglaterra. Porém, por falta de orientação técnica, foram introduzidos indiscriminadamente, nos rebanhos especializados em lã, animais com propósitos de carne chamados *caras negras*. Assim, surgiram cruzamentos alternados com raças merinas e mistas, ocasionando um desequilíbrio na qualidade das lãs.

Juntamente com essas raças foram importados, também, ovinos romney marsh, lincoln, e, mais tarde, ideal e corriedale, as quais muito contribuíram para a formação do rebanho através de cruzamentos absorventes. Os criadores, entusiasmados pelos lucros auferidos, começaram a buscar alter-

35 anos de granja.



1979 Colheitadeira SLC Modelo 2000

37 anos de granja.



1981: Colheitadeira SLC Modelo 2200

39 anos de granja.



1983: Colheitadeira SLC Modelo 6200

CAPIM-ELEFANTE



Téc. Resp.: Eng. Agr. José Francisco Simch

GEADA, FRIO, SECA

Custo de produção, elevado e produtor descapitalizado

MERCADO DE CARNES

Favorável a médio prazo

Necessidade de **TECNOLOGIA** de baixo custo, sem riscos e com boa rentabilidade.

SILAGEM DE CAPIM-ELEFANTE

4ha de capineira $\geq$ 300t silagem/ano

Manutenção de 125 novilhos com 330kg, 20kg de silagem por cabeça/dia, 120 dias

Evitamos perdas superiores a 5.000kg/ha de peso vivo por ano

ABATE NA ENTRESSAFRA

Representantes:

AGROVET/RS: (0512) 41-5532 AGROPOLO/MS: (067) 295-1523
ENAGRAS/PR: (041) 244-3844



RESFRIADORES PARA LEITE

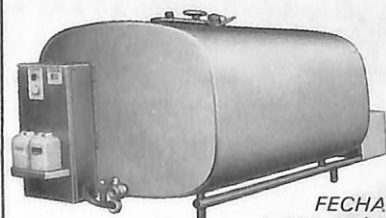
DE ALTA CLASSE



CAIXA DE FIBERGLASS



TANQUE ABERTO DE 250 ATÉ 5.300 LITROS



FECHADO DE 1.480 ATÉ 20.000 LITROS C/LAVAGEM AUTOMÁTICA

EUGAPEC - Implementos Pecuários Ltda.
16.600 - Pirajuí - SP - Caixa Postal 152
Fones: (0142) 72-1591 - 72-1648 - 72-1825

OVINOS

nativas que lhes permitissem a organização social, administrativa e econômica.

A partir de 1940, iniciou-se o aperfeiçoamento da ovinocultura pela união de esforços públicos e privados, ensejando, numa sequência de fatos novos, o combate sistemático da sarna ovina e verminose, a seleção e tatuagens dos animais, o controle e registro dos animais puros de origem, a implantação da inseminação artificial e a adesão gradual dos criadores ao sistema cooperativista. Finalmente, para melhor atender os produtores, fundou-se a Associação Riograndense dos Criadores de Ovinos (Arco), com a finalidade de orientar os produtores e a criação no estado.

Na década 50, com o rebanho crescendo de forma horizontal nas fazendas da região da campanha, alcançando cerca de sete milhões de cabeças com uma produção de lã acima de 19

Em 1987, começa a grande virada na ovinocultura

mil toneladas. Esta fase, segundo nosso entender, perdurou até o final da década de 70, quando o rebanho geral de ovinos no estado superou a casa dos 12 milhões, acusando uma produção de lã, somente em 1970, de 38 mil toneladas.

Como análise da produção laneira, no período compreendido entre os anos de 1952 e 1977, pode-se afirmar que o volume de produção começa a firmar-se em torno de 24 mil toneladas até 1962, sendo que, a seguir, há queda de sete mil ocasionada por perda de mais de três milhões de cabeças em virtude das cheias que assolaram o estado em 1959/60. Passados os problemas climáticos, os rebanhos se recompueram e a produção volta a progredir nos anos subseqüentes, aumentando consideravelmente o número de ovinos e a respectiva produção de lã, culminando em 35 mil toneladas/ano.

A partir de 1977, começa a decrescer a produção, baixando para 30 mil toneladas e, por conseguinte, o decréscimo vai sendo paulatinamente acentuado.

O fator responsável pela queda da produção de lã foi a introdução de fibras artificiais e sintéticas na fabricação dos tecidos. A partir de 1973, com a crise do petróleo elevando seus preços, as fibras sintéticas também elevaram os seus, com reflexos nas naturais, beneficiando a lã.

No ano de 1975, inicia-se o ciclo de Exposições e Feiras especializadas em ovinos, programadas e oficializadas pelos governos do estado e federal para o primeiro trimestre do ano, têm contribuído para a valorização dos rebanhos.

Outro fator fundamental foi a importação de reprodutores de raças de carnes, embora elas também produzam lã. Estas raças, juntamente com a importação das *caras negras*, hampshire down e suffolk, despertaram a atenção de produtores de outras regiões que não tinham tradição ovelheira, como Vacaria, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Bom Jesus, Canela, Osório, Mostardas, etc.

Em 1977, os produtores procuram novos meios de rentabilidade, em vista da pecuária, por si só, não ser rentável.

O rebanho ovino, que vinha se propagando de forma extensiva no sentido horizontal, começa a ceder espaços para a agricultura e, conseqüentemente, inicia o processo de redução na sua população.

O número de cabeças, que até 1980 se mantinha em torno de 11,5 milhões, desce para nove, este número anda ao redor de 8,5 milhões hoje.

Em 1987 começou a grande virada da ovinocultura, a partir da comercialização da lã com bons resultados provocados pela escassez do produto no mercado internacional, principalmente porque o parque industrial dos países desenvolvidos sofreu um recondicionamento e, se antes havia de 60 a 70 por cento de fios sintéticos nos tecidos, contra 30 a 20 por cento de fios naturais, hoje a tendência mostra que os produtos providos de fibras de lã alcançam mais de 70 por cento, condicionando grande valorização da espécie ovina.

Outro indicador, que demonstra a nova tomada de posição da ovinocultura, são as ofertas de animais altamente qualificados nas exposições e feiras no estado durante o ano todo, cujos resultados comerciais são alentadores, com preços compatíveis e muitas vezes surpreendentes nas cotações dos animais. □

40 anos de granja.

Escala



1984: Plantadeiras SLC Modelos 600 e 700

43 anos de granja.



1987: Colheitadeira SLC Modelo 7200

45 anos d'A Granja.

Nos 45 anos da revista A Granja, a homenagem de quem produz há 44 anos as máquinas com a melhor qualidade, tecnologia e produtividade para as granjas do Brasil.



Empresa do Grupo
SCHNEIDER LOGEMANN

A HISTÓRIA DO HOBBY



QUE VIROU BUSINESS

O pecuarista Luiz Fernando Cirne Lima, 56 anos, foi ministro da Agricultura no governo Médici e tem uma vida inteira dedicada ao setor primário. Foi também presidente da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul - Farsul — e, atualmente, dirige sua firma de assessoria, planejamento e comércio rural. Além disso, é jurado nas exposições de gado devon e de eqüinos de todas as raças, especialmente de árabes. Há muitos anos dedicando-se à criação de cavalos de hipismo, Cirne Lima, com a bagagem adquirida ao longo do tempo, discorre sobre a evolução da eqüinocultura brasileira.

Nos últimos 15 ou 20 anos, a criação de cavalos no Brasil, acompanhando uma tendência mundial, passou a ser fortemente influenciada pelo processo de urbanização a que está submetida a sociedade moderna. A fuga dos grandes centros urbanos, na busca de descanso e lazer nos fins de semana, propiciou em inúmeros países do mundo, inclusive no Brasil, o surgimento e a consolidação de uma atividade rural de *hobby* e lazer. Em pouco tempo evoluiu, passando para um *business* de grandes proporções, tanto pelo investimento e gastos de manutenção, como, em consequência, pelo *merchandising* para viabilizá-la economicamente.

Há 20 anos, a única raça eqüina inserida neste contexto era a puro-sangue inglês, em que a tradição brasileira dos *jockeys* dava estrutura e condições para uma criação de interesse nacional.

O fato é que o “boom” comercial da criação de cavalos, que teve início nos anos 70, promoveu, ao mesmo tempo, uma revitalização nas atividades hípias mais tradicionais da vida rural brasileira. Depois da fase emocional e em função da situação econômica que vive o país, estamos, em janeiro de 89, num momento de repensar e colocar na sua devida proporção os cavalos e investimentos a eles dirigidos.

Puro-sangue inglês — Com sete mil éguas em cria e aproximadamente quatro mil nascimentos por ano, é uma das raças mais afetadas pelas dificuldades econômicas do momento. Mesmo os *jockeys* mais ricos, como os de São Paulo e Rio, estão com os seus prêmios muito baixos em relação aos custos de criação e manutenção dos cavalos — a relação trato mensal x prêmio é uma das piores dos últimos 20 anos.

Mangalarga — Talvez esta seja a raça de cavalos que apresentou maior progresso zootécnico nos últimos 15 ou 20 anos. O tipo do cavalo mangalarga melhorou consideravelmente, foi mantida a andadura e o cavalo clássico da caçada de “bicho de pêlo” se transformou num bom animal em qualquer parte do mundo. Grande mérito, pois, dos criadores.

Crioulo — Nesta raça, o grande salto verificou-se com a consolidação das provas funcionais, que passaram a ser o elemento básico de seleção. Cavalos de montaria que competiam em exposições, exibidos a cabresto e desmontados, de um momento a outro se constituíram em animais onde a função passou a comandar.

As competições tipo Freio de Ouro, que nada mais são do que provas de habilidade para montaria no serviço

com o gado bovino, transformaram a raça e seu mercado. O tipo de cavalo modificou-se em função da prova de *performance*, especialmente pela introdução de reprodutores provenientes do Chile, onde existe uma grande tradição em provas funcionais. O mercado se excitou com as competições e se expandiu, principalmente para os estados do Paraná e São Paulo. Um reprodutor tordilho de procedência chilena, o La Invernada Hornero, chegou ao Brasil nos anos 70 é o grande genearca da fase de provas funcionais.

Mangalarga marchador e campolina — Estas são duas raças que se caracterizaram nos últimos tempos pelo grande progresso obtido no melhoramento da sua conformação, ao mesmo tempo que é mantida a sua tradicional andadura de marcha, muito cômoda para o cavaleiro. Os cavalos mangalarga marchador brasileiros estão em processo de exportação para a Alemanha.

Quarto-de-milha — Esta raça é proveniente dos Estados Unidos e se firmou mais fortemente no Brasil como produtora de animais para as corridas curtas, de um quarto de milha ou 400 metros.

Árabe — Esta deve ter sido a raça cavalar em que foram realizados os

maiores investimentos brasileiros nas duas últimas décadas. Até dois anos atrás, viveu um mercado de preços alucinantes, que a todos embriagava. Estes valores, hoje, estão em adaptação e alinhamento.

Zootecnicamente, em 15 anos o Brasil tornou-se o segundo ou terceiro maior centro criador de cavalos árabes do mundo, mercê de importações de garanhões e éguas, especialmente dos Estados Unidos, que por sua altíssima qualidade impactaram o mercado internacional. Os garanhões "El Shaklan" e "LH Garcia", e as inúmeras éguas trazidas pelos haras Fortaleza, Santa Gertrudis e Paciência, mudaram o patamar em que se encontra, hoje, o árabe no Brasil. Ademais, a generosidade e a prepotência zootécnica de alguns garanhões, como a "Liphard", "Cobrah" e "Prichal", foram fundamentais para o progresso consagrado alcançado pela criação brasileira.

Hipismo clássico — Na criação de cavalos destacados ao hipismo clássico, nas suas duas modalidades mais difundidas, salto e adestramento, além dos equinos para o jogo de pólo, o Bra-

sil, tradicionalmente, é abastecido pelos criatórios argentinos. Na década de 70, iniciou-se um trabalho de substituição das importações, que agora começa a dar frutos.

A oitava colocação obtida pela equipe brasileira de saltos na Olimpíada de Seul, apesar de não estar montada em cavalos brasileiros, está a mostrar o progresso alcançado pelos ginetes brasileiros e a necessidade do criatório produzir montadas com aspirações olímpicas.

Por último, e não menos importante, refiro-me a duas valorosas raças nacionais, a pantaneiro e nordestino. O cavalo do Pantanal mato-grossense cumpre uma das mais árduas tarefas no ambiente campestre do Brasil, e sua seleção nos parece das mais válidas e meritórias.

Pôneis de diversas raças e as maravilhosas pelagens dos cavalos appaloosa, pampa e pintado completam este maravilhoso mosaico de cor e músculos, que nada mais é do que o amigo cavalo.

O mercado está em adaptação e nivelamento a uma situação econômica, e o nosso nível zootécnico, em relação ao



Cirne Lima: mangalarga brasileiro marcha rumo à Europa

cenário internacional, está em permanente progresso. Precisamos exportar e, para isso, é *mister* competir, sob todas as formas possíveis, nos ambientes de mercado mais forte do que o nosso. Uma criação que depende, para sua renovação e progresso, do mercado internacional, precisa também vender em moeda forte. Só assim poderá se autosustentar. Este não é apenas o melhor caminho, mas é a única maneira. □



FÁBRICAS DE RAÇÕES KEPLER WEBER. A FORMULA DA EFICIÊNCIA E DO LUCRO

- Tradição no fornecimento de fábricas de rações.
- De simples unidades de remistura a grandes indústrias de alimentos balanceados para uso animal.
- Projetos com capacidade de produção de 3 t/h até 120 t/h, com acionamentos eletromecânicos, podendo ser totalmente automatizados ou informatizados.
- Perfeição no acabamento.

Com estes componentes, somados a uma tecnologia de ponta, você ganha muito mais quando adquire os equipamentos Kepler Weber. Tanto no projeto, montagem e treinamento de pessoal, quanto na ampla assistência técnica em qualquer parte do país.

Na prova da eficiência o lucro é multiplicado quando você opta por Kepler Weber. Nem mais nem menos.

KEPLERWEBER

DIVISÃO INDUSTRIAL AEROTÉCNICA

Av. Andaraí, 566 - Fone (0512) 41-1044 - 91350 Porto Alegre - RS - TELEX: 51.1684 AERO BR



O BOI NO BRETE

Como o poder de compra do brasileiro está corroído, a carne busca um lugar para brilhar e se valorizar: o mercado europeu

O Plano Verão ainda não significou nada para os pecuaristas, com exceção, talvez, de alguns compradores de equipamentos a prazo, que andam de alegre tablita nas mãos. A maior parte das lavouras já estão plantadas e cultivadas e o gado entra no período de engorda e safra, mas ainda há uma dormência nos negócios. Esta análise é de João Gilberto Rodrigues da Cunha, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Zebu — ABCZ —, sediada em Uberaba, Minas Gerais. Para ele, era sabido que o Plano tinha que acontecer. “Alguma coisa tinha que ser feita”, enfatiza. Entretanto, as indefinições passaram a ser uma constante no país, o que leva o presidente da ABCZ a formular o que

ele chama de “a grande pergunta”: Será que acreditamos nas novas medidas adotadas pelo Governo?

Falando no mercado atual da pecuária de corte, João Gilberto ressaltava que os preços do boi podem ser tidos como estáveis e contidos em níveis baixos — cerca de 16 dólares a arroba —, representando a pura sobrevivência e o resultado da baixa demanda interna. Há receios quanto à exportação futura e até pressão dos frigoríficos, que aproveitam estas contingências, ressaltava. Já o mercado futuro, na sua opinião, é imprevisível. Como quase tudo neste país, segue, para desespero dos Jubran e Nahas, que pensam haver regras ou ortodoxia na bolsa da carne (Samir Jubran e Nagi Nahas, principais investi-

dores desta área, que perderam dinheiro em 88). Exemplificando, Cunha diz que se forem contornados os embargos da CEE — Comunidade Econômica Européia — haverá muita exportação e os preços subirão. Caso contrário, haverá autêntica implosão de mercado e preços. De quebra, passamos pela credibilidade duvidosa do novo cruzado, o ano político e outras brasilidades altamente instáveis, reforça o pecuarista.

Para ele, o aumento do consumo interno depende do valor salarial e da oferta, que este ano deve ser satisfatória ou até superior. Se o Plano funcionar, um certo consumismo será despertado, com possibilidades de, por consequência, estender-se à alimentação e à carne. Portanto, continua, parece lógico

PECUÁRIA

co, como saída deste tópico, desejar-se uma política econômico-financeira sólida, com ganho salarial efetivo.

O presidente da ABCZ diz que as carnes alternativas sempre vêm na esteira da carne bovina. O aumento de preço ou falta da carne do boi no mercado geram o avanço das alternativas.

Ele acredita que no início deste ano, pelo menos, estas duas coisas não acontecerão e, conseqüentemente, o preço e o avanço das alternativas devem ser evitados.

Falando sobre o Brasil Central, Cunha diz que, pelo imenso rebanho e potencial, ainda é o celeiro pecuário do



João Gilberto: mercado imprevisível

Carne bovina — Produção por países (Em 1.000 toneladas)

	1983	1984	1985	1986	1987
EUA	10.748	10.298	10.996	11.082	10.409
CEE	7.380	7.900	7.840	7.339	7.758
França	1.764	1.936	1.845	1.805	1.868
RFA	1.494	1.614	1.576	1.625	1.630
URSS	7.011	7.244	7.400	7.600	7.700
Argentina	2.384	2.558	2.740	2.700	2.650
Brasil	2.400	2.360	2.400	2.200	2.300
Uruguai	412	295	342	305	300
Austrália	1.412	1.248	1.338	1.381	1.390
N. Zelândia	536	433	477	486	552
Canadá	1.036	997	1.035	1.020	985
Demais	7.804	8.535	8.298	8.532	8.151
Total	41.123	41.868	42.866	42.645	42.295

Fonte: USDA

país. Entretanto, já se pode observar uma tomada de seu território pelas culturas agrícolas, sobretudo soja e cana, deslocando a pecuária para novas fronteiras. Para ele, trata-se de uma transformação inexorável nos próximos anos e que, a longo prazo, se vê ameaçada pela ecologia de gabinetes, de politiqueros ou de interesses internacionais. A ocupação e programação destes novos, necessários e futuros espaços, no seu ponto de vista, deve ser pensamento urgente do governo, que teima em tratar conseqüências tipo Chico Mendes, UDR e outras, quando na realidade esqueceu-se de evitar as suas causas, sentença. □

**AS INFECÇÕES
SÃO AS MESMAS.
O TRATAMENTO
É QUE EVOLUIU.**



**PENTABIÓTICO REFORÇADO F.W.
6.000.000 u.**

O campeão dos antibióticos

O mais prático — Apenas 1 aplicação

O mais potente — Cada dose contém
6.000.000 u. de produto ativo

O mais moderno — Único à base de Penicilina G
Benzatina, com efeito prolongado

O mais econômico — Custo muito abaixo
dos antibióticos comuns.



Para maiores informações, escreva para a Divisão Veterinária da Fontoura Wyeth
R. Caetano Pinto, 129 - Tel.: 270-3432 - Cep 03041 - São Paulo - SP.

Nome _____ End. _____ Cidade _____ Estado _____



A VITORIOSA HORTA COOPERATIVADA

Os 60 anos da CAC - Cooperativa Agrícola de Cotia, de São Paulo, marcam também o nascimento de uma estrutura de exploração intensiva das pequenas áreas

A hortifruticultura brasileira teve grande impulso com a fundação, em dezembro de 1927, da Cooperativa Agrícola de Cotia — CAC —, pioneira no país. Conseqüentemente, o setor beneficiou-se com uma produção agrícola organizada, e hoje a CAC é um dos principais exemplos de empreendimento bem-sucedido. Ela se encontra entre as 20 maiores empresas privadas no *ranking* nacional, apresentando, no ano passado, um faturamento bruto de 220 bilhões de cruzados — 621,5 por cento superior ao de 87 —, sendo responsável pela produção de 2,2 milhões de toneladas por ano de alimentos. Dentre seus diversos produtos, mais de 200 tipos, notadamente hortícolas, chegam à mesa dos consumidores dos centros urbanos, ou são, em pequenas quantidades, exportados para os países do Cone Sul, Europa e Estados Unidos.

Segundo Minoru Takano, diretor de Relações Externas da CAC, desde o início do desenvolvimento da horticultura e, inclusive, da fruticultura, houve um esforço da cooperativa em implantar assentamentos agrícolas e estações experimentais, garantindo melhores rendas para seus cooperados. “Com isso, conseguimos melhor produtividade, bem como variedades mais resistentes a certas doenças e adaptadas à região e clima”, lembra Takano.

Em prosseguimento a esta tradição, a Cotia ampliou seus investimentos no setor agroindustrial. Passou a produzir o ovo líquido, para atendimento à indústria de massas alimentícias; batatas pré-fritas e seleta de legumes congeladas, para abastecer restaurantes industriais e lanchonetes e, ultimamente, o mercado varejista. Assim, a agroindústria passa a ser uma alternativa para o aumento do faturamento da empresa e,

conseqüentemente, tem condições de melhorar a remuneração de seus associados.

Fluxo de caixa — Um dos importantes frutos da diversificação nesses quase 62 anos da Cooperativa Agrícola de Cotia foi a estabilidade do produtor, decorrente do fluxo de caixa. “O fato do cooperado ter uma ou mais culturas e gerar fluxo de caixa permite-lhe, semanalmente ou mensalmente, obter um dinheiro mais ou menos cadenciado, fundamental para sua sobrevivência. Enquanto isso, a cultura principal torna-se, de fato, sua fonte de remuneração”, explica o diretor de Relações Externas da CAC.

O fluxo de caixa evita que o produtor comprometa o resultado econômico de sua produção. O mesmo não acontece com uma monocultura, como a do algodão, que leva o produtor a ter apenas uma safra por ano. Nesse inte-

HORTICULTURA

rim, ele fica gastando por conta da safra vindoura, comprometendo sua renda. No caso da horticultura, esse fluxo de caixa é permanente, já que são cultivados diversos produtos de ciclo vegetativo relativamente curto, com o plantio e colheita em tempos diferenciados. Além do mais, com a estrutura de comercialização da cooperativa, o produtor tem ainda a garantia de colocação de seu produto no mercado. Foi com base nessa experiência, inerente à sua própria existência, que a cooperativa introduziu a avicultura entre vários de seus cooperados. Entre eles, os produtores de café, amendoim, algodão e outras, que passaram a desenvolver, em paralelo, outra atividade econômica: a avicultura de postura.

Expansão — Hoje, a Cotia atua em 14 estados da federação, com seus cooperados produzindo, além de outras culturas, hortigranjeiros. Essa expansão deu-se principalmente a partir do início dos anos 70, através dos projetos de assentamento. Eles foram iniciados em Minas Gerais, com a participação dos governos estadual e federal, na região de São Gotardo, marcando a primeira experiência na área do cerrado. Foram assentados 100 cooperados em 250 hectares cada, totalizando uma área de 30 mil hectares, totalmente destinada ao cultivo de cereais.

Logo a seguir, a Cotia implantou assentamentos em Pirapora, Paracatu e Padsul, em Minas Gerais; Teixeira de Freitas, Curaça e Barreiras, na Bahia; Carlinda, no Mato Grosso; Magé, no Rio de Janeiro, e São Joaquim, Santa Catarina.

"Cotia reúne 17 mil associados em todo o país"

As estações experimentais estão espalhadas pelo estado de São Paulo, em Salto de Itú, Taciba, Presidente Prudente, Bragança Paulista e Cotia. No Paraná, em Ponta Grossa, em Londrina e na região oeste do estado; Canoinhas, em Santa Catarina, onde, inclusive, funciona um laboratório de biotecnologia; Monte Carmelo, São Leocádio e Paracatu, em Minas Gerais; no Rio de Janeiro, em Magé; no sul da Bahia, em Teixeira de Freitas, Juazeiro e Barreiras; em Alta Floresta, na região Amazônica, e, no Mato Grosso do Sul, em Dourados.

A atual estrutura da cooperativa compreende 17 mil associados, que produzem 17 por cento da produção nacional de batatas, 28 a 30 por cento de mamão, melão e uvas finas, oito por cento de ovos, dois por cento de aves, cinco por cento do algodão, 4,6 por cento do trigo, 2,3 por cento da soja e 1,7 por cento do café. A CAC participa ainda com 15 por cento do total da entrada de verduras, legumes e tomate na Ceagesp — Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo —, ou seja, 2,5 milhões de caixa por ano.

Quanto às perspectivas para 89, a Cotia espera um faturamento próximo a NCz\$ 20 milhões, enquanto as exportações deverão subir de 40 para 60 milhões de dólares. Sobre os investimentos, Minoru Takano considera necessário um maior estímulo à agroindústria na área de hortigranjeiros, para remunerar melhor o produtor, e, ao mesmo tempo, abastecer o mercado interno. □

1.º de abril!



VAI SER PURA VERDADE

VI Concurso Novilha do Futuro Pau D'Alho

A grande oportunidade de ver e adquirir as melhores novilhas Santa Gertrudis dos melhores criadores do país.



NICOLAU PAU D'ALHO (Sêmen disponível na Lagoa da Serra)

Mais uma vez, na prova de ganho de peso, em Sertãozinho/SP, filhos e netos de NICOLAU mereceram grandes destaques.

1986: Campeão de Prova
1987: Elite Prata (neto)
Elite Bronze (filho)

Agradecimento:

Silvio Tuma Salamão (Fazenda Macadãmea - Avaré/SP) pela compra de MISS NAVEGATOR-9/7, campeã Novilha Menor da Exposição de Avaré.

Preço recorde para fêmea santa gertrudis: Cz\$ 10.400.000,00.

31.03 - 2.º Dia de Campo para Tratadores
01.04 - Julgamento, churrasco e leilão de 40 fêmeas e 5 touros elite.

Leiloeiro: Trajano Silva

Apoio: Laboratório Salsbury
Purina



Associação Brasileira de Santa Gertrudis
Informações e Reservas: Fone (011) 263-2322

Realização:
CARSON E ELEN GELD
Fazenda Pau D'Alho
Rod. Mal. Rondon -
km 153 Tietê/SP

O LUCRO COMANDA O ESPETÁCULO

O avanço histórico da mecanização no país está muito ligado à oferta de subsídios e aos altos e baixos da economia. Conheça um pouco do caminho percorrido pelas máquinas

A indústria brasileira de máquinas e implementos agrícolas teve seu início na década de 20, através, principalmente, de ferreiros imigrantes que efetuavam a manutenção dos arados e grades, até então importados, historia José Maria Sebastião, diretor do Sindimaq, em São Paulo.

Após a década de 40, o setor experimentou um crescimento expressivo, tendo atingido seu máximo na década de 70, como resultado de uma política oficial abundante em subsídios ao setor agropecuário. Dessa forma, o setor chegou a um número de cerca de 500 empresas em todo o país, abrangendo

todos os tipos de produtos dedicados à exploração agrícola e animal.

Estas empresas concentram-se, basicamente, na centro-sul do país, notadamente em São Paulo e Rio Grande do Sul e, em menor número, no Paraná e Santa Catarina.

Sobre a questão tecnológica, o Departamento Nacional de Máquinas e Implementos Agrícolas do Sindimaq informa que o setor encontra-se numa etapa de renovação intensiva, buscando apoio em diversas instituições de pesquisa. É o caso, por exemplo, do trabalho que vem sendo desenvolvido desde 1986 juntamente com Centro Nacional de Pesqui-

sa de Milho e Sorgo, da Embrapa, visando à avaliação do desempenho das plantadeiras de milho existentes no mercado.

Mercado interno — O setor tem atravessado diversas crises, ao longo dos anos, principalmente em função de o país não contar com uma política agrícola consistente, que remunerasse adequadamente o produtor rural, estimulando-o a reinvestir em tecnologia e produtividade.

De 1982 a 85, observou-se um período de recessão profunda neste segmento, em decorrência dos cortes nos subsídios ao crédito rural, resultantes da



crise geral que o país atravessava. Já em 1986, como consequência do Plano Cruzado, os agricultores se capitalizaram e voltaram a investir em mecanização, ocasionando um crescimento sensível nas vendas.

Com o fracasso do Cruzado, e o conseqüente retorno das elevadas taxas de juros, os agricultores retraíram-se, ocasionando um decréscimo na comercialização. Observou-se, no entanto, para alguns setores, como irrigação e armazenagem, um "resíduo" do Cruzado, decorrente dos pedidos em carteira não-atendidos em 1986.

A situação atual — "Muito ruim". Assim se expressou, sobre a situação do setor, Roberto Brauner Penteado, presidente do Sindicato da Indústria de Máquinas Agrícolas no Estado do Rio Grande do Sul, onde estão localizadas quase 60 por cento das indústrias neste segmento. Segundo ele, houve um decréscimo de 20 por cento na atividade em relação ao ano 1987. Isto ocasionou demissão de 18.000 pessoas, de um total de 30 mil, no Rio Grande do Sul, gerando uma ociosidade de 60 por cento no parque de máquinas.

Para as grandes empresas, uma das saídas foi exportar para os mercados da América Latina e África, onde os produtos brasileiros gozam de bom conceito, principalmente pela sua resistência a situações extremas e simplicidade de manejo. Mas este não é o caso das pequenas e médias empresas, que amargam uma situação de dificuldades tendo em vista a retração do mercado interno, já que não possuem estrutura para vender os seus produtos no exterior.

Para 89, o dirigente diz que o clima ainda é de indefinição, embora o anúncio do governo de priorizar a agricultura e a exportação. Um dos problemas que mais atinge a economia é o déficit governamental, que, se fosse contido, "traria enorme credibilidade ao governo".

Penteado: clima indefinido



A marcha dos tratores

O índice de mecanização das culturas varia segundo as regiões e estados. Na região centro-sul, praticamente todas as lavouras são mecanizadas, destacando-se as de soja, trigo, milho, cana-de-açúcar, arroz, laranja e café.

Segundo informa o Departamento de Mercadologia da Massey Perkins S/A, uma das maiores fabricantes de maquinaria para a agricultura brasileira, a frota nacional de tratores de roda gira em torno de 400.000 unidades, sendo que a média de idade destas máquinas é de 5,6 anos. Deste total, segundo a Massey, há uma necessidade de reposição de 44.000 unidades.

Para entrar no nível dos países mais desenvolvidos em mecanização, o Brasil deveria ter um trator culti-

vando de 30 a 50 hectares, dependendo do tipo de cultura. Mas a realidade dos números nos coloca em posição de inferioridade: um trator para cada 127 hectares.

E um pouco desta inferioridade pode ser sentida nos altos e baixos da produção de tratores de rodas. Acompanhe as oscilações na tabela abaixo:

Ano	Unidades
80	57.582
81	38.735
82	30.068
83	22.408
84	45.715
85	43.465
86	50.830
87	46.702
88	39.126

HECTARÍMETRO OHLAND

MEDIDOR DIGITAL
DE HECTARES



Como funciona: Um ímã é preso na roda. Ao girar, ele atua sobre um sensor, que manda um impulso à calculadora. Assim, a cada volta da roda, esta soma os metros quadrados desta volta.

Permite economizar insumos na lavoura. Economizando apenas 5% em 1.000 hectares, paga uma semeadeira e um trator novo na primeira safra.

PREÇO: NCz\$ 87,00

REMESSA POR SEDEX. DESPESA INCLUÍDA.
ENCOMENDAS: RUA DR. CAMPOS VELHO, 1724 - CONJ. 106
FONE: (0512) 49-9002 - 90650 - PORTO ALEGRE - RS

MATURIDADE AOS 20 ANOS

O forte da indústria nacional de fertilizantes floresceu nas últimas duas décadas, livrando o país das importações do produto

A criação de linhas especiais de crédito para a agricultura, em meados da década de 60, provocou uma verdadeira revolução na agropecuária brasileira, onde os produtores puderam ter, a baixo custo, o insumo essencial para corrigir a acidez dos solos: o calcário. O Procal - Programa Nacional do Calcário, em 1967, trouxe um incremento na produção primária. Outra vez o setor de fertilizantes foi sacudido por uma súbita demanda com a propagação da cultura de cana-de-açúcar, graças ao Proálcool, lançado em 1975. Desta forma, a produção canavieira foi impulsionada, sendo hoje responsável por 35 por cento do total dos insumos consumidos no país. Isso tudo aconteceu dentro de um quadro de crescimento estimado em 15 por cento ao ano, que se prolongou até 1980. Essa época, entretanto, foi um divisor de águas para o setor, pois o país atingiu a auto-suficiência na produção de fertilizantes. Dois ou três anos mais tarde, a área pôde verificar um grau mais elevado de maturidade, em nítida caminhada para a independência do estado. "É por isto que esse segmento da indústria ainda apresenta alguma ineficiência", explica Roger Wright, diretor do Grupo Luxma, maior fornecedor de fertilizantes do país.

O adubo tem fama de ser um insumo caro. Isto não é uma verdade, pelo menos no que se refere aos fatos comprováveis. Roger argumenta, por exemplo, com as últimas safras, quando o volume colhido apresentou um aumento de 20 milhões de toneladas de grãos.



Isso aconteceu de 1985 para cá. A cana-de-açúcar teve um acréscimo de 20 por cento; a laranja ganhou 100 por cento de produtividade, enquanto o café saltou de 30 mil sacas para 40 mil sacas. "É provável que ao redor de cinquenta por cento desses resultados se devam à utilização de fertilizantes", pondera o diretor da Adufos Trevo.

No início da década de 70, o consumo de adubo oscilava entre 3,4 a 4,0 milhões de toneladas. Ainda não tínhamos produção suficiente de maneira que 80 por cento desse produto, para suprir a demanda, era proveniente de importações. "A situação é justamente o inverso. Já em 1980, os números se inverteram, e passamos a fornecer 80 por cento das necessidades do agricultor brasileiro. Foi nesse momento que nivelamos uma produção global de seis milhões de toneladas de adubos e corretivos", revela o executivo.

Hoje, a agricultura está com um consumo de fertilizantes por volta dos 10 milhões de toneladas. "Acreditamos

que a indústria deve suprir o produtor com uma mercadoria de preços acessíveis, que permitam uma margem de lucro no mínimo satisfatória", diz Wright.

E o país já produz metade da matéria-prima que precisa para a industrialização local. A outra metade tem um peso de 500 mil dólares, ou três por cento do balanço de pagamentos. Porém, independente da evolução da indústria nacional, o país deverá continuar essas importações na medida em que não dispomos de alguns elementos essenciais na composição desses fertilizantes. □



Wright: adubo não é insumo caro

A contribuição da pesquisa para a alta produtividade gaúcha

Detalhe do arroz desenvolvido pela Embrapa. Mais produtivo e adaptado ao RS.

O lançamento, pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), através do Centro de Pesquisa Agropecuária de Terras Baixas (CPATB) e pelo Instituto Riograndense do Arroz (Irga), de novas cultivares de arroz irrigado, mais adaptadas às condições agroclimáticas do estado, contribuiu decisivamente para um aumento de produtividade de mais de uma tonelada em cada hectare semeado. O Rio Grande do Sul cultivou, na safra 87/88, 770.000 hectares.

Segundo Ormuz Rivaldo, presidente da Embrapa, graças à melhoria constante do arroz gaúcho, a produtividade alcançada no Rio Grande do Sul mostra índices muito próximos daqueles alcançados pelos mais avançados países produtores. Ele ressalta que, com as novas variedades, os produtores puderam aumentar a área cultivada, pois têm assegurada uma maior margem de lucro. Além disso, oferecem maior número de empregos na agricultura e determinam uma arrecadação em ICM sensivelmente maior, que paga o investimento em pesquisa, em apenas uma safra, em mais de 20 vezes (nesse cálculo, computa-se apenas a diferença em ICM pelo aumento de uma tonelada por hectare).

O panorama da lavoura gaúcha de arroz, em função disso, alterou-se profundamente num período curto, principalmente em se tratando de agricultura. Basta dizer que em 1980 mais de 80 por cento das lavouras gaúchas eram semeadas com uma variedade importada (bluebelle). Agora, a situação é totalmente inversa: são as variedades desenvolvidas pela Embrapa e Irga que dominam amplamente no estado (84 por cento).

Apenas para ilustrar, em 1980 a variedade bluebelle foi cultivada em 340.000 hectares do estado, com uma produtividade média de 4.000 quilos por hectare. Neste mesmo ano começava a ser introduzida a variedade BR-Irga 409, já com produtividade média de 5.700 quilos por hectare. Atualmente, a BR-Irga 409 ocupa 48 por cento da área cultivada com arroz no Rio Grande do Sul, cerca de 370.000 hectares. A BR-Irga 410 ocupa 36 por cento das lavouras, ou 277.000 hectares.

Na zona sul do estado, a 410 tem demonstrado o seu grande potencial produtivo, atingindo rendimento, em lavoura extensiva, superior a 8.000 quilos por hectare. Responde, nessa região, por 68 por cento da área cultivada (160.000 hectares).

O dado agrícola mais relevante e que demonstra o nível tecnológico atingido no Rio Grande do Sul refere-se à participação do arroz gaúcho no cenário nacional. Enquanto a lavoura irrigada do estado representa apenas 13 por cento do total semeado no Brasil, a participação na produção é de 38 por cento. O sistema irrigado adotado nas lavouras do sul tem contribuído decisivamente para o incremento da produtividade, além da alta tecnologia empregada.

Variedades lançadas a partir de 1985 (BR-Irga 411, BR-Irga 412, BR-Irga 413 e BR-Irga 414) estão entrando na lavoura com grande impacto econômico. As BR-Irga 412 e 413 apresentam o mesmo potencial produtivo das duas primeiras lançadas, com a vantagem de não apresentarem o caráter abrasividade, por serem de casca, folhas e colmos lisos. A abrasividade determina um gasto adicional em máquinas de colheita e de engenho. A pesquisa, atenta aos trabalhos no campo, identificou e resolveu o problema.

O lançamento mais recente (1987) é a BR-Irga 414, uma alternativa para a semeadura tardia (a única opção era a bluebelle), com a vantagem de apresentar maior potencial produtivo e melhor resistência à doença brusone, o que reduz custos e evita agressões ao ambiente, pela aplicação de fungicidas.

Pesquisas realizadas no centro de terras baixas identificam épocas ideais de semeadura em cada cultivar para que os produtores obtenham o máximo de rendimento. Assim, as BR-Irga 409, 410, 411, 412 e 413 devem ser semeadas no início da época ideal de semeadura do arroz em cada região orizícola. A bluebelle e a BR-Irga 414, por serem de ciclo precoce, podem ser semeadas mais tardiamente.

A redução no período de inundação do arroz, específico para cada variedade, também é uma tecnologia que vem se incorporar ao sistema produtivo, com grandes reflexos no custo de produção. O fator água é dos mais onerosos no cultivo do arroz irrigado. Hoje, a partir das pesquisas realizadas pela Embrapa-CPATB, sabe-se que a irrigação, para a bluebelle, pode ser iniciada aos 30 dias após a emergência e suprimida 10 dias após a floração plena. Ou seja, economiza-se de 15 a 20 dias de bombeamento de água. Para as cultivares como BR-Irga 409, 410, 412 e 413, a irrigação pode iniciar aos 40 dias após a emergência (com bom controle de

inços) e ser suprimida 20 dias após a floração plena.

Além de mais produtivas, as variedades desenvolvidas no sul modificaram uma prática já incorporada à lavoura de arroz, que é a aplicação de fungicidas. Diversos experimentos, em laboratório e em campos experimentais, mostram que as variedades apresentam um bom nível de resistência à brusone (principal doença que atinge os arrozais no estado) e assim dispensa o uso de fungicidas, sem afetar a produtividade.

Além da economia para o bolso do agricultor, o não-uso de fungicidas apresenta também uma maior proteção ao meio ambiente.

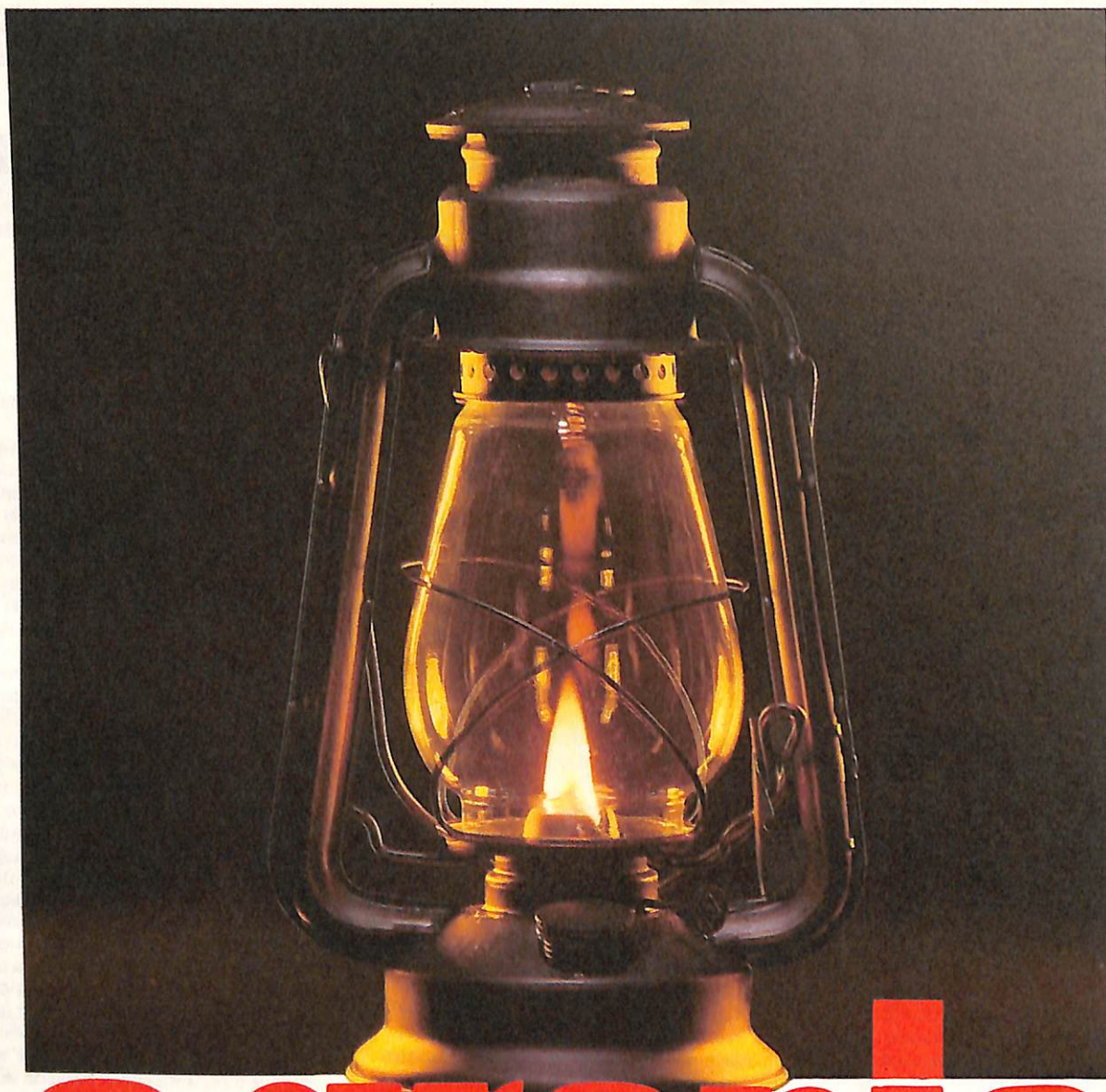
Para que se tenha idéia da significação da brusone no Rio Grande do Sul, a produção de arroz era afetada entre 10 e 15 por cento da área cultivada, causando prejuízos que iam de 10 a 100 por cento em determinadas lavouras.

Com relação à adubação, as informações liberadas a partir das pesquisas também determinam maior economia na exploração do arroz gaúcho. Identificou-se que as cultivares de porte moderno (as BR-Irga) não respondem economicamente a doses superiores a 60 quilos por hectare de nitrogênio (N) na região litoral sul do estado. Os experimentos realizados no CPATB mostram que se deve aplicar em torno de 10 quilos por hectare de N na base (semeadura) e o restante por ocasião do início da diferenciação do primórdio floral (entre 55 e 65 dias após a emergência, aproximadamente).

Quanto à adubação fosfatada e potássica, a pesquisa tem mostrado que os níveis críticos de fósforo (P) e potássio (K) são, respectivamente, de 6ppm de P e de 60ppm de K. Ou seja, em solos com teores de P e K superiores àqueles níveis, os testes mostram que raramente se observa resposta economicamente viável à maior adição destes nutrientes.



Polinização em casas de vegetação. Trabalho contínuo e de melhoramento.



a granja **45 anos**

DE PERMANENTE RENOVACÃO

A parte do boi que o Leão come

Neste artigo, o professor Helmuth Stapenhorst aborda alguns aspectos do imposto de renda na pecuária bovina

A avaliação é feita pelos preços correntes, não exige controle dos custos. Mas provoca a antecipação do pagamento do imposto de renda sobre um lucro ainda não realizado, já que a avaliação do estoque final a preço superior ao verdadeiro custo redonda na apuração de um lucro maior.

Já o sistema de preço real de custo ou histórico permite a exata apuração do resultado, pagando-se o imposto de renda efetivamente devido. Todavia não leva em consideração a inflação ocorrida no período, na avaliação do estoque final, fazendo com que o balanço não represente a posição verdadeira daquele patrimônio, pois estará registrando o valor do custo dos bovinos ao preço de custo contábil, efetivamente desembolsado ao longo do período em que o animal foi criado, sem corrigir os valores que a inflação alterou significativamente.

Na pecuária existem três atividades bem distintas. A primeira é cria, que corresponde à produção de terneiros que serão vendidos após o desmame, e

as terneiras que ficarão parcial ou totalmente para a reprodução. A recria, a segunda atividade, se constitui na produção de novilhos a partir dos terneiros, que serão vendidos para a engorda final, a última fase, composta de animais destinados ao abate.

Propomos o seguinte Plano de Contas detalhado de acordo com as normas da Receita Federal:

Ativo circulante

Rebanho bovino em formação

Terneiros(as) até um ano - nascidas na primavera e no outono;

Novilhos(as) até dois anos e de mais de dois anos.

Rebanho bovino para corte

Novilho(as) acima de três anos;

Vacas de descarte;

Touros de descarte;

Ativo permanente

Imobilizado

Rebanhos permanentes PP e PC

Novilhas prenhes PP e PC;

Vacas PP e PC;

Touros PP e PC.

Rebanhos permanentes - gado geral

Vacas comuns;

Touros comuns.

Gado de renda

Vacas leiteiras PP;

Vacas leiteiras PC e comuns

Gado de trabalho

Bois de canga.

Depreciação acumulada

Depreciação de Rebanhos Permanentes PP e PC;

Depreciação de Rebanhos Permanentes - gado geral;

Depreciação de Gado de Renda;

Depreciação de Gado de Trabalho.

Para a realização do cálculo da depreciação a ser considerada, é de ser solicitado a um especialista que defina a idade média que os animais deverão ter de vida útil, sendo normalmente considerados oito anos para gado reprodutor e dez anos para as matrizes. Portanto, a depreciação anual do primeiro seria de 12,5 por cento ao ano e de 10 por cento ao ano para as matrizes.

Outro aspecto relativo à classificação do rebanho diz respeito à decisão de incorporar, ao plantel que está no Ativo Permanente, parcela do rebanho nascido na propriedade, com a finalidade de reprodução, o que só é possível quando o gado demonstrar a aptidão de fertilidade e outras características mais.

Recomenda-se, por isso, classificar todo o rebanho nascido na propriedade como Ativo Circulante e tão-somente quando houver certeza de que os animais têm aptidão para a procriação, serão transferidos para o Ativo Permanente, no grupo do Imobilizado.

O custo histórico tem o inconveniente de não refletir no balanço a realidade do mercado, pois, ao invés de avaliar os estoques dos animais pelo preço corrente do mercado, o faz pelo custo histórico, que não considera a inflação ocorrida no período, com o que se afasta da realidade.

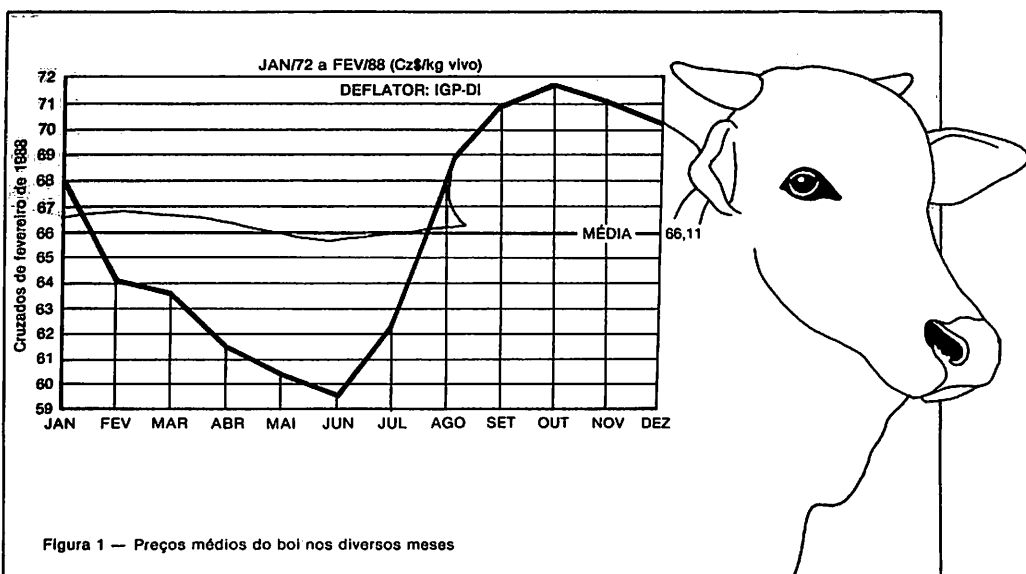


Figura 1 — Preços médios do boi nos diversos meses

Todavia, como as regras fiscais impostas não deixam outra alternativa mais racional, o indicado é obter extracontabilmente uma posição mais atualizada, apurando-se também o valor do estoque final pelos preços de mercado e, a partir daí, projetar uma posição mais real.

É bem verdade que vamos encontrar parte do estoque de animais no Ativo Permanente, sujeito, pois, à correção monetária segundo as variações das Obrigações do Tesouro Nacional, já que todo o gado reprodutor, de renda e de trabalho, está classificado no Permanente.

Para ser possível a obtenção do custo médio real de produção por animal, no período, faz-se o rateio do custo do rebanho (pessoal, alimentação do gado, medicamentos, depreciação dos reprodutores e matrizes, manutenção de cercas, exaustão das pastagens, etc...), dividindo-se o somatório pelo total de cabeças do rebanho em formação, incluídos neste os terneiros(as) nascidos(as) no período.

O custo de manutenção do gado reprodutor, de renda e de trabalho (gado já formado), será incluído no custo do rebanho em formação, ficando, assim, o custo de manutenção do gado em formação (Ativo Circulante) acrescido daqueles custos, dividindo-se o total do custo somente pelo número de animais pertencentes ao lote em formação (excluído o gado reprodutor).

Como no custo histórico só se reconhece o lucro após a venda, é de se reconhecer também a facilidade da sistemática, já que basicamente devem ser apropriados ao rebanho todos os custos ocorridos e a eles relativos, como pessoal, encargos sociais, serviços profissionais, medicamentos, vacinas, sal,

FIGURA Nº 2

RATEIO DE CUSTOS

DATA												
TIPO E IDADE DO GADO	ESTOQUE INICIAL	NASCIDOS NO PERÍODO	BAIXAS						ESTOQUE ANTES DO RATEIO	CUSTO DO PERÍODO A DISTRIBUIR	ESTOQUE FINAL	OBS.
			VENDA		MORTE		CONSUMO					
	Q		VALOR	Q	VALOR	Q	VALOR	Q	VALOR		Q	
TERNEIROS AO PÉ												
TERNEIRAS AO PÉ												
NOVILHOS 1-2 ANOS												
NOVILHAS 1-2 ANOS												
NOVILHOS 2-3 ANOS												
NOVILHAS 2-3 ANOS												
BOIS 3-4 ANOS												
VACAS 3-4 ANOS												
BOIS + 4 ANOS												
VACAS + 4 ANOS												
TOUROS PP												
TOUROS PC												

manutenção de cercas, alimentação para o gado, depreciações, exaustão das pastagens, luz e força, manutenção de máquinas e implementos, combustíveis e lubrificantes, etc....

Mensalmente, serão feitos os rateios, distribuindo-se proporcionalmente entre as cabeças de bovinos existentes em formação naquele momento, para o que utilizaremos a figura nº 2, que controla a movimentação física do rebanho, acrescenta os nascimentos e registra as baixas através de venda, morte ou consumo. Ao final, realiza o rateio do custo mensal, com apuração do estoque final contendo o valor global de cada tipo de gado, que deverá ser transcrito para a figura nº 3.

Portanto, calculados os rateios, serão eles lançados de preferência mensalmente nas fichas de estoques de cada uma das várias categorias de animais existentes no plantel, para o que utilizaremos a figura 3, denominada Ficha de Estoque que, além da quantidade fi-

sica existente mensalmente, vai informando o total do custo do lote.

Anualmente, nos meses em que os animais mudarem a idade, deverão ocorrer as transferências para as fichas correspondentes às novas categorias que passaram a ter.

Desta forma, o lote de terneiros que completar um ano deverá sair da ficha correspondente de 'terneiros até 1 ano', para a ficha de 'novilhos até 2 anos', e assim sucessivamente.

Deve-se observar também que o custo de manutenção de touros e matrizes que originam os terneiros(as) será o custo inicial destes no Ativo Circulante.

Cabe registrar que existem também outras formas de controlar os custos na pecuária, assim como elaborar os registros contábeis com técnicas mais complexas e que podem, por isso mesmo, prestar um apoio muito maior ao administrador rural.

Ao concluir, se considerarmos o comportamento atípico dos preços do gado bovino, especialmente na época do Balanço, considerando também o aumento da carga tributária que o setor passará a suportar a partir do próximo ano (N. da R.: o ano em curso de 1989), torna-se praticamente indispensável a utilização do custo histórico, mesmo com prejuízo de uma informação contábil desatualizada em valores, circunstância que, com alguma criatividade, é possível superar com poucas planilhas extracontábeis, sem perder de vista a necessidade de implantar controles eficientes e descomplicados, como necessita o setor.

FIGURA Nº 3

FICHA DE ESTOQUE

PRODUTO:							UNIDADE	
DATA	NOTA	ORIGEM/DESTINO	QUANTIDADES		CUSTO		VALOR	SALDO
			ENTRADA (SAÍDA)	SALDO	UNITÁRIO	MÉDIO		

Top de Marketing para a Kepler Weber

O Silo Gigante SG-105, montado parcialmente na última Expointer em Esteio/RS, valeu para a Kepler Weber Industrial S.A. o Top de Marketing 88. O Silo Gigante é a maior estrutura metálica armazenadora de grãos do mundo, com capacidade para 13 mil toneladas. Toda a história do marketing realizado, desde a fase de projeto até o seu lançamento e apresentação ao público, foi narrada no 'case' que acabou dando a vitória à Kepler Weber. Com duas fábricas em Panambi, a 380 quilômetros de Porto Alegre/RS, a Kepler Weber, fundada em 1925, é responsável por 70 por cento do mercado de equipamentos de limpeza, secagem e armazenamento de grãos, exportando para a África e América Latina.

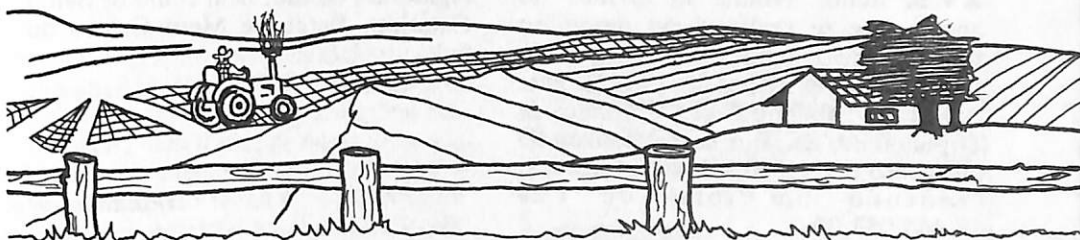
Simpósio discute preservação da madeira

A preservação dos postes de madeira no Brasil foi o tema principal do I Simpósio Sobre Utilização de Madeira Preservada na Eletrificação Rural. O encontro, que aconteceu no início de dezembro passado, em Porto Alegre, objetivou levantar discussões sobre a atividade, integrando e divulgando uma consciência associativa e esclarecendo ao público — fabricantes, comerciantes e usuários — o melhor tipo de tecnologia existente na produção de madeira tratada. A promoção foi da Associação Brasileira de Preservadores de Madeira (ABPM), com apoio da Associação Sul-Riograndense de Reflorestadores (ASRR) e da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Entre os painelistas, estava o agrônomo Cláudio Obino, assessor técnico da Flosul, Florestamento do Sul Ltda., uma das empresas patrocinadoras do evento. Obino falou sobre o sistema de produção e secagem de postes de madeira que vem sendo praticado pela empresa, com bons resultados. Trata-se de uma sistemática bastante simples, mas que exige um acompanhamento de todas as fases que o compõem, explicou o técnico.



Consórcio nacional para o produtor

A compra de equipamentos, tratores, sistemas de irrigação e implementos agrícolas ficou mais fácil para o agropecuarista com o lançamento do consórcio Garavelo Rural. Todos os participantes deste consórcio contribuem com uma mesma quantia, que varia de acordo com o preço de cada produto. O sistema é como nos demais consórcios, com sorteio de um bem e a entrega de outro através de lance. A novidade é que a prestação pode ser mensal, trimestral ou semestral, sempre coincidindo com a safra. Assim, o agricultor só faz o pagamento quando tem retorno do dinheiro aplicado na terra, por um prazo máximo de cinco anos, sem juros.



Tecnologia dá prêmio

Com a finalidade de incentivar o desenvolvimento da pesquisa e da tecnologia no Brasil, a Massey Perkins S.A., empresa do Grupo Iochpe, instituiu o Prêmio Iochpe de Tecnologia 88, com inscrições até março deste ano em qualquer unidade da empresa ou na rede de revendedores Massey. Podem ser inscritas teses de natureza teórica, projetos sem comprovação experimental e projetos com comprovação experimental sobre o aperfeiçoamento tecnológico de motores de combustão interna, abordando temas como: combustíveis alternativos, desempenho, economia de combustível, controle de poluição ambiental (gasosa e sonora), conceitos de projeto e métodos de fabricação. Os temas podem abranger itens específicos como a eletrônica aplicada, uso de novos materiais, aplicação de turbocompressores, utilização de novos óleos lubrificantes e redução da relação pe-



so/potência. O regulamento pode ser obtido na rede de distribuidores Massey Perkins.

a granja Leilões

Agenda

Rio Grande do Sul

Data	Cidade	Histórico
05/02	Herval	XI Feira de Ovinos de Verão
16/02	Quaraí	X Exposição-Feira de Ovinos de Verão
22/02	Esteio	VI Expo-feira Nacional de Ile-de-France
1º/03	Uruguaiana	XII Exposição de Ovinos de Verão
1º/03	Jaguarão	XVI Exposição de Ovinos de Verão
03/03	Vacaria	XI Feira de Ovinos de Verão
03/03	Lagoa Vermelha	VII Expo-feira de Ovinos de Verão
04/03	S. V. do Palmar	IX Feira de Ovinos de Verão
09/03	Cachoeira do Sul	XI Feira de Ovinos de Verão
18/03	Arroio Grande	VI Feira de Ovinos de Verão

São Paulo

14/03	São Paulo/SP	Feira do Fazendeiro - Gado de Leite
-------	--------------	-------------------------------------

15/03	São Paulo/SP	Feira do Fazendeiro - Gado de Corte
16/03	São Paulo/SP	Mercadão do Fazendeiro Criador
16/03	São Paulo/SP	1ª Venda Anual Lenita/Holandês

Outros Estados

11/02	Araçatuba/SP	Leilão Programa de Gado de Corte
11/02	Patos de Minas/MG	Leilão Misto
12/02	Uberaba/MG	135º Leilão de Gado de Corte da ABCZ
18/02	Araguaína/GO	Leilão Misto
18/02	Uberlândia/MG	4º Leilão Misto do Celar
25/02	Londrina/PR	Leilão Programa de Gado de Corte
25/02	Miranda/MS	Leilão de Gado de Corte
25/02	Sete Lagoas/MG	Leilão Misto
27/02	Rio de Janeiro/RJ	Leilão Verão Rio - Mangalarga Marchador

Suffolk é atração em Esteio

Mais uma vez, Esteio foi palco do "maior remate de ovinos do ano", que se realizou em dezembro passado. Pelo menos, esta foi a impressão dos 400 participantes do II Remate Anual da Cabanha Cerro Coroadó, de Tupanciretã/RS, que comercializou 93 por cento dos 1.300 animais ofertados, rendendo um total de Cz\$ 49.464.953,00.

A raça suffolk brilhou na pista, conquistando os melhores preços: uma ovelha PP, adquirida por Antônio Martins Bastos Filho, de Uruguaiana/RS, por Cz\$ 990.000,00; como segundo melhor preço, pelo mesmo comprador, uma borrega PP, por Cz\$ 810.000,00.

O melhor preço da raça ile-de-france coube a uma ovelha PP, vendida por Cz\$ 480.000,00 ao criador Gilberto Bülau, de Viamão/RS. Já um borrego PP, adquirido por Eloir Nogueira, de Palmas/PR, que pagou Cz\$ 300.000,00, se constituiu no segundo maior preço.

Também foi apresentado em pista, marcando o lançamento do Centro de Reprodução Ovina Cerro Coroadó, o carneiro Slickster 112 LX, recentemente importado dos Estados Unidos. Este reprodutor, cujo investimento foi de US\$ 15.000,00, teve uma cobertura vendida no valor de 60 OTNs.

O proprietário da Cerro Coroadó, Armando Chaves Garcia de Garcia, observou que o resultado superou a expectativa, salientando a "importância

da participação de criadores de várias regiões do estado, bem como de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul".

Garcia:
resultado além
da expectativa



Resultados da Comercialização		
Raça ile de france		
Descrição	Valor	Média
27 borregos PP	4.746.000,00	176.000,00
07 carneiros PP	942.000,00	134.571,00
11 borregas PP	3.984.000,00	362.182,00
06 ovelhas PP	2.256.000,00	376.000,00
46 borregas CT1	1.418.000,00	30.827,00
Descrição	Valor	Média
11 borregas CT2	528.000,00	48.000,00
98 cordeiras CT1	3.095.000,00	31.580,00
45 cordeiras CT2	1.980.000,00	44.000,00
14 cordeiras CT3	882.000,00	63.000,00
490 cordeiros p/abate	8.952.500,00	18.270,00
Raça suffolk		
Descrição	Valor	Média
13 borregas PP	4.518.000,00	347.540,00
04 borregas PP	2.910.000,00	727.500,00
05 ovelhas PP	3.840.000,00	768.000,00
120 cordeiras CT1	4.020.000,00	33.500,00
10 cordeiras CT2	600.000,00	60.000,00
283 cordeiros p/abate	4.506.000,00	15.923,00
01 cobertura carneiro Slickster 112 LX	287.453,00 (60 OTN's)	



a granja Leilões

Resultados

II Exposição do Clube do Cavalo

De 28 de março a 3 de abril, o Clube do Cavalo realizará a sua II Exposição do Clube do Cavalo, no parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS. As inscrições estarão abertas até o dia 29 de fevereiro junto às associações especializadas. Já estão acertadas as participações de 50 exemplares da raça mangalarga paulista; 20 da raça pônei; 40, quarto-de-milha; 40, appaloosa; 160, árabe; 4, pêga; 3, morgan; 3, percheron; e 50 mangalarga marchador. Os organizadores informam que praticamente todas as associações realizarão exposições de nível nacional, inclusive contando pontos para o ranking nacional das raças. Além do Rio Grande do Sul, a comissão organizadora espera contar com animais de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Apesar da previsão de provas funcionais e demonstrações de rédeas com a presença de cavalos de São Paulo, o grande destaque da programação ficará com o II Leilão Clube do Cavalo. As vendas acontecerão nos dias 31/03 e 1º/04, no pavilhão de leilões do parque, e o pagamento será em uma mais cinco parcelas iguais ou em 14 corrigidas. Os criadores gaúchos da raça árabe, além de participarem do leilão, estão programando uma venda especial no Salão de Convenções do Plaza São Rafael.

Cara nova no "Ovinos de Verão"

A 6ª Feira de Ovinos de Verão Tipo Carne, promovida pelas Associações Brasileiras de Criadores de Hampshire Down, Suffolk e Texel, será realizada dias 15 e 16 de fevereiro, no Parque Assis Brasil, em Esteio/RS. As três entidades pretendem reunir 800 ovinos, constando da oferta fêmeas CGs, RD, SO e PP; machos SO e PP e cordeiros para abate. A feira costumava ocorrer em março, mas foi antecipada a pedido dos criadores, a fim de possibilitar o encarneamento mais cedo.

Eqüinos

Data	Raças	Local	Média geral	Total	Animais
03/11	Mangalarga	São Paulo/SP	1.166.558	198.320.000	170
19/11	Mangalarga marchador	São Paulo/SP	703.783	26.040.000	37
20/11	Campolina	São Paulo/SP	1.983.870	61.500.000	31
21/11	Árabe	São Paulo/SP	26.529.729	981.600.000	37
03/12	Cavalo brasileiro de hipismo	São Paulo/SP	6.042.857	169.200.000	18

Bovinos

Data	Raças	Local	Média geral	Total	Animais
18/11	Pardo-suiço	São Paulo/SP	1.465.500	58.620.000	40
23/11	Gir	São Paulo/SP	1.121.052	42.600.000	38
24/11	Canchim	São Paulo/SP	2.112.000	73.920.000	35
26/11	Nelore	São Paulo/SP	1.032.000	73.372.000	73
28/11	Nelore	São Paulo/SP	2.652.765	124.680.000	47
1º/12	Jersey	São Paulo/SP	2.363.947	89.830.000	38

As inscrições para vendedores ficarão abertas até a data da feira, devendo ser efetuadas junto às associações. Não há taxas, nem limite de número de animais por categoria ou faixa etária. Uma comissão técnica da Arco inspecionará os lotes no local, antes da venda, assegurando o padrão qualitativo.

As vendas se processarão em dois dias, realizando-se dia 15 o leilão das raças hampshire down e texel e, dia 16, o da representação de suffolk, mais numerosa, sempre com início às 15 horas. No ano passado, foram comercializados 309 animais, pelo total de Cz\$ 5,894 milhões. Os presidentes Miguel Fernandes, do Hampshire Down; Ronald Lessa, do Suffolk, e João Laitano, do Texel, estão otimistas com relação às vendas, pois em 88 os ovinos-carne tiveram seus preços corrigidos acima do índice de inflação, em relação a 87.

Durante a feira, será feita a apresentação ao mercado da raça Border Leicester, introduzida recentemente no Rio Grande do Sul. A Associação de Criadores de Border, presidida por Glênio Prudente, deverá integrar-se à Febrocarne (Federação das Associações de Criadores de Ovinos-Carne), que também participa da promoção.

A comercialização estará a cargo dos escritórios Knorr Remates e Trajano Silva.

MAIOR SAÚDE À SUA LAVOURA

com

AMINON

- o biofertilizante orgânico foliar
- maior resistência das plantas contra pragas e doenças

e

RIBUMIN

- o fertilizante orgânico humificado
- melhora a estrutura e a qualidade do solo

PRODUTIVIDADE
E QUALIDADE
COM ECONOMIA

Consulte-nos

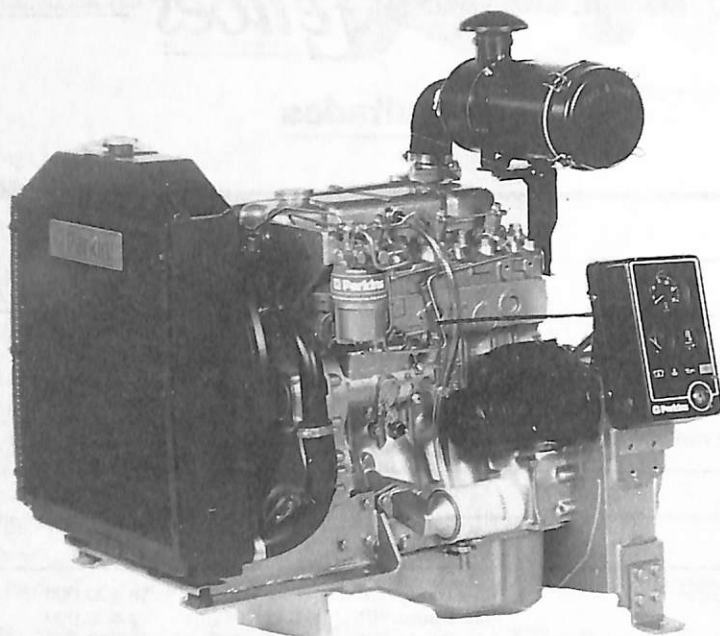
011.261.5422

TECHNES
TECHNES AGRÍCOLA LTDA.



Av. Dr. Gastão Vidigal, 170
Vila Leopoldina - CEP 05314
São Paulo - SP - Telex: 11 82754

NOVIDADES NO MERCADO



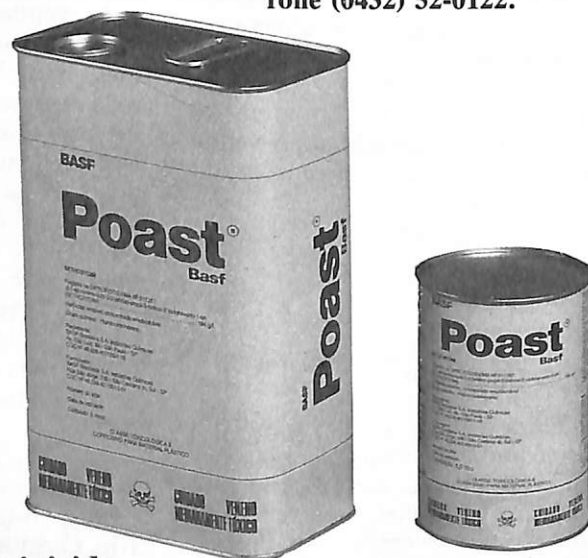
Motores industriais — Nova família de motores estacionários que dispõe de potências contínuas entre 38 e 122cv (30 a 100kVA), dimensionados para oferecer melhor rendimento e menor gasto de energia por trabalho realizado. Possuem, os conjuntos, radiadores dimensionados para temperaturas ambientes de até 50 graus centígrados, filtros de combustível duplos em série, ventiladores soprantes com grade de segurança, volantes adaptados para embreagem e/ou acoplamento elástico e sistemas de escapamento concebidos para controlar o nível de ruído com eficiência. A linha de motores inclui modelos de três, quatro e seis cilindros em linha aspirados, e mais dois turbinados de seis cilindros, abrangendo potências de sobrecarga que variam de 42 a 135cv (33 a 110kVA). **Massey Perkins S.A.**, av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1830, CEP 04543, São Paulo/SP, fone (011) 815-6644.



Herbicida — Pós-emergente, em embalagem de 100 mililitros, ideal para usar em aplicações localizadas. O Glifosato Nortox possui um dosador na própria tampa, evitando o desperdício no momento da aplicação e do combate dos problemas causados pela tiririca e outros matos. **Nortox Agro Química S.A.**, rodovia Melo Peixoto, km 197, CEP 86700, Arapongas/PR, fone (0432) 52-0122.



Empilhadeira de sacos — Fabricada em quatro modelos — ES 6, 8, 10, 12 —, esta empilhadeira pode também ser usada para o transporte de caixas e pacotes. Dados técnicos: largura da correia, 508 milímetros; roletes em tubo de aço com rolamentos e retentores; acionamentos motorizados independentes com redutores de velocidade e chaves de reversão; estrutura em tubos de aço; apoio em rodas de borracha maciça com giro de 360 graus. **Saffra Ind. de Implementos Agrícolas Ltda.**, av. Expedicionário Weber, 3207, fone (055) 512-3377, caixa postal 100, Santa Rosa/RS.



Graminícida em nova embalagem

— Nos volumes de um e cinco litros acompanhados do adjuvante oleoso Assist. O graminícida é pós-emergente seletivo para culturas não-gramíneas como a soja, algodão, feijão, eucalipto, fumo, entre outras. **BASF Brasileira S.A.**, av. São Luiz, 86, 19º andar, CEP 01046, caixa postal 5187, São Paulo/SP, fone (011) 234-5211, Divisão Agroquímica.



Alimento — Formulado especificamente para atender às necessidades nutricionais dos bezerros lactentes. Conforme o fabricante, é sucedâneo do leite materno a partir do quarto dia de vida. O produto é formulado na base de 25,5 por cento de proteína, contendo ainda teores de aminoácidos, vitaminas e sais minerais. Em níveis preventivos, constam ainda da fórmula medicamentos que combatem as principais doenças infecciosas observadas neste estágio da criação. Disponível em embalagem de 20 quilos, sendo suficiente para desmamar um bezerro. **Purina Nutrientes Ltda.**, av. Nações Unidas, 13.797, CEP 04794, São Paulo/SP, fone (011) 531-7755.



Vermífugo — Em solução injetável e pó solúvel, recomendado pelo fabricante para bovinos, suínos, aves e ovinos, de amplo espectro e dupla ação, sendo imunostimulante inespecífico. A solução injetável é apresentada em frascos de 30 e 100 mililitros e em envelopes de 30 gramas. **Laboratórios Alfa do Brasil S.A.**, rua Alexandre Dumas, 894, Santo Amaro, CEP 04717, São Paulo/SP, fone (011) 521-5400.



Pulverizador — É o Caçula, acoplável em microtratores. Possui tanque em fibra de vidro com capacidade para 200 litros; bomba de dois pistões com vazão de 25 litros por minuto; pressão de trabalho de 200 libras; completo com duas pistolas; chassi reforçado e engate rápido. Outras características: peso líquido, 145kg; altura do eixo, 150mm; comprimento, 1930mm; largura, 1100mm. **K.O. Máquinas Agrícolas Ltda.**, av. Major Hilário Tavares Pinheiro, 2300, fone (0163) 22-1625, telex 162 440 KOAL, caixa postal 260, CEP 14870, Jaboticabal/SP.



Tubos para irrigação — Em dois novos diâmetros para irrigação, drenagem, garimpo e construção civil: três e quatro polegadas, e 160 milímetros. Totalmente em polietileno de baixa, média e alta densidades, têm paredes próprias para diferentes especificações, podendo suportar pressões de até 200 libras/centímetro quadrado, que correspondem a 132 metros de coluna d'água. Podem ser fabricados de acordo com as características de cada projeto. **Drenovárzea - Drenagem, Irrigação e Recuperação de Solos Ltda.**, Distrito Industrial de Gravataí/RS, fones (0512) 88-4545 e 88-4347.



Sistema de irrigação — Por aspersão linear, baseado numa movimentação contínua do equipamento de irrigação, aplicando água uniformemente sobre todos os pontos da área. O equipamento se desloca numa área retangular de grandes proporções (até 300 hectares), superando problemas vitais de área e mão-de-obra, conforme levantamento do fabricante. A estrutura (lançes) é baseada, para grandes áreas, na do pivô central convencional, e, para áreas menores, a estrutura segue a do minipivô. **Asbrasil S.A.**, av. Senador Vergueiro, 3.327/29, CEP 09740, São Bernardo do Campo/SP, fone (011) 455-3266.

Novos desafios no campo

O ministro da Agricultura, Reforma Agrária e Irrigação, Íris Rezende, fala das responsabilidades da agropecuária nos tempos do cruzado novo

A era que se abre diante dos brasileiros com o cruzado novo aumenta a responsabilidade da nossa agropecuária diante da obra de recuperação da economia nacional, de elevação do nível de vida da sociedade e de construção de uma nação socialmente mais justa. Com a conquista de produções recordes nos últimos anos, colhendo as maiores safras de toda a sua história, a agropecuária já assumiu uma grande responsabilidade, como nunca nas últimas décadas. Além de garantir o abastecimento do mercado interno, coube à agropecuária gerar a renda que se distribuiu por todos os outros setores da economia nacional, levando a cada um deles um sopro de alento que lhes permitia conquistar taxas positivas de crescimento, apesar de toda a crise que os envolvia. Mais ainda, a agricultura, além de mover com sua produção e sua renda todos os setores econômicos, gerou empregos e redistribuiu a renda nacional. Tornou-se o setor econômico em melhores condições para impulsionar todos os outros e oferecer contribuição considerável à implantação de uma sociedade mais justa e harmônica.

Como ministro da Agricultura, seria natural que eu fosse levado a conceder ao setor rural uma importância maior do que aquela que a sociedade urbana lhe concede. Mas não há exagero nisso. Para comprovar, aproveito dados estatísticos revelados pela secretaria da Fazenda do estado de São Paulo, a respeito da evolução das vendas de varejo — uma área comercial que expressa com nitidez a capacidade de consumo de uma sociedade. Os números demonstram, por exemplo, que no primeiro semestre do ano passado as vendas a varejo no estado de São Paulo apresentaram um crescimento real de 3,8 por cento no faturamento, em relação ao mesmo período do ano anterior, apesar da alegada crise econômica. Mas a ven-

da caiu em 4,5 por cento na região metropolitana, a chamada Grande São Paulo. Como foi possível crescer no estado e cair na capital? O número final do estado foi positivo porque o interior apresentou a estupenda taxa de crescimento de 15,2 por cento nas vendas a varejo. O interior pôde crescer tanto por causa da safra agrícola do primeiro semestre. Safra abundante que encontrou duas coisas a seu favor: preços mínimos favoravelmente definidos pelo governo federal e preços interessantes nos mercados interno e externo. Se há preços bons, a produção cresce.

Enfim, surge agora um novo desafio com o cruzado novo. Nós, do campo, estamos acostumados a lidar diariamente com desafios, a começar pelo fato de que, logo ao acordarmos, a primeira coisa que fazemos é olhar para o céu à procura de sinais de chuva. A austeridade com que o governo procura revestir a sua máquina administrativa também não nos é estranha. Estamos acostumados a trabalhar com recursos modestos, a usar a criatividade para superar obstáculos. E temos um trabalho que está dando certo. Colhemos as maiores safras da história nacional e não tivemos dificuldades em

armazená-la ou transportá-la. Nada se perdeu por falta de armazéns ou transporte, ainda que à custa de improvisações criadas pela imaginação do nosso povo.

Com toda a convicção e consciência de que realiza um trabalho que está dando certo e tem futuro, o Ministério da Agricultura assume neste momento uma força ainda maior, com a incorporação das responsabilidades pela reforma agrária e a irrigação. Vamos exercer esse poder para, como fizemos nos últimos três anos, abrir o processo de decisão em Brasília à participação de todos os segmentos envolvidos na agropecuária.

É seguindo esse princípio de democratização do processo de decisão que estamos discutindo em cada estado o anteprojeto para a nova lei agrícola que a Constituição determina ao Congresso Nacional aprovar. Fizemos o nosso texto para a nova lei e o discutimos com todos os segmentos agropecuários, públicos ou privados. Depois dessa discussão, reformulamos o texto e estamos novamente com ele em discussão. Vamos discutir até que surja um consenso que nos permita sugerir ao presidente José Sarney um projeto comum para envio ao Congresso Nacional.

Queremos uma lei agrícola que não faça outra coisa diferente do que estamos fazendo, que institucionalize a democratização do processo de decisão, de modo que ele não dependa mais da boa vontade do eventual ministro da Agricultura.

Lutamos pela institucionalização de regras definitivas de uma política agrícola que consolide de uma vez a agropecuária e torne irreversível sua emancipação, como irreversível é o compromisso do campo com o futuro da sociedade brasileira. Para isso, convocamos todos a participarem dessa obra de emancipação da agropecuária.



TRATOR BEM CUIDADO TEM O OLHO DO DONO.



E O ÓLEO DO DONO.

Como tudo na fazenda, trator pra ficar sempre novo tem que ter o olho do dono. E para facilitar a sua vida a Castrol tem o óleo do dono: AgriCastrol AS Especial. Recomendado pela Massey Ferguson, AgriCastrol AS Especial é um óleo multiuso para ser aplicado em conjunto com Castrol Tropical Turbo ou Super.

Você usa Tropical Turbo ou Super no carter e AS Especial nos demais sistemas do trator: câmbio, transmissões, freio úmido e tomada de força. Além de aditivos para estes sistemas, AgriCastrol AS Especial contém um aditivo especial para eliminar o problema do ruído na frenagem.

Maior tecnologia para facilitar o seu trabalho, seu estoque e economizar na manutenção. AgriCastrol AS Especial. O óleo multiuso do dono.



**QUEM MAIS ENTENDE
DE ÓLEO NO MUNDO.**

AgriCastrol

A CASTROL PRESENTE NO CAMPO.

AgriCastrol AS Especial (recomendado pela Massey Ferguson e Valmet), AgriCastrol MP e AgriCastrol TFT 100 (recomendado pela Dedini-Toft).

Do primeiro beijo, a gente nunca esquece.



® marca registrada Roussel Uclaf

CD-43

Carinho. Proteção. Natureza. Quando você usa Decis no café, é com isso que você se depara. Além de respeito. Inovação. Evolução. Solução. Decis é colheita farta. É o vôo livre ao natural. Ao verde. Com a emoção da pureza. Com a emoção do primeiro beijo.



DECIS. AS PRAGAS SOMEM.
A NATUREZA FICA.



decis®
A decisão segura.